




Coletânea de textos Nordestinos a Ler 3


Luciana Bessa Silva
Hemerson Soares da Silva
Bárbara L. A. F. Mota
Bruna Aretha Nergino Pereira

 @nor.destinados



Coletânea de textos Nordestinados a Ler **3**

Luciana Bessa Silva
Hemerson Soares da Silva
Bárbara L. A. F. Mota
Bruna Aretha Nergino Pereira

 @nor.destinados

Ficha Editorial

Organização

Luciana Bessa Silva
Hemerson Soares da Silva
Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota
Bruna Aretha Nergino Pereira

Projeto editorial e diagramação

Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota
Hemerson Soares da Silva

Autorias

Alexandre Lucas
Ana Beatrice G. Nazario
Bruna Aretha Nergino Pereira
Carla Pereira de Castro
Dark Ferreira
Emily dos Santos Silva
Emanuel Wilecy
Fabiano Santiago Lopes
Francinilda Santiago Lopes

Francisco Joherbete
Hemerson Soares da Silva
Micael Sousa
Isaac da Silva Campos
Isabele Vasconcelos Palmeira
Janaina Cruz
João Paulo DiCarvalho
Kassya Luiza Ribeiro Romão
Leila Cardoso de Lima

Letícia Isabelle Alexandre Filgueira
Luciana Bessa Silva
Maykon Ferreira
Maria Luiza Pereira Taveira
Maria Novais Miranda Neta
Renato Mendes
Shirley Pinheiro Lima
Taynara Oliveira
Tainara dos Santos Bento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Coletânea de textos: Nordestinados a Ler 3 [recurso eletrônico] / Organizadores: Luciana Bessa Silva, Hemerson Soares da Silva, Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota, Bruna Aretha Nergino Pereira. – Juazeiro do Norte-CE: Universidade Federal do Cariri, 2024.
273 p.: il. color.; 9,8 MB (PDF)/13,2 MB (e-pub)

ISBN 978-65-00-93891-3

1. Literatura. 2. Nordestinados a Ler. 3. Mulheres. 4. Coletânea de textos. I. Silva, Luciana Bessa. II. Silva, Hemerson Soares da. III. Mota, Bárbara Larissa Alexandre Filgueira. IV. Pereira, Bruna Aretha Nergino.

CDD: 808.88

CDU: 82-8

Bibliotecária: Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota – CRB-3/640



O trabalho **Coletânea de Textos: Nordestinados a Ler 3** organizado por Luciana Bessa Silva, Hemerson Soares da Silva, Bárbara L. A. F. Mota e Bruna Aretha Nergino Pereira está licenciado com uma [Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Sumário

PREFÁCIO	15
HOMENAGEADOS	17
A força telúrica de Natércia Campos.....	18
<i>Luciana Bessa</i>	
Caio Fernando Abreu, o arauto dos excluídos.....	20
<i>Shirley Pinheiro</i>	
A visceralidade de Caio Fernando Abreu	25
<i>Luciana Bessa</i>	
Cássia Eller: uma voz sempre viva	27
<i>Luciana Bessa</i>	
Chá inventado	30
<i>Alexandre Lucas</i>	
Vejo Música e Literatura em você: Chico Buarque.....	32
<i>Luciana Bessa</i>	
Conceição Evaristo: acessando o mundo pelas palavras	35
<i>Luciana Bessa</i>	
Leitor: um descobridor de mundos.....	37
<i>Luciana Bessa</i>	
Jarid Arraes: uma peixinha-sereia	39
<i>Luciana Bessa</i>	
Viva João Ubaldo Ribeiro	41
<i>Luciana Bessa</i>	

As facetas de Lenita Miranda.....	44
<i>Luciana Bessa</i>	
Luiz Gonzaga, “minha sanfona, minha voz, o meu baião”	46
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Marisa Monte – “Ainda bem que encontrei você”	51
<i>Luciana Bessa</i>	
Mulheres que escrevem.....	53
<i>Luciana Bessa</i>	
Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar.....	55
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Precisei me “encontrar” com Cartola	58
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Rádio e Literatura: em sintonia com a palavra	60
<i>Luciana Bessa</i>	
Rita Lee, a mulher que fez um monte de gente feliz	62
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Viva o cinema brasileiro.....	65
<i>Luciana Bessa</i>	
INDICAÇÕES DE LIVROS.....	67
Um mosaico de amor-dor-alforria.....	68
<i>Luciana Bessa</i>	
Depois Daquilo	70
<i>Luciana Bessa</i>	
Lãs ao Vento.....	72
<i>Luciana Bessa</i>	
Memorial de Maria Moura.....	74
<i>Luciana Bessa</i>	
Nem uma vez uma voz humana	77
<i>Luciana Bessa</i>	

O som do rugido da onça79
Luciana Bessa

Outras Poesias e Além do Silêncio.....82
Luciana Bessa

Semíramis84
Luciana Bessa

+ GÊNEROS86

40 minutos87
Taynara Oliveira

A cor azul89
Ana Beatrice G. Nazario

A despedida da flor.....90
Francinilda Santiago Lopes

A força da mulher na obra Éramos Seis, de Maria José Dupré92
Luciana Bessa

A força leitora das Mulheres Gattai94
Luciana Bessa

A luta pelos meus96
Isaac da Silva Campos

A Morte é inesperada, mas às vezes é desejada97
Emily dos Santos Silva

A mulher na Literatura de Cordel.....98
Luciana Bessa

A não valorização do professor dentro de sala de aula.....100
Letícia Isabelle Alexandre Filgueira

A poesia que ficou na geladeira103
Alexandre Lucas

Açaí com suflê	105
<i>Alexandre Lucas</i>	
Acho que era amarelo	106
<i>Alexandre Lucas</i>	
Acredito	107
<i>Emanuel Wilecy</i>	
Água nunca é de sempre	108
<i>Alexandre Lucas</i>	
Ainda não estou em casa	109
<i>Alexandre Lucas</i>	
Alma de poeta	110
<i>Dark Ferreira</i>	
Ambiguidade atroz	111
<i>Fabiano Santiago Lopes</i>	
Aqui nunca foi rosa	114
<i>Alexandre Lucas</i>	
Chupa essa manga	115
<i>Carla Pereira de Castro</i>	
As linhas de domingo	117
<i>Alexandre Lucas</i>	
Assassinam a minha mãe	119
<i>Alexandre Lucas</i>	
Bailarina	120
<i>Janaina Cruz</i>	
Banana	121
<i>Alexandre Lucas</i>	
Brota rosas da varanda	122
<i>Alexandre Lucas</i>	

Cacau	123
<i>Maria Luiza Pereira Taveira</i>	
Carta ao Mar	125
<i>Leila Cardoso de Lima</i>	
Carta para o meu amor	126
<i>Alexandre Lucas</i>	
Cartas de ausência	129
<i>Alexandre Lucas</i>	
Catar sonhos	130
<i>Alexandre Lucas</i>	
Clara é a fogueira	131
<i>Alexandre Lucas</i>	
Close: um filme para sentir	132
<i>Renato Mendes</i>	
Comi lentamente	135
<i>Alexandre Lucas</i>	
Conferências de cultura e a luta por participação, planejamento e dinheiro	136
<i>Alexandre Lucas</i>	
Confissões - de Agostinho a Petrarca	138
<i>Luciana Bessa</i>	
Convite Literário	140
<i>Luciana Bessa</i>	
Costurado na rede	142
<i>Alexandre Lucas</i>	
Crato: 2% do orçamento para cultura, ainda é pouco	144
<i>Alexandre Lucas</i>	
Crato: Frente ampla com caráter progressista	146
<i>Alexandre Lucas</i>	

Crato: Sistema Municipal de Cultura e a luta pelos 2%	148
<i>Alexandre Lucas</i>	
Botando boneco: descobrindo a diversidade cultural entre amigas	151
<i>Dark Ferreira</i>	
Cultura Viva conhecer, defender e diferenciar	153
<i>Alexandre Lucas</i>	
Denunciante	155
<i>Alexandre Lucas</i>	
Consciência Negra: esse dia é pra quê?	156
<i>Luciana Bessa</i>	
Penso, logo tenho liberdade.....	158
<i>Luciana Bessa</i>	
O poder dos livros infantis	161
<i>Luciana Bessa</i>	
Dívidas Literárias: em homenagem a Nilton Maciel	163
<i>Ivan Melo</i>	
É tempo de guerra	166
<i>Alexandre Lucas</i>	
Ela existe.....	167
<i>Alexandre Lucas</i>	
Ela se esfregava	168
<i>Alexandre Lucas</i>	
Então é Natal e o que você fez?... Amigo, eu me desesperei!.....	169
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Éramos cinco.....	172
<i>Tay Oliveira</i>	
Escuto absurdos.....	174
<i>Alexandre Lucas</i>	

Eu ainda não sei o que sinto.....	175
<i>Tay Oliveira</i>	
Eu não sou flor.....	177
<i>Alexandre Lucas</i>	
Faz frio entre as fogueiras	178
<i>Alexandre Lucas</i>	
Felinos em festa	179
<i>Dark Ferreira</i>	
Futebol é coisa de mulher!	181
<i>Shirley Pinheiro</i>	
Hoje é dia de me rasgar	184
<i>Alexandre Lucas</i>	
Julgada	186
<i>Alexandre Lucas</i>	
Karma.....	187
<i>Micael Sousa</i>	
Lágrimas de amor.....	188
<i>Emanuel Wilecy</i>	
Liberdade Ltda.....	189
<i>Fabiano Santiago Lopes</i>	
A Literatura Fantástica de Murilo Rubião	191
<i>Luciana Bessa</i>	
Maio, um mês com muitas reflexões e encontros.....	193
<i>Luciana Bessa</i>	
Resident Evil 4 Remake: um relato nostálgico de um nordestinado gamer.....	195
<i>Hemerson Soares da Silva</i>	
Chá inventado.....	198
<i>Alexandre Lucas</i>	

Bem vendido	200
<i>Alexandre Lucas</i>	
Martelo quebrado	201
<i>Alexandre Lucas</i>	
Meus amigos	202
<i>Micael Sousa</i>	
Mulheres (Dádiva)	203
<i>Francisco Joherbete</i>	
Música brasileira	204
<i>Maria Novais Miranda Neta</i>	
Nada é de graça	207
<i>Alexandre Lucas</i>	
No bolso da cabeça	208
<i>Alexandre Lucas</i>	
O coração foi consumido	209
<i>Alexandre Lucas</i>	
O diário da rua	210
<i>Alexandre Lucas</i>	
O escritor e o público	211
<i>Luciana Bessa</i>	
O fruto continua proibido	213
<i>Alexandre Lucas</i>	
O grito se fez pó	214
<i>Alexandre Lucas</i>	
O homem de blusão preto	215
<i>Alexandre Lucas</i>	
O meu valor importa?	216
<i>Kassya Luiza Ribeiro Romão</i>	
O olhar do artista	217
<i>Luciana Bessa</i>	

Estava pensando aqui no Dia do Professor.....	219
<i>Luciana Bessa</i>	
O sangue veio.....	221
<i>Alexandre Lucas</i>	
O singular ritmo de Anne	222
<i>Dark Ferreira</i>	
O texto nosso de cada dia.....	223
<i>Luciana Bessa</i>	
Os conselhos de cultura e a democracia cultural.....	225
<i>Alexandre Lucas</i>	
Os pratos aguardam	227
<i>Alexandre Lucas</i>	
Panorama.....	228
<i>Fabiano Santiago Lopes</i>	
Pérola Negra.....	230
<i>Francinilda Santiago Lopes</i>	
Por mais investimento na Cultura do Crato	231
<i>João Paulo DiCarvalho</i>	
Portas, flores e molotovs	233
<i>Alexandre Lucas</i>	
Prestação de Contas.....	234
<i>Luciana Bessa</i>	
Procura-se uma casa.....	236
<i>Alexandre Lucas</i>	
Uma universidade nasce e cresce.....	237
<i>Luciana Bessa</i>	
Eros: um deus de sete faces	239
<i>Luciana Bessa</i>	
Rosto celeste.....	242
<i>Alexandre Lucas</i>	

Segue a viagem	243
<i>Alexandre Lucas</i>	
Sei que sou jovem	244
<i>Isabele Vasconcelos Palmeira</i>	
Sinais de desconfiança	245
<i>Alexandre Lucas</i>	
Sobra algo	247
<i>Alexandre Lucas</i>	
Sou Juazeirense	248
<i>Maykon Ferreira</i>	
Sou uma mentira	250
<i>Alexandre Lucas</i>	
Sou	251
<i>Isabele Vasconcelos Palmeira</i>	
Sublime Amor	252
<i>Fabiano Santiago Lopes</i>	
Tem um redemoinho na barriga	255
<i>Alexandre Lucas</i>	
Tentei falar	256
<i>Alexandre Lucas</i>	
The Last Of Us	257
<i>Renato Mendes</i>	
Todas as cores da cultura: flores será	261
<i>Dark Ferreira</i>	
Um bom batedor	263
<i>Alexandre Lucas</i>	
Um desconhecido para se conhecer: Raimundo Lázaro Ribeiro	264
<i>Taynara Oliveira</i>	
Um outubro coberto de Rosa	267
<i>Luciana Bessa</i>	

Uma leitora e seu carnaval	269
<i>Luciana Bessa</i>	
Vazia	271
<i>Tainara dos Santos Bento</i>	
Ventos	272
<i>Alexandre Lucas</i>	
Você se torna eternamente responsável pelo que lê e pelo que não lê	273
<i>Luciana Bessa</i>	

Prefácio

Luciana Bessa

Para dar visibilidade a produção literária de mulheres com foco na região Nordeste, já que ao longo da história elas ocuparam um papel secundário, foi criado o Blog Literário Nordestinados a Ler. Sem acesso ao papel e a caneta, a atuação feminina esteve restrita ao ambiente doméstico. Esse silenciamento não permitiu que as mulheres fossem protagonistas de sua própria narrativa, logo, o Cânone Literário foi (continua sendo) protagonizado por homens – brancos e de famílias abastadas.

O Nordestinados a Ler é uma ferramenta que nasceu com o propósito de compartilhar informações sobre: agremiações literárias, indicação de livros, de pesquisas e de eventos, vida e obra de escritoras/es, pioneirismo feminino em diferentes áreas, entrevistas com autoras/es etc. Cadastrado na Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT) em 2020, da Universidade Federal do Cariri (UFCA) como um projeto interdisciplinar, dialógico e interativo, o Nordestinados a Ler busca evidenciar uma Literatura que foge do eixo Rio-São Paulo e escrita pelo sexo masculino.

Os manuais literários expõem autores cuja produção se concentra no Sul-Sudeste. Embora de grande importância para repensar nosso passado de colonos, existiu/existe uma vida literária e cultural no Nordeste brasileiro intensa, crítica e instigante esperando para ser conhecida, debatida e

difundida.

Esse e-book é um compilado dos textos publicados no Blog Literário Nordestinados a Ler (<https://nordestinadosaler.com.br/>) durante o ano de 2023. Ao todo são cento e quarenta e dois (142) textos que permitirão ao leitor relembrar nomes de destaque da cultura literária produzida no Nordeste, como é o caso de Rachel de Queiroz, mas, sobretudo possibilitarão conhecer escritoras que, infelizmente, têm seu nome / obra pouco divulgados: Natércia Campos, Cássia Eller, Lenita Miranda, Jarid Arraes, entre outras.

Convidamos a todos e todas a conhecer, ler e compartilhar, por meio desta 3ª Coletânea, a literatura de autoria feminina produzida no Nordeste brasileiro, uma região construída com base em desigualdades sociais, geográficas e políticas, mas permeada por um povo inteligente e aguerrido, que transforma suas lutas e seus conflitos em narrativas que ora compartilhamos com vocês.

Boa leitura!!!

Luciana Bessa Silva

*Idealizadora do Blog Literário Nordestinados a Ler
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC)*



Homenageados

A força telúrica de Natércia Campos

Luciana Bessa

Ser mulher-escritora e não nascer e/ou frequentar o eixo Sul-Sudeste pressupõe que sua obra fique em um dos últimos lugares no cânone literário brasileiro. Foi isso o que aconteceu com várias beletristas nordestinas, dentre elas, destaque para Natércia Campos, filha de um dos maiores contistas do século XX, o escritor Moreira Campos, autor de **Dizem que os cães veem coisas** (1987), considerada pela crítica especializada sua obra-prima.

Na infância, Natércia adorava escutar histórias dos irmãos Grimm, Andersen e Perrault. Na adolescência, transformou-se em uma leitora voraz de Câmara Cascudo, seu mestre, Monteiro Lobato, Jorge Medauar, Gabriel García Márquez e, claro, do próprio pai, que adorava escutá-la falar sobre suas leituras. Foi em um desses momentos de escuta, que o pai lhe teria dito: Natércia, “Você é uma contadora de histórias”.

Somente na década de 80, a Natércia leitora cedeu espaço para a Natércia escritora. Seu primeiro conto publicado chamava-se “A Escada” (1987), que traz à tona a história de uma personagem oprimida pela presença de uma mulher (Morte), que ninguém em sua casa era capaz de vê-la, apenas ela, que enxergava não com os olhos, mas com as sensações dentro de si. O tom de angústia é a tônica do conto, cuja personagem precisava se “libertar da escuridão que a envolvia”, mas para alcançar a claridade só era possível “através da escada”. No entanto, seu temor era encontrar essa luz libertadora.

O texto foi o ganhador do primeiro lugar no 2º Concurso Literário

Sudameris, da Academia Botucatuense de Letras. Esse conto, posteriormente, foi publicado na Coletânea **Quem Conta um Conto**, na **Revista de Letras**, v.1 e no **Almanaque de Contos Cearense**.

No ano de 1988, conhecemos sua primeira obra, uma coletânea de quinze contos, **Illuminuras** (inclusive **A Escada**), ganhador do segundo lugar na **4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira**, com grande repercussão no Rio de Janeiro e em São Paulo. São textos em que as personagens, marcadas por crenças e superstições, vivem entre a cultura do Nordeste e a cultura Ibérica.

Nascida em 30 de setembro do ano de 1938, em terras alencarinhas, Natércia Campos, contista, cronista e romancista, sentia a brisa do mar da Praia de Iracema e pensava como seria o cheiro de terra molhada do sertão. Talvez por isso tenha construído **A Casa** (1999), obra vencedora do prêmio Osmundo Pontes, e dado a ela voz para que pudesse compartilhar com o leitor desde o seu nascimento – “Fui feita com esmero...”, até sua morte – “A casa irá para o fundo das águas”.

A um só tempo, **A Casa** assume a condição de espaço, narradora e personagem, que fala de si e dos moradores que a habitam. As relações familiares dessa obra são marcadas por feridas e silenciamentos na vã tentativa de “apagar” manchas, ou simplesmente, porque os envolvidos não sabem lidar com situações conflitantes, como é o caso de Custódio, que causou tantas dores à sua mãe no período da gestação, que “no momento sagrado do nascimento ela amaldiçoou aquele filho”.

Estamos diante de um romance com tom de regionalidade em que a força da terra concebe personagens que trazem em si dores e solidão. Além de **A Casa** (1999), frutos de suas andanças, surgiram outras obras: **O Jardim** (1990), **Por Terras de Camões e Cervantes** (1998), **Noite das Fogueiras** (1998) e **Caminho das Águas** (2001). Viajar e contar histórias foi para Natércia Campos sua forma de se comunicar com o mundo.

Integrante da Sociedade Amigas do Livro, ocupante da cadeira número 6, cujo patrono é Antônio Pompeu de Sousa Brasil, da Academia Cearense de Letras, Natércia Campos, aos 65 anos de idade, vítima de câncer, faleceu no 2 de junho de 2004. A força telúrica de Natércia continua pungente no sertão que ela não conheceu, mas amou/eternizou.

Caio Fernando Abreu, o arauto dos excluídos

Shirley Pinheiro

🗨️ não, não estou desesperada, não mais do que sempre estive, nothing special, baby, não estou louca, nem bêbada, estou é lúcida pra caralho e sei claramente que não tenho nenhuma saída (**Os Sobreviventes**, 1982).

Não faz muito tempo, desde que me deparei com a escrita de Caio Fernando Abreu. Foi numa dessas madrugadas recorrentes, em que o sono deu lugar à melancolia e que nem uma música ou leitura parecia capaz ou suficiente para me tirar daquele estado de desinteresse. Mas como a poesia não desiste de mim, quando abri o Spotify, para tocar uma *playlist* qualquer, um *podcast* chamado **poesia ao pé do ouvido** se anunciou na tela do meu telefone. E, como quem não quer nada, abri aquele perfil e fui me deixando envolver pela interpretação da narradora, que, a cada episódio, lia trechos de poemas, livros e músicas. De Larissa Campos, Clarice Lispector, Belchior, Caio Fernando Abreu, dentre outros.

E foi assim que conheci **Os Sobreviventes**, aquele que viria a ser meu conto favorito da vida, lido tantas vezes, que se minha memória fosse minimamente colaborativa, eu já o teria decorado. Mas naquele momento eu ainda não sabia que aquelas palavras que eu ouvia eram um trecho de um conto. Não, eu achava que era um poema, e estava disposta a copiá-lo no caderno onde anoto minhas poesias favoritas. E foi naquela madrugada, de pequenas e grandes esperanças, que me encontrei nas palavras de Caio Fernando Abreu, pois, ao descobrir que **Os Sobreviventes** era, na verdade um conto, descobri, também, outros escritos do autor e, maravilhada, me vi refletida nas palavras de um homem que morreu antes

mesmo de eu nascer.

Mas além de sua obra, também fiquei encantada pela trajetória vivida por Caio. Afinal, como não se encantar com a vida de um autor, que, embora breve, foi dedicada à liberdade?

Caio Fernando Abreu nasceu em 12 de setembro de 1948, em Santiago, uma cidade do Rio Grande do Sul, tão pequena, que quando Caio, aos vinte anos, se mudou para a capital de São Paulo, o choque que enfrentou ao chegar a metrópole foi apelidado por ele mesmo de “o choque do Jeca”. Nessa época, ele já tinha o seu primeiro conto – **O Príncipe Sapo** (1963) – publicado pela revista **Cláudia**. E sua vinda para São Paulo, foi para trabalhar na redação da revista **Veja**.

Num compilado de entrevistas, organizado pela **Rede RBS** do Rio Grande do Sul, para o programa **Escritores Gaúchos**, Caio Fernando Abreu, que fez, da sua obra, um retrato de sua geração, reflete sobre a própria trajetória:

— eu fiz questão, na minha vida, de correr absolutamente todos os riscos. Fiz tudo o que minha geração fez, eu fiz radicalmente até o fim. Eu fui garçom, eu fui preso, eu fui hippie; da sua função como escritor – “a literatura é boa quando alguma coisa dela se aplica à vida do autor, para torná-la, de alguma forma, melhor “. Sempre consciente de seu papel como porta-voz dos anseios sociais de sua época – “quando uma personagem minha não tem nome, é porque ela é muita gente”.

Caio F., como costumava assinar, é fruto de uma geração atormentada pela repressão ditatorial, que lutou pelos próprios direitos, pela própria liberdade e, como tal, sofreu com as marcas desse tempo. Caio, que embora fosse uma pessoa alegre e extrovertida, passava por longos períodos depressivos e isolamento. E tudo virava literatura:

Os dias em que nada parecia acontecer e não estávamos dentro dos tais anos 70: por trás de circunstâncias históricas, nomes e datas, estávamos dentro de um tempo que ainda não ganhara uma forma exata. Se foram duros? Foram, foram

duros. Mas foram também cheios de sonhos e encontros e pequenas e grandes esperanças. Foram anos em que não se podia viver muito para fora: a repressão política nos empurrava para dentro. Nesse movimento, havia duas opções principais e radicais: ou você caía de cabeça nas drogas ou mergulhava na clandestinidade política. O que ligava os dois comportamentos era uma vontade poderosa de mudar o país e o planeta, fosse através do ácido lisérgico nas caixas-d'água das cidades, fosse pela revolução do proletariado. [...] Justamente por isso, enfrentar de peito aberto todos os riscos de dentro ou de fora da própria cabeça, esgueirando-se entre paranoias quase sempre reais. Não tínhamos ainda essas marcas deixadas pelos que desistiram, se mataram, foram presos, torturados, assassinados, enlouqueceram – enquanto dentro de nós pequenas partes iam também desistindo, se matando, sendo presas, torturadas, assassinadas, enlouquecendo (**Pequenas e Grande Esperanças**, 1984).

Abertamente “assumido” como bissexual e defensor da liberdade sexual e dos corpos, Caio F. foi perseguido pelos militares, durante o governo ditatorial. O autor, que abordava frequentemente temas relacionados à homossexualidade em suas obras, foi visto como uma ameaça pelos conservadores que perseguiram membros da comunidade LGBTQIAP+ e defendiam o modelo patriarcal de família. Com a instalação do Ato Inconstitucional nº 5, Caio viu muitos de seus textos censurados. Em 1968, mesmo ano em que o AI-5 entrou em vigência, o autor foi fichado pelo DOPS e acabou sendo obrigado a se refugiar em Campinas, onde foi acolhido pela escritora Hilda Hilst, em sua Casa do Sol, onde ficou até 1971 e onde produziu boa parte dos textos de sua primeira coletânea de contos, **O Inventário do Irremediável** (1970). Em uma carta para Hilst, Caio deixa claro sua insatisfação e repulsa diante do cenário político que o país enfrentava:



As coisas realmente não andam boas. Parece que quando tudo começa a degradingolar, não há o que segure. Primeiro no plano político: a portaria do ministério sobre censura de livros me deixou besta. Não pensei que chegássemos a tanto, é a degradação

completa, o medievalismo e a inquisição reinstaurados. [...] Porto Alegre sempre foi uma cidade nazista, cheia de grupos de defesa familiar e coisas do gênero: tudo isso repercute aqui da maneira mais alvissareira (do ponto de vista deles) possível. Os lugares onde eu costumo ir, bares onde se reúne gente de teatro e outros desgraçados, estão cheios de espiões — não se tem a menor segurança para falar sobre qualquer assunto menos “familiar”. [...] Quanto ao livro, não soube nada. Creio que vou ter mesmo que pagar a edição — mas me revolta a ideia de ter que submeter os originais à censura, obviamente grossa e sem condições para julgar sequer J.G. de Araújo Jorge (**Abreu**, 1948-1996).

Conhecido como o arauto dos excluídos e realmente comprometido a dar voz à sua geração, principalmente pela perspectiva dos oprimidos, Caio Fernando Abreu foi um dos primeiros escritores brasileiros a abordar a AIDS em sua obra, numa época em que a doença ainda não era falada, antes mesmo de ser diagnosticado com ela. A AIDS chegou ao Brasil no final do século XX, uma doença para a qual não se conhecia a causa nem a cura e que se mostrava devastadora no organismo afetado. Foi inicialmente identificada como síndrome que acomete indivíduos do sexo masculino e homossexuais, por essa razão, foi negligenciada e, por um bom tempo nem sequer foi dada devida importância, pelo contrário, foi mais uma fonte de preconceito e marginalização de homossexuais e travestis, para muitos, era um “castigo de Deus”, porque “bixa merece morrer”. Numa tentativa de dar dignidade aos doentes e de deixar um testemunho do corpo adoecido, Caio Fernando escreveu *Cartas para além dos muros*, onde ele tratava abertamente da doença que lhe acometeu.

Caio morreu em 25 de fevereiro de 1996, por complicações decorrentes do vírus HIV, coincidentemente, na mesma semana em que foi anunciado um tratamento com coquetéis retrovirais, no mundo todo. No Brasil, os medicamentos eram distribuídos gratuitamente aos portadores de HIV.

Quase três décadas depois de sua morte, a obra de Caio Fernando Abreu se mantém extremamente atual, não é à toa que a internet e redes sociais estejam inundadas de frases e citações do “popstar da literatura”.

Referências

ABREU, Caio Fernando. **Caio Fernando Abreu**: o essencial da década de 1970. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ABREU, Caio Fernando. **O melhor de Caio Fernando Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

DIAS, Márcio. **Programa Escritores Gaúchos**: Caio Fernando Abreu (Série da RBS TV). YouTube, 3 de fevereiro de 2012. Disponível em: <https://youtu.be/ZxHEtVh1sik?si=ESwTOafUywqO2YBV>. Acesso em: 11 set. 2023.

A visceralidade de Caio Fernando Abreu

Luciana Bessa

Visceral. Essa é a palavra que eu usaria para representar Caio Fernando Abreu, escritor, dramaturgo e jornalista, que aos seus pares, desejou “uma fé enorme em qualquer coisa” (penso que apreciava “Andar com fé”, de Gilberto Gil), e que, em troca, desejava o mesmo: uma fé em “qualquer coisa maravilhosa”, que o fizesse acreditar em “tudo outra vez”.

Premiada. Essa é a palavra que eu usaria para falar da obra de Caio Fernando Abreu. Em 1996, recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro **Orelhas Negras**. Em 1989, por **Os Dragões não Conheciam o Paraíso**. Em 1984, foi a vez de **O Triângulo das Águas**. Como se não bastasse em 1982, **Morangos Mofados**, foi eleito pela **Revista Isto É** como o melhor livro do ano.

Angústia. Essa é a palavra que usaria para representar a obra de estreia de Caio Fernando Abreu - **Limite Branco** – um romance dos anos 70 com traços autobiográficos em que a personagem central, Maurício, se dá conta de que se tornar adulto não é uma tarefa fácil. É um texto sobre a adolescência escrito por um pós-adolescente, Caio tinha vinte e dois anos de idade, que muito me lembra **O Apanhador do Campo de Centeio** (1951), de J. D. Salinger.

A epígrafe escolhida pelo jovem escritor é de Hilda Hilst “Este é um tempo de silêncio. Tocam-te apenas. E no gesto te empobrecem de afeto. No gesto te consomem...” Caio desde cedo foi consumido pela palavra, pela vontade de escrever o que lhe ia n’alma. Tanto que iniciou os cursos de Letras e de Artes Cênicas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contudo, abandonou ambos os cursos para trabalhar como

jornalista nas revistas **Nova, Manchete, Veja** e **Pop**. Foi ainda colaborador de jornais, como: **Correio do Povo, Zero Hora, Folha de S. Paulo** e **O Estado de S. Paulo**.

Dono de um estilo híbrido, onde a um só tempo dialogam a prosa, o teatro, o conto, a crítica literária e a poesia, valendo-se de uma linguagem coloquial, marcado pelo caráter intimista e existencial, Caio abordou temas, como: morte, angústia, dor de existir, solidão, identidade, sexo, aids, até hoje visto como uma praga, algo sujo e pecaminoso, porque no passado, foi atribuído como uma doença da população LGBT, ou mais precisamente, como um “castigo de Deus”, sem saber que Deus é um ser misericordioso, que ama e acolhe, não pune.

Abordar essa temática levou Caio Fernando Abreu a ser perseguido pela Ditadura Militar, regime autoritário que, durante os anos de 1964 a 1985, pregou censura à imprensa, retirou direitos políticos, perseguiu, torturou e matou quem a ele se opunha.

Entre os anos de 1968 a 1971, Caio mudou-se para Campinas e foi morar na Casa do Sol com a criadora de **A Obscena Senhora D** (1982), de Hilda Hilst, que deixou de ser uma epígrafe de seu primeiro romance para se tornar sua melhor amiga. No ano de 2009, a própria Hilda deu detalhes da amizade entre eles, por meio das cartas trocadas entre ambos: **Para Sempre teu Caio F.**

Leitor. Essa é a palavra que eu usaria para falar Caio Fernando Abreu, nascido em 12 de setembro de 1948, em Santiago, uma cidadezinha de Porto Alegre, para quem a leitura foi uma espécie de salvação do caos. Leu infinitamente Hilda Hilst, João Gilberto Noll, Gabriel García Márquez, Júlio Cortázar, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector.

Esse virginiano com ascendente em libra era um apaixonado por Astrologia e levava horas fazendo seu próprio mapa astral, na vã tentativa de desvendar a vida humana. Não conseguiu, claro! Mas sobre ela escreveu os textos mais intensos registrados em Língua Portuguesa. Nasceu e morreu em um dia lúgubre, domingo, em 25 de fevereiro de 1996, no mesmo dia em que o escritor Mário de Andrade. Onde quer que estejam, a prosa deve estar fluindo.

Cássia Eller: uma voz sempre viva

Luciana Bessa

Cantora e compositora, Cássia Eller, uma das maiores vozes do rock brasileiro da década de 1990, foi considerada pela revista **Rolling Stone Brasil**, como a 18ª voz de sua época.

E que voz! Uma rouquidão potente que foi sendo lapidada com o tempo e que não deixou de ecoar mesmo depois de sua partida, no dia 29 de dezembro de 2001.

Dona de um Grammy Latino de Melhor Álbum de Rock – **Acústico MTV** (2001), com mais de um milhão de cópias vendidas, três canções desse projeto continuam marcando gerações de jovens-adultos: **Malandragem**, **Por Enquanto** e **O Segundo Sol**.

Malandragem, por exemplo, escrita em 1985, é uma mistura da sensibilidade do Cazusa e da energia do Frejat (Barão Vermelho), que traz à tona a esperteza e a astúcia diante das adversidades que a vida nos impõe. Além do mais, um de seus versos “Quem sabe o príncipe virou um chato / Que vive dando no meu saco”, subverte a ordem dos contos de fadas que foram lidos para nós mulheres, em que beijando um sapo, encontraríamos nosso príncipe encantado. Cássia Eller levanta a possibilidade (hoje real) de que o príncipe se torna um chato, acabando com idealizações passadas.

Parece que os sapos são uma constante nas músicas dessa artista para quem literalmente colocou as mãos na massa para conseguir um lugar ao sol: “Fiz massa e assentei tijolo”, contava Cássia em suas entrevistas. Na música **Otário**, o príncipe-sapo também se torna um babaca,

que reconhece que não soube amar a mulher amada, por isso paga sua babaquice engolindo sapos, ou seja, sendo solitário, sem conhecer a arte de amar, e um homem que não conhece o amor não pode dizer que é um sujeito completo.

Sozinha Cássia Eller era um redemoinho musical. Acompanhada dos amigos-parceiros, era um furacão. De Renato Russo, ela gravou **Por enquanto** e **1º de Julho**, presente do companheiro, quando ela estava grávida de oito meses de seu filho Chicão.

A fertilidade da música de Cássia Eller foi cristalizada no próprio nome do filho. Ela escutou **Francisco**, música instrumental de Milton Nascimento, e por ela foi transpassada. Ela gravou a composição como participação especial no disco do guitarrista Nelson Faria, **loiô**, em 1993, e tempos depois contou a Milton que o nome de seu filho foi escolhido depois de ser invadida por uma força chamada **Francisco**.

Ela gravou, ainda, canções de: Caetano Veloso, Rita Lee, Riachão, Arrigo Barnabé, Wally Salomão, Luiz Melodia, Marisa Monte, Chico Buarque, Ana Carolina, que tem um show chamado **Ana canta Cássia**, e Nando Reis.

Os dois se conheceram na casa de uma amiga em comum, Marisa Monte. A música **All Star**, por exemplo, um presente dado à Cassia pelo ex-integrante dos Titãs. Dizem que até hoje ele guarda o sapato como forma de ter Cássia perto de si. Já a música **Segundo Sol**, Nando compôs para um de seus discos, mas quando apresentou para a amiga, ela ficou apaixonada: “Mostrei para ela e disse que ia roubar. O melhor roubo que já recebi, a música estourou com ela”, conta Nando Reis.

Além dos roubos, também houve pedidos. Cássia Eller pediu ao Chorão, vocalista da banda Charlie Brown Jr, que compusesse uma canção para ela. Ele escreveu **O Dom, a Inteligência e a Voz**. Quando a música ficou pronta, Cássia já havia falecido. Contudo, a composição se encontra no álbum de 2009 do Charlie Brown Jr., [Camisa 10 Joga Bola até na Chuva](#).

Intensidade e autenticidade são marcas de Cássia Eller que, através da música, nos deixou alguns pensamentos poemas reflexivos: “Mas nada vai conseguir mudar o que ficou...” (Por enquanto); “Deixo a tristeza

e trago a esperança em seu lugar...” (Palavras ao vento); “Já que não me entendes. . ./ não me julgues, não me tentes” (1º de julho); “Eu quero a sorte de um amor tranquilo / Com sabor de fruta mordida...” (Todo amor que houver nessa vida), etc.

Chá inventado

Alexandre Lucas

A panela velha virou um jarro, plantei boldo para dias de dor de barriga. Confesso que esqueço de colocar água, mas ele é resistente: cresce rápido. Na escola usamos chá de boldo para todas as insatisfações: dor de cabeça, cólica, ansiedade, gases, inchaço e até raiva. Acredito que o boldo não seja milagroso, talvez ele seja uma espécie de mentira e crença para disfarçar o problema real. A gente inventa que ele serve para muita coisa e as pessoas acreditam. Quando não conseguimos explicar a realidade, a partir da ciência, inventamos outras formas para entender a nossa relação com o mundo. A gente inventa histórias e vai dando esqueleto e musculatura para as ideias.

A gente precisa acreditar em alguma coisa. Tem gente que acredita em rochas mágicas, na lua e nas estrelas, no amor eterno e que a terra é plana. Outras pessoas acreditam na capacidade humana de fazer revolução e na ciência como fio condutor de uma determinada verdade, mas existem também aquelas que misturam tudo. Eu tenho as minhas crenças humanas, mas quando tenho medo me vejo enrolado aos céus e aperreando aos deuses e deusas.

Outro dia, quando as casas ainda eram nas cavernas e o machado não existia, a pedra servia para ajudar a vida, era uma das maiores tecnologias. A tecnologia mudou bastante, naquele tempo não tinha ciência, mas hoje já tem, mesmo assim, nem tudo é possível de ser explicado, ou a gente ainda não se apropriou de tudo, mas acho que nem seria possível, cada cabeça carrega um universo inteirinho.

Enquanto falo de ciência, lembro que já ouvi falar que o amor é

carregado de química. Deve existir uma química para o boldo crescer e para gerar um humano. A gente se prende muito a aparência das coisas. O mais importante é complexo de compreender: a essência é sempre mais profunda.

Fiquei imaginando agora, como seria extremamente brochante, racionalizar e descrever o tesão no pleno voo dos desejos, quando o corpo já não responde a razão e aos pudores. Dizem que Carlos Drummond de Andrade já escreveu poesias eróticas e fui verificar: acho que ele aprendeu a fazer amor num laboratório enfadonho, silencioso e com cara de enterro. Seus poemas não levantam nenhuma esperança.

A panela velha continua abraçando o boldo e acolhendo suas raízes, mas não é para vida toda, mas pelo menos, esse instante é de acomodação, enquanto isso, revejo fotos de paisagens acabadas, aliás transformadas. Guardo os olhos famintos e o beijo molhado que fez cair as panelas e a razão. Escondo segredos inventados.

Vejo Música e Literatura em você: Chico Buarque

Luciana Bessa

Chico Buarque é um desses artistas que usa a palavra, musical e literária, para dizer o que lhe vai n'alma. Como músico é conhecido por uma discografia extensa e diversa, que aborda desde questões sociais, passando por temáticas amorosas e envolvendo temas existenciais; como escritor, é legitimado pelo público e premiado pela crítica especializada.

Nascido Francisco Buarque de Hollanda, em 19 de junho de 1944, o quarto filho do sociólogo e historiador, Sérgio Buarque, e da pianista e pintora, Maria Amélia, desde pequeno colecionava recortes de seus artistas favoritos. A família de artistas intelectuais foi essencial para que Chico seguisse pelo caminho musical e literário.

Na música **Paratodos**, é possível conhecer um pouco mais da família de Chico: "O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano / O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano". O "avô pernambucano" (lado paterno) era Cristóvão Buarque de Hollanda – idealizador e um dos fundadores da Escola de Farmácia e professor universitário. Pelo lado materno, o "bisavô mineiro", Cesário Alvim (presidente do estado de Minas Gerais), e o "tataravô baiano", Eulálio da Costa Carvalho (médico e político).

O irmão das cantoras e compositoras Miúcha, Ana e Cristina de Hollanda, já na adolescência desenvolveu o gosto pelas literaturas francesa, alemã e russa. Foi no **Verbâmidas**, jornal do Colégio Santa Cruz, que publicou seus primeiros textos. Mais tarde, seu nome se fez figurar no emblemático jornal satírico **O Pasquim** e no conceituado **O Estado de São Paulo**.

Interessou-se por Arquitetura a ponto de cursar, por dois anos, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP), em 1963. Mais a convivência com o Poetinha, Vinícius de Moraes, parece ter impregnado os seus ouvidos. Largou Arquitetura e assumiu definitivamente um compromisso com a Música.

Dois anos depois, escreveu **Sonho de um Carnaval**, no **I Festival Nacional de Música Popular Brasileira**, transmitida pela TV Excelsior. Naquele ano, a canção **Arrastão**, de Elis Regina foi a ganhadora, mas no ano seguinte, foi a vez de Chico com a música **A banda**, interpretada pela Nara Leão. Depois que **A banda** passou, Chico, que não estava à toa na vida, consolidou-se com um dos mais prestigiados músicos de todos os tempos: são mais de oitenta discos, um Grammy Latino e um grande legado cultural.

O ano de 1966 é o começo de um processo de glória para Chico Buarque, pois se tornaria uma “unanimidade nacional”, alcunha criada pelo escritor Millôr Fernandes. Fez sucesso no Festival de 1967 com **Roda Viva**, interpretada por ele e pelo grupo MPB -4 e, em 1968, venceu o III Festival Internacional da Canção da TV Globo com a composição **Sabiá** em parceria com Tom Jobim.

E como Chico é um músico poeta, em muitas de suas canções, ele criou um “eu lírico” feminino para cantar e contar afetos/desafetos, como nas músicas: **Olhos nos Olhos** e **Teresinha** (gravadas por Maria Bethânia), **Atrás da Porta** (interpretada por Elis Regina), **Folhetim** (com Simone), **Com açúcar, com afeto** (escrito para Nara Leão), além de **Anos Dourados** (parceria com Tom Jobim), para a minissérie de mesmo nome, bem como **O Meu Amor** para a peça **Ópera do Malandro** interpretada por Marieta Severo (com quem ficou casado por 33 anos), Cristina Branco e Elba Ramalho sendo que, para essa última, fez também **Palavra de Mulher**.

Além de compor músicas, Chico passou a compor literatura. Em 1974, escreveu a novela pecuária **Fazenda modelo** e, em 1979, **Chapeuzinho Amarelo**, um livro-poema para crianças. Seu primeiro romance vem 1991, **Estorvo**, Prêmio Jabuti em 1992. Em 1995, escreve **Benjamim**. Em 2004, outro Prêmio Jabuti de Livro do Ano, com **Budapeste**, adaptado para o

cinema em 2009, ano em que recebe outro Jabuti com o romance **Leite Derramado**. Misturando as fronteiras entre ficção e realidade, em 2014, surge o romance **O Irmão Alemão**. Usando um tom crítico e uma melodia narrativa realista, tomando como base ardilosa contemporaneidade brasileira e fazendo uso de recursos vários (cartas, transcrições de falas por telefone, alternância de narrador), em 2019, vem a lume o romance **Essa Gente**.

Nesse mesmo ano, recebe o Camões, maior premiação em Língua Portuguesa, pelo conjunto de sua obra. É preciso que se diga que o prêmio foi entregue com quatro anos de atraso, porque o então presidente do Brasil durante os anos 2018-2022, recusou-se a entregá-lo. Mas como há mais mistérios entre o céu e a terra do que nós, meros mortais, desconfiamos, em 2023, o presidente Luís Inácio Lula da Silva corrigiu “um dos maiores absurdos cometidos contra a cultura brasileira nos últimos tempos”. Chico Buarque: vejo Música e Literatura em você.

Conceição Evaristo: acessando o mundo pelas palavras

Luciana Bessa

Ativista dos movimentos de valorização da cultura negra, Conceição Evaristo, mineira, nascida no dia 29 de novembro de 1946, é uma escritora multifacetada, que estreou como romancista com a obra **Ponciá Vicêncio** (2003), foi agraciada com o Prêmio Jabuti com os contos de **Olhos D'água** (2015) e se encontrou nos versos com **Poemas de Recordação e Outros Movimentos** (2017).

Mãe lavadeira (Josefina Evaristo), tia lavadeira (Maria Filomena da Silva), desde muito cedo, Conceição Evaristo aprendeu a cuidar do corpo e da casa dos outros para sobreviver em meio a uma sociedade que não foi concebida para mulheres, tampouco, as negras.

Aos setes anos de idade foi morar com a tia Filomena e o tio Totó para que a mãe tivesse uma boca a menos para sustentar. A privação do convívio materno, ausência do pai, foi dirimida pela presença do padrasto, por isso, Conceição gosta de verbalizar: “Dele sei o nome todo. Aníbal Vitorino e a profissão, pedreiro”, não foram impeditivos que ela pudesse estudar: Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tornou-se Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro (1996) e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (2011).

Leitora de Carolina Maria de Jesus, que na década de 1960 publicou **Quarto de despejo: diário de uma ex-favelada**, Conceição Evaristo confessa que ao ler essa obra, sentiu-se uma personagem caroliniana, já que remexer nos restos dos ricos foi um processo vivenciado por sua família.

Estudante de escola pública, foi nesse ambiente que Evaristo tomou consciência de sua condição de mulher negra e pobre, além de experimentar um “apartaid” escolar, já que o espaço das aulas era uma construção de dois andares: no andar superior, estudavam os alunos mais adiantados; no inferior, ela e os irmãos. Foi ainda na escola, no final do primário (1958), que Conceição ganhou o seu primeiro prêmio de literatura, com a redação: **Por que me orgulho de ser brasileira**. Esse foi o primeiro de muitos: em 2017, a autora foi tema da Ocupação do Itaú Cultural de São Paulo. Em 2019, foi a homenageada da Bienal do Livro de Contagem. E, mais recentemente, em 2023, recebeu o Troféu do Prêmio Juca Pato de Intelectual, em virtude de sua contribuição à literatura brasileira por suscitar temas fortes – ancestralidade, maternagem, violência contra a mulher, realidade e valorização da cultura afro-brasileira – em suas obras. A mais recente, 2022, **Canção para Ninar Menino Grande**, discute-se a “complexidades em torno da masculinidade de homens negros e os efeitos nas relações com as mulheres negras”.

Aos 73 anos de idade, Conceição Evaristo fez a travessia de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro em busca de melhores perspectivas. Nesse percurso, sempre foi perseguida pela literatura, já que nasceu rodeada de livros e, através deles, aprendeu a colher palavras. Sua casa podia não ter bens materiais, mas tinha algo mais preciso: a união familiar e a contação de histórias: “Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia”, afirma Evaristo em suas entrevistas.

De tanto escutar histórias, a autora de **Becos de Memória** (2006), decidiu contar as suas próprias, mas que poderiam ser de outras mulheres. Daí nasceu o conceito da escrevivência (escrever +vivência), um convite a conhecer e refletir sobre a condição da mulher negra em uma sociedade patriarcalista, racista e preconceituosa.

Conceição Evaristo é um dos nomes emblemáticos da literatura brasileira contemporânea, que fortalece o sentimento de negritude ao não estereotipar e não endeusar o negro, mas tratá-lo de forma generosa, mostrando suas potencialidades e suas fragilidades.

Leitor: um descobridor de mundos

Luciana Bessa

Eu disse em outros textos, meu apreço pelo mês de janeiro. Para além de estabelecer metas e projetar os meses seguintes, celebramos datas importantes: uma delas é o dia do leitor (07 de janeiro).

Os rios secam, as paixões acabam, o corpo envelhece, o autor morre, mas o livro renasce cada vez mais forte e pungente cada vez que é lido. Leitor? O que seriam dos autores e de suas obras literárias se não fossem os leitores?

A própria existência da Literatura estaria comprometida, porque não há arte sem público. Sem leitor, os autores produziram suas obras e elas ficariam empoeiradas e esquecidas nas estantes das livrarias e das bibliotecas (alguém questionaria o porquê de sua existência?), ou no fundo de uma gaveta.

Um livro fechado é como uma casa sem dono. Não apresenta nenhuma importância. O escritor escreve para que sua criação seja habitada pela presença do leitor.

Ele deve estar permanentemente com o corpo e mente abertos diante do livro, além de ser dotado de “cortesia em seu coração”. Não bastasse, sofre da síndrome do livro não lido, porque quanto mais lê, mais há o que ser lido.

Um leitor de verdade, aquele que cultiva silêncio, a memória, o deleite literário, sempre precisa de mais livros. Ele acredita ou quer acreditar ser capaz de ler tudo o que gostaria. Contudo, o tempo é curto, as obras são infintas não só para serem lidas, mas para serem compreendidas. Esse

número aumenta se somarmos às obras que abrimos, aquelas que, ainda, não abrimos.

O leitor carrega consigo a culpa por não conseguir ler todos os livros de suas estantes, mas não para de comprá-los. Seguir tentando ler cada vez mais e incentivar que os outros também leiam, eis sua missão.

Cada livro é um convite e um desafio ao universo das insubmissas palavras e ao mundo do silêncio, que somente poderá ser desvendado quando ele for aberto e lido. Aqui reside a importância do leitor, um descobridor de mundos. Sem o leitor, o livro será sepultado.

A boa leitura exige interação e participação. Ela só será bem feita, quando houver uma troca total entre texto e leitor, porque ser leitor não é ser um mero contemplador do texto. É, antes de tudo, ser seu colaborador, é usar a pena para fazer anotações e sugestões à sua margem, é “assumir responsabilidade” por ele, é reescrevê-lo se necessário, é excluir a pessoa mais íntima de seu convívio durante o ato de ler, é extrair do silêncio o ambiente adequado a sua leitura, porque “uma leitura genuína requer silêncio”.

O leitor é peça chave do texto. Através dele a obra será discutida, ganhará novas interpretações, a literatura será propagada, novas culturas serão descobertas. Logo, a sobrevivência e a legitimação da obra literária dependem do leitor.

Jarid Arraes: uma peixinha-sereia

Luciana Bessa

Há quem diga que filha de peixinho, peixinho é. Eu sempre me pergunto se não seria certo dizer: filho de peixinho é o que ele quiser. Sendo Jarid Arraes filha de Hamurabi e neta de Abraão Batista, conhecidos por seus trabalhos com cordéis e xilogravuras, que caminhos ela poderia percorrer?

Muitas são as possibilidades, mas Jarid resolveu palmilhar, não a estrada pedregosa de Minas Gerais, essa ficou para o poeta Carlos Drummond de Andrade, mas a de Juazeiro do Norte. Aqui, nasceu em 12 de fevereiro de 1991, mas, atualmente, mora em São Paulo e, embora tenha enfrentado inúmeros desafios e escutados muitos “nãos”, publicou **As lendas de Dandara** (2016), **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis** (2017), **Um buraco com meu nome** (2018), **Redemoinho em dia quente** (2019) e, mais recentemente, seu primeiro romance, **Corpo desfeito** (2022).

Seja em verso ou em prosa, há algo em comum na obra dessa juazeirense: o protagonismo feminino, quando traz à tona histórias e nomes de mulheres como: Aqaltune, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Esperança Garcia, entre tantas outras.

Em seu site (<https://jaridarraes.com>), Jarid Arraes faz questão de apresentar-se ao leitor, por isso, fala que cresceu em meio às manifestações da cultura tradicional nordestina, aborda suas influências literárias para além do cordel, expõe suas leituras, desde Paulo Leminski, passando por Manuel Bandeira até chegar em Ferreira Gullar.

À medida que lia escritores, Jarid se perguntava: E as escritoras? E as escritoras-negras? Pensando nisso, ela usou o seu cordel: “Que também é

importante / Para que você conheça / E não fique ignorante”, para responder tais questionamentos, além de nos colocar frente a frente com mulheres caririenses das mais diferentes idades e profissões, homossexuais, bissexuais, transgêneros, mulheres comuns, com suas dores e desafios de viver em uma sociedade que parece querer bani-las a qualquer custo. Ignorância e exclusão não são permitidas na obra de Jarid.

Negra, nordestina e bissexual, Jarid Arraes é uma dessas escritoras que dá voz a outras mulheres, especialmente às negras, invisibilizadas no seio de uma sociedade que berra a plenos pulmões o seu não machismo, o seu não preconceito, mas que não faz a mínima questão de ter Conceição Evaristo, autora de **Ponciá Vicêncio** (2003) e **Olhos d’água** (2015), no quadro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Jarid Arraes é filha de peixinho, mas transformou-se em sereia e usa seu canto para dizer que mesmo diante da “pele das pernas esfolada”, dos “pulsos marcados pelos rosários” (...) “é preferível morrer / sorrateiramente / em gorduras / açúcares / refluxos” a desistir (Poema Fábula). Mulheres, negras e nordestinas resistem.

Viva João Ubaldo Ribeiro

Luciana Bessa

“À merda com essa gente, o que eles sabem? Ninguém sabe nada, ninguém estuda, ninguém pensa, todo mundo se compraz em repetir as besteiras que mais satisfazem suas neuroses e inseguranças” (João Ubaldo Ribeiro).

O espaço é pequeno para mostrar a vivacidade de João Ubaldo Ribeiro, romancista, contista e cronista, dono de uma escrita contundente sobre seu tempo. Nascido em 23 de janeiro de 1941, na ilha de Itaparica (BA), Ubaldo é filho de Maria Filipa Osório e Manuel Ribeiro, político e professor, que não concebia que uma criança, aos sete anos de idade, não soubesse ler e escrever. Contratou um preceptor para ajustar essa falha. A exigência de seu pai fez nascer, para além de um leitor profícuo, um escritor ganhador do Prêmio Camões e criador de uma obra celebrada pelo público e legitimada pela crítica especializada: dez romances, dois livros de contos, sete de crônicas e três infantojuvenis.

Há, ainda, um infindável número de textos publicados na imprensa brasileira - **O Globo**, **O Estado de São Paulo** e estrangeira - **Frankfurter Rundschau** (Alemanha), **Die Zeit** (Alemanha), **The Times Literary Supplement** (Inglaterra), **O Jornal** (Portugal). Ubaldo sempre destacou os fortes laços que o uniam ao jornalismo, que além de ter contribuído para aprimorar sua escrita, o ajudou financeiramente, dada as dificuldades de se viver exclusivamente da literatura no Brasil.

Os baianos reconhecem um talento a léguas de distância. João Ubaldo Ribeiro, apadrinhado por Jorge Amado, estreia na literatura, em 1968, com

a obra **Setembro não faz sentido**, que ele gostaria que tivesse se chamado **A semana da pátria**. Sabem as editoras o que fazem, nós é que em algumas ocasiões não entendemos como certas obras são publicadas, outras não. Prefaciada pelo amigo Glauber Rocha, a narrativa traz dois protagonistas: Tristão, bêbado que gosta de tumultuar as comemorações do dia 7 de setembro; Orlando, jornalista, que perde, aos poucos, a sanidade. Em comum: o cotidiano tedioso, vazio e tenso da década de 60. O próprio autor reconhece que o texto apresenta “todos os desajeitos da juventude”. Contudo, identifica um “autorretrato de uma época”.

Em 1971, em sua segunda obra, corrige os desajeitos cometidos na primeira, e recebe o Prêmio Jabuti (1972) com o **Sargento Getúlio**. Adaptada em 1983 para o cinema, foi um espetáculo à parte protagonizado pelo ator Lima Duarte. Inspirado nas histórias do pai, que além de advogado, fora chefe da Polícia Militar em Aracaju e Sergipe, João Ubaldo criou uma das personagens mais controversas da literatura brasileira. Homem embrutecido e violentado pela vida, Sargento Getúlio, para quem missão dada era missão cumprida, adotou o código de Hamurabi – olho por olho, dente por dente - para sobreviver. O homem, que para lavar sua honra, mata sua própria esposa grávida por tê-lo traído, é o mesmo que, recebe a missão de escoltar um preso até Aracaju. A missão é abortada, mas Getúlio, matador profissional com um código de ética rígido, cuja linguagem é a bala e a faca, não abandona seu encargo.

Na década de 1980, outro Jabuti com o romance **Viva o Povo Brasileiro** (84), uma narrativa histórica e literária, de cunho nacionalista com traços de ironia e muito bom-humor sobre a identidade de um Brasil formado por um povo curioso e diverso, que luta para conquistar um discurso uno em torno de questões políticas, literárias, sociais e econômicas, mas que está bem longe de conseguir, principalmente depois desse último desastroso governo.

Ainda em meados dos anos 80, conhecemos **O Sorriso do Lagarto** (89), também adaptado para a TV. Nessa obra, o mal que aliena e endurece a gente humana é a protagonista da história vivida pelas personagens João Pedroso (biólogo), Ângelo Marcos (político corrupto) e sua esposa Ana Clara (mulher fútil) preocupada apenas com as regalias do casamento até se apaixonar por João. Falta de caráter, de ética, degradação humana, engenharia genética, homossexualidade, o uso de drogas pela elite e o

papel da igreja são alguns temas com os quais o leitor precisa lidar.

A força das tramas ubaldianas, marcadas por um engajamento social, esculpidas por meio de uma linguagem crítica, forte e irônica, acabam se tornando um convite para o leitor entrar em contato com o mais íntimo da raça humana e seus (podres) valores. “Contra as belas letras, a contrafação, o elitismo” o autor de **A Casa dos Budas Ditosos** (1999) dizia viver em busca do verbo brasileiro para aguçar a consciência de nós mesmos, brasileiros. E viva João Ubaldo Ribeiro!

As facetas de Lenita Miranda

Luciana Bessa

Helena Miranda de Figueiredo, ou simplesmente Lenita, é uma dessas mulheres, cuja infância foi rodeada de tintas, pincéis e telas, além de ter contato com artistas do Grupo Santa Helena, formado por imigrantes ou filhos de imigrantes, de origem humilde, que se opuseram ao intelectualismo modernista e a pintura acadêmica, tal como era ensinada nas escolas de belas-artes.

Se é verdade o dito popular - “Diga-me com quem andas e eu te direi quem tu és” - Lenita, que em contato com as Artes, hoje, aos 96 anos de idade, tornou-se escritora musicista, pintora, professora de História da Arte (aposentada), incentivadora cultural e jornalista.

Nascida em 13 de setembro de 1927, ela descobriu, nas Artes, sua forma de contribuir para uma sociedade leitora, sobretudo, em que as mulheres tenham a visibilidade que lhes é de direito.

Como colunista da **Folha da Tarde**, por quase vinte anos, foi responsável por divulgar artistas, incentivar a leitura de jovens por meio de reportagens, realizar entrevistas e promover concursos e exposições nacionais e internacionais.

Ainda teve tempo e disposição para criar e editar a **Folha Feminina** e a **Folhinha** (com a ajuda de Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica), suplementos da **Folha de São Paulo**, durante dez anos, de 1963 a 1973.

Na pintura, sob a orientação do artista plástico, Ottone Zorlini, realizou sua primeira exposição individual, no ano de 1981, na Galeria República das Artes, expondo 64 trabalhos em guache, óleo e bico de pena. No ano

seguinte, expôs Galeria Portal.

Na literatura sua estreia aconteceu no ano de 1961, com **Deus Aposentado**, um romance que traz à tona as relações humanas, as relações familiares e amorosas sem quais não existimos. Dez anos depois, em 1971, foi agraciada com o 13º Prêmio Jabuti com a obra **O Sexo Começa às Sete**. Também é de sua autoria **História da Arte para Crianças** (1982), um panorama que faz um retrato da Arte desde a Idade da Pedra até a atualidade.

Sua atuação como jornalista lhe permitiu viajar pelo mundo, respirar novos ares, aprender sobre diferentes culturas, além de entrevistar personalidades como: Martin Luther King, Louis Armstrong, Ella Fitzgerald, etc. Para Lenita, o jornalismo foi sua forma de lutar contra a repressão.

Ela conta que “Na noite que soube do AI-5”, chorou. É preciso lembrar que o Ato Institucional nº5, decretado em 13 de dezembro de 1968, “o ano que não acabou”, durante o governo do general Costa e Silva, representou um dos períodos mais sombrios e repressores que o Brasil já enfrentou.

Essa ferramenta de intimidação, punição e censura transformou Lenita em uma de suas vítimas. No dia 20 de dezembro do ano de 1969, dez homens invadiram a casa dessa mulher, que fez da palavra seu escudo contra a ignorância. Ela foi torturada na cela 3 do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e foi obrigada a engolir a página de uma edição da **Folhinha**, cuja capa era a comemoração a Tiradentes, com a chamada - “Liberdade, liberdade, abre suas asas sobre nós”.

As páginas que exaltavam a liberdade misturado ao sangue de Lenita tornou-se ainda mais visceral proporcionando a ela mais força e vitalidade para continuar lutando por uma sociedade essencialmente democrática.

Membro da Academia Paulista de Jornalismo (APJ), Helena Miranda de Figueiredo, ou simplesmente Lenita, ou Tia Lenita, é uma dessas pessoas que se vestem da palavra para nos mostrar que é possível resistir às mazelas de uma sociedade que parece insistir pelo silenciamento das mulheres.

Luiz Gonzaga, "minha sanfona, minha voz, o meu baião"

Shirley Pinheiro

"Modéstia à parte, mas se eu não desafino
Desde o tempo de menino
Em Exu, no meu sertão
Cantava solto que nem cigarra vadia
E é por isso que hoje em dia
Ainda sou o rei do baião"

Ser nordestino, como disse o poeta, é uma sorte arretada, mas isso implica também, no enfrentamento de vários preconceitos e estereótipos, de violência, de pobreza, de seca, dentre outros. Mas se tem uma máxima nordestina que muito me agrada é que todos nós já nascemos escutando Luiz Gonzaga. Não importa se você prefere rock, pop ou samba, se nasceu no Nordeste, com certeza conhece o Rei do Baião e, provavelmente, gosta de suas músicas.

Dono de uma voz inconfundível, Luiz Gonzaga do Nascimento foi o maior responsável por difundir a cultura nordestina pelo resto do país. De chapéu de couro e gibão, roupa utilizada pelos vaqueiros, Gonzagão conquistou o Brasil cantando músicas sobre o cotidiano nordestino, sobre a nossa cultura e sobre as alegrias e enfrentamentos do sertão.

Filho de Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus, também conhecida como Santana, Luiz Gonzaga nasceu em Exu - PE, em 13 de dezembro de 1912, no dia de Santa Luzia, padroeira dos olhos e da visão, em homenagem à santa, foi batizado como Luiz. Seu sobrenome, Gonzaga, vem do santo italiano São Luís Gonzaga, e Nascimento é por causa do

mês em que nasceu, dezembro, o mesmo que o menino Jesus. Com tanta santidade em seu nome, era de se esperar que o garoto fosse abençoado.

E o seu talento não me deixa mentir. Inspirado por seu pai, que tocava nas noites de Exu e, durante o dia, dividia-se entre o concerto de instrumentos e os cuidados da roça ao lado da esposa, muito cedo Luiz aprendeu a tocar sanfona. No entanto, sua veia artística não agradava sua mãe, que queria que o filho se dedicasse à lavoura. Mas, como em sua canção **Macapá**, parceria com Humberto Teixeira, era a música que atraía Luiz Gonzaga, e esta tornou-se seu ofício "– Eu não tinha nem dez anos/ Minha mãe veio me falar/ Me pôs calça de homem e me disse/ Vai, meu fio, vai trabaiá/ Desde então que eu toco e canto/ O meu fole a me ajudar/ Com o baião, siridó, balanceio/ Fiz o meu Brasil dançar/ Só faltava mostrar essa dança/ Que eu vou apresentar".

Aos 17 anos, Luiz saiu de Exu fugido, após uma severa surra que recebeu da mãe por causa de um namoro proibido com Nazarena Alencar, uma estudante, filha de uma família importante da cidade que não ficou nada contente em ver a moça (branca) namorando um roceiro negro, "tocadorzinho de meia tigela". Quando soube do namoro, o pai de Nazinha ficou contra o casal e, depois de uma discussão na feira, o homem ameaçou Luiz, sugerindo que sua mãe o mandasse embora para não acontecer uma tragédia, despertando a ira da mulher que, ao chegar em casa, espancou o filho. Luiz Gonzaga, que também era contador de história, descreve o acontecido da seguinte forma:

“só fugi de casa porque eu queria casar. Mãe era mulher violenta. ‘Casar? hum’. Nós era tocadorzinho de pé de serra, namorado como o diabo, neguinho fiota, namorei uma estudante. Ah menino, quando o pai da moça soube deu uma popa da mulesta ‘Ha, tocadorzinho sem futuro. Luiz, casar com? Deixa ele vir pra cá que eu dou-lhe uma pisa’. Eu soube. No dia da feira, tomei umas lapada de cana, escorei o homem na feira. ‘Ô senhor Raimundo, o senhor me chamou de molequinho sem futuro?’, ‘E o que mais, Luiz?’, ‘O senhor disse que eu era um tocadorzinho de meia tigela?’, ‘E o que mais, Luiz?’, ‘Que eu não prestava pra casar com sua filha’, ‘E o que mais, Luiz? Mentira, Luiz! Isso é invenção desse povo. Tu? Meu coração, filho de Januário e de Santana’. O

homem era muito vivo, eu saí dali, fui contar vantagem no meio dos amigos: 'Taí disse que o homem era brabo? Fui lá, escorei ele no meio da feira, disse-lhe o diabo, eu disse as do fim e ele se acovardou'. Nessa hora mesmo ele tava conversando com mãe lá na feira das cordas: 'Santana, foge daqui com Luiz, pra evitar uma desgraça, me insultou, só não dei-lhe umas tapas porque é seu filho'. Na mesma hora nós voltamos pra casa, chegamos em casa assim, todo mundo se admirou: 'Mas Santana, essa hora já voltou da feira? Não vendeu nem as corda, o que que houve?' Daí a pouco, menino, foi um São João de Reis, lá dentro da camarinha: 'Não queria matar o homem? Toma toma valente'. Meu pai na porta, quando eu fugi, que fui passando perto do meu pai, meu pai que nunca tinha me batido aproveitou e emendou".

A humilhação da "pisa" e o desejo por novos ares foram suficientes para levar o jovem embora de sua cidade natal. De carona com um amigo tangedor que entregava mercadoria no Crato, veio até o Cariri, onde vendeu sua sanfona e comprou uma passagem de trem para Fortaleza. Na capital cearense, Luiz se alistou como voluntário no exército, onde passou nove anos e participou de cinco revoluções, mas sem nunca dar um tiro. A experiência também resultou em música: "Toque de Rancho" – "No tempo certo/ Fiz o meu alistamento/ Tô aqui senhor sargento/ Pra fazer a inspeção/ Quero servir/ Ao exército brasileiro/ Quero ser logo o primeiro/ A entrar no batalhão".

Luiz Gonzaga saiu do exército em 1939 e, ao invés de voltar para Pernambuco, foi para o Rio de Janeiro, na época, a capital do país. Foi lá que ele conheceu o baiano Xavier Pinheiro, que se tornou um grande amigo e, juntos, passaram a tocar tangos, fados e valsas em bares e cabarés. Numa dessas apresentações, um grupo de cearenses que estava entre o público, pediu para que a dupla tocasse alguma coisa do "norte", foi nessa que Luiz compôs a música instrumental **Vira e Mexe**, que foi um divisor de águas em sua carreira. Com ela, no programa de rádio de Ary Barroso, venceu, pela primeira vez, o concurso de calouros "– Não teve Ary que aguentasse. Foi nota cinco! Naquele dia eu comi dois pão". A partir de então, ele foi contratado pela rádio.

Em 1941, Luiz Gonzaga gravou, como solista de sanfona, dois discos, com as músicas **Véspera de São João** e **Numa Seresta**. No entanto, embora encantados com sua versatilidade, os seus contratantes não se agradavam de sua voz, considerada ruim e nasalada, por esta razão, durante seus primeiros anos de carreira, foi impedido de cantar. Gonzaga conta que, o diretor da rádio chegou a colocar um aviso na programação o proibindo de cantar, pois era contratado como músico “o que é mais ou menos, agora como cantor é ruim demais”. A primeira vez que gravou com sua voz, foi em 1945, com a música **Dança Mariquinha**.

A partir de então, Luiz Gonzaga desembestou no cenário musical nacional, com letras simples que remetiam ao Nordeste e à cultura de sua região. Luiz foi a grande voz que o Nordeste precisava para se estabelecer como uma região “recém-criada”. Ainda hoje, 34 anos depois de sua morte, Luiz Gonzaga, sob a alcunha de Rei do Baião (único brasileiro – na opinião desta que vos fala – que merece o título de rei) é o maior símbolo de cultura nordestina, tanto que é inconcebível a ideia de uma pessoa, nascida no Nordeste, que não conheça sequer uma música dele.

O cantor pernambucano foi mestre de vários nomes do forró e de vários artistas da região. Os cearenses Belchior, Ednardo e Fagner; os baianos Caetano veloso, Gal Costa e Gilberto Gil; os pernambucanos Alceu Valença e Dominginhos; os paraibanos Elba Ramalho, Zé Ramalho e Flávio José, são alguns dos artistas influenciados pelo Rei do Baião.

Se vivo fosse, hoje Luiz Gonzaga estaria completando 111 anos. Atualmente, a data do seu nascimento celebra o Dia Nacional do Forró, considerado, desde 2021, patrimônio cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. Em 50 anos de carreira, Luiz gravou mais de 70 discos e compôs músicas com vários parceiros, Humberto Teixeira, Hidelito Parente, José Dantas, Patativa do Assaré, dentre outros. Suas letras retratam o dia-a-dia do povo nordestino, desde as tradições de São João, às secas enfrentadas pelos sertanejos; algumas com tom de humor, outras de súplica e até protesto político, como é o caso de **Vozes da Seca**, em que faz um apelo ao então presidente Getúlio Vargas, na época eleito democraticamente, sobre a falta de investimento do Estado na região Nordeste –

“É por isso que pedimos proteção a vosmicê/ Homem, por nós,

escolhido, para as rédias do poder/ Pois doutor, dos vinte estados,
temos oito sem chover/ Veja bem, mais da metade do Brasil tá
sem comer/ Dê serviço a nosso povo, encha os rios e barragens/
Dê comida a preço bom, não esqueça a açudagem/ Livre assim,
nós da esmola, que no fim desta estiagem/ Lhe pagamo inté os
juros sem gastar nossa coragem/ Se o doutor fizer assim, salva
o povo do sertão/ Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra
nação/ E nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo neste chão/
Como vê, nosso destino, mercer tem na vossa mão”.

Com um legado eterno, Luiz Gonzaga é a cara do Nordeste.

Marisa Monte – “Ainda bem que encontrei você”

Luciana Bessa

A Música, assim como a Literatura, tem o poder de invocar lembranças, despertar sensações várias - alegria, melancolia, prazer – e fazer refletir sobre a condição humana.

Muitas são minhas paixões. Uma delas é a Música. Talvez seja sua habilidade de me acalmar, ou mesmo afastar o turbilhão de pensamentos sobre os infindáveis compromissos do dia a dia. Pode ser ainda o fato de a Música e a Literatura manterem uma relação íntima e complementar, embora não haja equivalência musical para o discurso verbal.

Minha relação com a música-poesia da cantora e compositora Marisa Monte remonta a década de noventa, quando era estudante do curso de Letras. Após minhas leituras obrigatórias do sábado à tarde, escutar a voz de Marisa era sinônimo de liberdade e de bem-estar.

Nascida em 01 de julho de 1967, Marisa Monte é uma artista que já vendeu mais de dez milhões de discos, além de já ter sido agraciada com cinco Grammy Latino, nove Prêmios Multishow de Música Brasileira e seis Prêmios Tim de Música. É a primeira artista feminina brasileira a receber o Prêmio Tenco pelo conjunto de sua obra como cantora e compositora.

O que tudo isso prova? Que existem milhares de outras pessoas que, assim como eu, se emocionam com a voz, as letras e as ideias de uma artista de repertório eclético, para quem “o tempo vai e o vento vem”, que ficou nacionalmente conhecida com a música **Bem que se quis**, tocada exaustivamente pelas rádios, e que fez parte da trilha sonora da novela **O Salvador da Pátria** (1989). Em seu primeiro álbum, MM, sucesso de público e de crítica, uma cantora estreante conseguiu vender mais de quinhentas mil

cópias. Como se não bastasse, ele foi eleito pela revista **Rolling Stone Brasil** como um dos 100 melhores discos da música brasileira (posição #62).

Com uma voz inconfundível e cantando muitas vezes sobre relações amorosas, não é à toa que Marisa Monte marcaria presença em outras trilhas sonoras de novelas, como: **A Sua, Desejos de Mulher** (2002), **Velha Infância, Mulheres Apaixonadas** (2003), **Infinito Particular, Pé na Jaca** (2006), **Não é Proibido, Três Irmãs** (2008), **Mais Uma Vez, Caras e Bocas** (2009), **Depois, Avenida Brasil** (2012) etc.

No ano 2000, Marisa Monte traz à tona um trabalho centrado no amor: o álbum **Memórias, Crônicas e Declaração de Amor**. Com a colaboração de Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, entre outros, o projeto vendeu mais de dois milhões de cópias e foi agraciado com o Disco de Diamante. A música **Amor I Love You** foi a mais tocada nesse ano e ganhou a categoria “Melhor Videoclipe de MPB”, no MTV Vídeo Music Brasil 2000. O amor é uma sonoridade tão forte que a música, tema da novela **Laços de Família**, ainda foi indicada a um Grammy Latino na categoria “Melhor canção brasileira”.

Como não haveria de ser? A voz melodiosa de Marisa Monte com a voz cortante de Arnaldo Antunes recitando um trecho da obra do escritor português Eça de Queiroz (1845-1900), retirado de um de seus mais emblemáticos romances, **O Primo Basílio** (1878), “Tinha suspirado/ Tinha beijado o papel devotamente/ Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades...” arrebatou até mesmo os mais céticos dos jurados.

Depois de dez anos de um período de silêncio, uma pandemia (Covid-19), que enlutou o mundo, e que Marisa Monte aprendeu a não brigar com a vida para não perder, sua voz pôde novamente ser escutada com o álbum **Portas**, com participação de velhos amigos conhecidos: Nando Reis, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Seu Jorge.

Marisa Monte, que está aqui de passagem, para quem o “coração é um músculo involuntário e ele pulsa por você”, que ao chegar à madrugada seu pensamento vagueia, que se mostra como é e vai sendo como pode, tem os meus ouvidos atentos para escutá-la nas tardes de sábado. Eu já “Tô com sintomas de saudade” de você.

Mulheres que escrevem

Luciana Bessa

Ser quem eu sou, mulher-nordestina, me impulsionou a criar o Blog Literário Nordestinados a Ler, ferramenta que tem o propósito de criar e fomentar a literatura produzida na região Nordeste, marcada pelas desigualdades sociais e econômicas, mas com um histórico de lutas e talentos, especialmente concebida pelas mulheres, que durante décadas, foram negados o acesso à leitura e à escrita.

Ser mulher em uma sociedade patriarcal não é fácil. Ser mulher-escritora, então, nem se fala. A história das mulheres, dentro ou fora do universo literário, foi/é marcado pela exclusão, pela violência e pelo silenciamento. Sem voz, tiveram que assistir, a deturpação de si.

A naturalização do papel secundário da mulher, o servilismo e o fato de não frequentarem os bancos escolares e acadêmicos, ocultou a participação e a importância do sexo feminino em todas as áreas do conhecimento.

Nascida do “osso que protege a vida do homem”, santificada como um ser “frágil”, a mulher foi modelada para casar, gerar filhos e cuidar do lar. Nunca nos foi perguntado se era isso que queríamos.

Desde, então, criou-se a ideia de mulher mãe, mulher casadoira, mulher como um ser sagrado. E, pasmem, em plena a Pós-Modernidade, com crises ambientais, mutação genética, novas tecnologias, governos ditatoriais, ecoou o bordão: “Bela, recatada e do lar”.

Da mesma forma que a Democracia precisa reafirmar, a todo instante, sua legitimidade e importância, as mulheres têm que gritar a plenos pulmões: “lugar de mulher é onde ela quiser”.

Tudo isso me veio à mente, porque dia 25 de janeiro foi o aniversário da escritora inglesa Virgínia Woolf. Dentre suas obras icônicas, destaco **Um teto todo seu** (1928), nascida de um convite para que Woolf pudesse palestrar sobre “Mulheres e a ficção”.

Das muitas premissas desse livro, a mais conhecida é que toda mulher precisa de um teto todo seu e 500 libras por ano, ou seja, um espaço para ela trabalhar e uma situação financeira estável.

Na prática, até hoje, é um patamar difícil de ser conquistado. Senão vejamos. Para se ter um lugar para escrever, é primordial que ele seja guardado de interrupções e aporrimhações externas. Quanto ao dinheiro, se a mulher não nasceu herdeira, é preciso trabalhar para pagar por esse teto, além da água, energia, telefone, etc.

Mulheres não podem continuar sendo vistas como o “segundo sexo”, para lembrar Simone de Beauvoir. Precisam ganhar o mesmo que os homens, não serem postas à prova a todo momento, tão pouco se preocupar com o “mito da beleza” (Naomi Woolf). Faz-se urgente políticas públicas (eficazes) para garantir sua própria vida.

Embora façamos parte de uma sociedade democrática e que prega a igualdade entre os sexos, na prática, os homens continuam a escrever as normas e as leis, salvo raras exceções, que regem o mundo no qual estamos inseridos. Por mais empatia, mais sororidade, mais visibilidade. Leiamos mais mulheres!

Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar

Shirley Pinheiro

“Eles não vão vencer
Baby, nada há de ser em vão”

Amar é um direito de todos! Mas para alguns é uma luta árdua e cotidiana, às vezes enfrentada com medo, com dor, com garra e sempre com orgulho. No dicionário, “orgulho” significa o “sentimento de prazer, de grande satisfação com o próprio valor, com a própria honra”. Para uma parte da população, que é perseguida, ridicularizada e assassinada pelo simples fato de amar, celebrar o amor um dia, um mês ou a vida inteira é sim motivo de muito orgulho.

A história do movimento LGBTQIAPN+ é torneada pelo silenciamento, marginalização e perseguição da comunidade. Ainda hoje há quem questione as razões pelas quais se celebra o dia/mês do orgulho LGBT e não há comemoração do “orgulho hétero”. Pois bem, a resposta mais óbvia é o fato de que ser hétero não implica na retirada de nenhum direito, nenhum perigo à vida, nem qualquer tipo de censura ou vexação desses indivíduos. Mas para alguns, principalmente aqueles que se orgulham de “procriar e povoar a terra”, compreender a importância (e desgaste) de viver lutando pela própria existência e liberdade é uma tarefa árdua e muitas vezes impossível.

“Um novo tempo há de vencer
Pra que a gente possa florescer
E, baby, amar, amar sem temer”

É por essas pessoas, e também por aquelas que sonham em um dia,

amar sem temer, que proponho um breve passeio à história do movimento LGBTQIAPN+ e suas conquistas. Aos sensíveis, aviso logo que as linhas que se seguem estarão repletas de força, resistência, representatividade e, principalmente, orgulho!

Um dos principais marcos da historiografia da comunidade LGBTQIAPN+ foi a Revolta de Stonewall, acontecida em 28 de junho de 1969, nos Estados Unidos, quando frequentadores do bar Stonewall Inn se rebelaram contra as violentas batidas policiais ao estabelecimento, um dos poucos lugares seguros para pessoas LGBTQs, numa época em que não ser heterossexual era crime. A reação de Stonewall resultou numa série de manifestações pelos direitos da comunidade LGBTQ, às quais se destacam Marsha P. Johnson, mulher trans que ajudou a fundar a Frente de Liberação Gay; Sylvia Ribeira e Stormé Delaverie, conhecida como guardiã das lésbicas e a primeira a reagir à repressão policial, o estopim para a revolta do restante da multidão.

Em 1970, 10 mil pessoas se reuniram para comemorar o ano da revolta de Stonewall, iniciando as paradas LGBTQIAPN+ que acontecem anualmente, todo mês de junho, em várias partes do planeta, destaque para a de São Paulo, considerada a maior do mundo. A data também foi definida como o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+.

No mesmo período, o Brasil vivia uma realidade similar à de Stonewall. Em 1969, a Ditadura Militar estava em seu auge e a perseguição de pessoas LGBTQs pelo Estado estava incluída na lista de prisões, torturas e assassinatos. Mas, ainda que numa época de repressão, a comunidade criou os próprios espaços de resistência, como o jornal **O Lampião da Esquina** e o boletim **Chama com Chama**, ambos trouxeram à luz debates sobre sexualidade, identidades e direitos da comunidade LGBTQIAPN+.

A partir da década de 1970, começaram a surgir os primeiros grupos de movimentos de gays e lésbicas, aos quais se destacam o **Grupo Somos**, fundado em 1978, e o **Grupo Gay da Bahia**, de 1980, que documentou e divulgou casos de violência e assassinatos de pessoas LGBTQs. Ainda na década de 80, além das repressões do Estado, a comunidade LGBTQIAPN+ foi assombrada por outro desafio, a luta contra a AIDS e a discriminação trazida pela doença.

E, falando nisso, foi só em 1985 que a homossexualidade deixou de ser tratada como doença no Brasil, quando foi publicada uma nova edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). E na lista dos direitos conquistados pelas pessoas LGBTQTs, destaco o direito ao casamento civil, reconhecido pelo Supremo Tribunal Federal, em 2013, que, em 2018, também reconheceu o direito a pessoas trans de alterarem seus nomes no registro civil, independente da realização da cirurgia de redesignação sexual.

Mas apesar dos avanços e conquistas do movimento LGBTQIAPN+, a vivência dessas pessoas ainda está longe de ser ideal. Se, na década de 70, a escritora Cassandra Rios teve diversas obras censuradas por abordar o amor homoafetivo entre mulheres, 2023, os beijos de duas mulheres e outros casais homoafetivos enfrentam uma onda de censura similar nas novelas do canal de maior audiência do país. O que mudou? A comunidade não está mais disposta a ser silenciada, enganada, nem a receber migalhas de representatividade. Esta luta é pelo direito de amar e ser amado.

Afinal, amar é um direito de todos! A poeta Elayne Baeta já disse que o amor não é óbvio e que está substituindo por coragem, todo o seu medo de amar; já a cantora Liniker avisou que “amar é pra se corrigir e não perder a paz”. Elizabeth Bishop acreditava que o “amor dorme”. Por aqui concordamos com toda e, como disse Lulu Santos, “consideramos justa toda forma de amor”, porque “NINGUÉM VAI PODER, QUERER NOS DIZER COMO AMAR”!

Feliz Dia do Orgulho!

Precisei me “encontrar” com Cartola

Shirley Pinheiro

Na primeira vez que ouvi Cartola, ele me disse: “Ainda é cedo, amor/ Mal começaste a conhecer a vida/ Já anuncias a hora de partida/ Sem saber mesmo o rumo que irás tomar”. Era realmente cedo, eu ainda nem tinha começado a conhecer a vida e, mesmo que não anunciasse a hora de partida, eu me sentia sem rumo. Pois é, caro leitor, as expectativas do mundo adoecem nossa alma e “em cada esquina cai um pouco [nossa] vida”, não é mesmo?

Bem, o fato é que os versos de Cartola serviram como uma luva à urgência que eu sentia naquele momento. E, como se soubesse exatamente a minha necessidade, ele ainda diz: “ouça-me bem, amor”. E eu o ouvi!

Depois de escutar **O Mundo é um moinho**, foi a vez de ser acolhida pelos versos de **Preciso me encontrar**. O título já é bem sugestivo e, para uma pessoa que já anunciava sua falta de rumo, ouvir aquele dedilhado harmonioso e aquela voz clamando por viver, por nascer e por ver correrem as águas do rio, foi como se aquele cantor, que, até então, eu só conhecia de nome, validasse toda a minha angústia e pressa de viver. Meia hora depois, como quem morre, eu cantava à palo seco: “Deixe-me ir/ Preciso andar/ Vou por aí a procurar/ Rir pra não chorar [...] Se alguém por mim perguntar/ Diga que eu só vou voltar/ Depois que me encontrar”.

Desde então, Cartola se tornou frequente em minhas e, exatamente hoje, estava pensando sobre como ele traduz perfeitamente a minha alma. Seria isso uma conexão de librianos? Com certeza não (eu pelo menos não acredito). O fato é que, um dia depois de comemorar os meus vinte e cinco anos “de sonho e de sangue e de América do Sul”, descobri, graças

ao Google, que, se fosse vivo, um dos meus cantores favoritos estaria fazendo aniversário hoje. E foi o pretexto perfeito para deixar os meus problemas de escrita de lado e dedicá-lo algumas das palavras que têm me fugido nos últimos meses. Afinal, Cartola é Cartola.

Mas antes de se tornar o que foi: um dos maiores cantores e compositores do Samba, Cartola era Agenor Oliveira, um menino que, desde muito novo, mantinha contato com a arte, com seus familiares, que festejavam o sexto dia do ano fantasiados pelas ruas do Rio de Janeiro, nas festividades do Dia de Reis. O apelido com o qual tornou-se conhecido só veio anos depois, quando ele, para se sustentar, passou a trabalhar como pedreiro, na construção civil, período em que usava um chapéu-coco, para evitar que o cimento caísse no cabelo, o que deu origem ao apelido.

Criador da grande escola de samba Estação Primeira de Mangueira, Cartola teve inúmeros parceiros de composição e de performances, dentre eles, Nelson Cavaquinho, Noel Rosa, Carlos Cachça e Clementina de Jesus. Além disso, teve suas músicas gravadas e regravadas por grandes nomes da música popular brasileira, como Beth Carvalho, Cazuza, Maria Bethânia, etc.

Cartola nasceu no Catete, no Rio de Janeiro, em 11 de outubro de 1908 e, apesar dos pesares, queixava-se às rosas, mas sabia que o sol ainda nasceria e cantava: “A sorrir eu pretendo levar a vida/ Pois chorando eu vi a mocidade/ Perdida”.

Rádio e Literatura: em sintonia com a palavra

Luciana Bessa

Na minha adolescência, descobri o poder do rádio e o gosto pela música, principalmente, ao dormir. Embalada pelas melodias americanizadas da década de 80, construí um imaginário de como seriam os bastidores de uma rádio e de como seriam seus locutores: bonitos e simpáticos. Esse momento nostálgico deve-se ao fato de que, em 13 de fevereiro, comemora-se o Dia Mundial do Rádio, data instituída há 77 anos, quanto da criação da rádio das Nações Unidas.

O Dia Mundial do Rádio foi proclamado na Conferência Geral da UNESCO, em 2011, com o objetivo de conscientizar o povo da importância do rádio, como um meio de comunicação rápido, democrático e acessível, capaz de levar a informação para lugares longínquos e inóspitos. Foi também uma forma que a UNESCO encontrou de melhorar a cooperação internacional entre as emissoras.

É importante destacar que o Dia Mundial do Rádio é uma das datas mais populares proclamadas pelas Nações Unidas e que discute temas relevantes universalmente, tais como: igualdade de gênero (2014), juventude (2015), esporte (2018), diversidade (2020), paz (2023). Fonte de difusão de conhecimento, as rádios pulsam entre estudantes e professores das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), sendo denominadas de rádios universitárias públicas. Destaque para a rádio universitária da URCA - frequência 93.4 -, fundada oficialmente em 2019, pautada na “garantia do direito à informação, ao debate e à reflexão (...) do direito à experimentação e ao trabalho cultural crítico e transformador”.

A Universidade Federal do Cariri (UFCA), desde 2011, aguarda o

processo de implementação de sua rádio (FM 90,3), que atualmente está no Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Depois deverá seguir para a Casa Civil e, posteriormente, para apreciação do Congresso Nacional. Ao longo do século XX, a parceria entre rádio e literatura, permitiu o registro e a disseminação da cultura brasileira. As novelas, antes de serem veiculadas pela TV, eram transmitidas pelo rádio, entretendo e aguçando a imaginação dos ouvintes.

O poder de alcance das rádios-novelas foi tamanho que, durante os anos de 1941 a 1959, foram contabilizados 118 autores e 807 títulos, sendo **O Direito de Nascer**, transmitida pela Rádio Nacional, um estrondo sucesso que durou praticamente três anos. De autoria de Félix Caignet, com 314 capítulos, surpreendeu a crítica brasileira que não acreditava ser possível o público se interessar por uma narrativa tão extensa.

O rádio nos deu autoras como Ivani Ribeiro e Janete Clair, com 16 e 13 novelas respectivamente, além de cantoras, pioneiras do universo musical feminino, que seduziram gerações por meio de suas vozes, como Carmem e Aurora Miranda, Maysa, Aracy de Almeida, Odete Amaral, etc.

Mudam-se os tempos, aprimoram-se as tecnologias e, hoje, temos as Web Rádio, isto é, rádio digital ou online transmitida via internet. No município do Crato, destaco o trabalho potente das Rádios Cafundó (<https://radiocafundo.com.br/>) e Rádio Literária Carrapato (<https://radioliterariacarrapato.xyz/>).

A primeira, idealizada em 2021 por Francisco Nascimento, está instalada na comunidade do Mutirão, no Postim Cultural, antigo Posto Policial. A programação está voltada para a promoção dos Direitos Humanos e o fortalecimento dos Movimentos Sociais. A segunda, articulada por Samuel do Nascimento, desde 2019, dá voz ao “povo do carrapato, das comunidades circunvizinhas” com conteúdos “que priorizam a valorização do ser humano e desenvolvimento social”.

Ambas as Web Rádios abrem as portas ao Blog Literário Nordestinados a Ler (<https://nordestinadosaler.com.br/>) para disseminação da Literatura, especialmente, a produzida por mulheres da região Nordeste.

Rádio e Literatura são grandes parceiras que trabalham com o alimento fundamental que aproxima e fortalece as relações humanas: a palavra.

Rita Lee, a mulher que fez um monte de gente feliz

Shirley Pinheiro



“A sorte de ter sido quem sou, de estar onde estou, não é nada se comparada ao meu maior gol: sim, acho que fiz um monte de gente feliz”

Rita Lee: uma autobiografia (2016)

Algumas semanas atrás, sozinha numa madrugada de sábado, assisti, encantada, à homenagem do apresentador Sérgio Groisman à cantora Rita Lee, em seu programa Altas Horas. A cada depoimento dado pelos amigos de Rita, a emoção se exibia, transformando meus olhos numa piscina, sob ameaça de transbordar, e, a cada música cantada, minha pele arrepiava, enquanto, com minha “voz chata e renitente”, como diria um antigo cantor de rock, eu cantava, em frente à TV. Ao fim do programa, ainda emocionada e com certo receio de ser flagrada ali, exposta pelas sensações que aquela cantora me causava, questionei em silêncio porque eu ficava assim, tão emotiva. A resposta foi instantânea: sou sensível à arte.

Hoje, como se o universo estivesse tentando adiar o inadiável, demorei mais do que o normal pra acordar, e mais ainda para ligar o celular. Já era quase meio-dia, quando percebi que estava fazendo o almoço sem música, foi quando conectei o telefone à internet e recebi a notícia que eu não queria: mais um ícone da música nacional havia nos deixado, desta vez, Rita Lee, a rainha do rock brasileiro. O choque foi inevitável, a tristeza também e a falta de uma pessoa que eu sequer conhecia pessoalmente, já começava a se formar (destaco aqui, mais uma prova do poder da arte, aproximar pessoas).

Mas também, quem não se sentiria próxima da icônica Rita Lee, tendo crescido com suas canções embalando os momentos tristes e felizes, sozinha ou acompanhada e, principalmente, inspirada pela sua história de vida transgressora e revolucionária, uma voz que impulsionou e ainda impulsiona as mulheres de várias gerações.

Rita Lee nasceu no último dia do ano de 1947, na capital paulista. Sua influência pelo rock veio desde cedo, as músicas de Elvis Presley, Beatles e Rolling Stones embalaram sua juventude, ao lado de clássicos da MPB como Cauby Peixoto, Ângela Maria, Maysa e João Gilberto, que seus pais ouviam em casa.

Foi ainda adolescente que Rita começou a compor, época em que passou a integrar grupos de rock. Mas foi como integrante da banda Os Mutantes que ela passou a se destacar. O grupo, que fez parte do movimento tropicalista, ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Nara Leão e Tom Zé, gravou apenas seis álbuns, mas que marcaram para sempre a história da música brasileira. Sua saída da banda foi conturbada, o fim do casamento com Arnaldo Dias Baptista, outro membro d'Os Mutantes, e divergências sobre o futuro da banda, mudaram os rumos de sua carreira.

Rita Lee, criou então, a banda Tutti Frutti, onde conheceu o grande amor de sua vida, Roberto de Carvalho, um parceiro musical e de romance, com quem teve três filhos: Beto Lee, João e Antônio. Em 1976, grávida do primeiro filho, Rita foi detida pela ditadura militar por porte e uso de maconha, num ato para servir de exemplo aos jovens da época, a cantora foi condenada a um ano de prisão domiciliar, e, para fazer shows, precisava de autorização de um juiz.

Numa época em que a juventude era exposta às drogas, sexo e ao álcool, Rita Lee não foi um caso à parte, mas, em 2006, com a chegada da primeira neta, a roqueira foi em busca de reabilitação e conseguiu se livrar das drogas.

Sendo uma mulher em destaque num meio dominado pelos homens, Rita era considerada um ícone feminista, embora nunca tenha se considerado como tal – “Nunca carreguei bandeira de feminismo. Eu era a única menina roqueira no meio de um clube só de bolinhas, cujo mantra era: para fazer rock tem que ter culhão. Eu fui lá com meu útero e meus

ovários – e me senti uma igual, gostassem eles ou não. Sou do tempo em que o feminismo era queimar sutiã no meio da rua, e eu nunca tive peito suficiente para sequer usar sutiã. Talvez eu seja uma feminista gauche”.

Ainda assim, suas letras tinham o empoderamento feminino intrínseco, como em **Pagu** (2000), em que ela canta – “Minha força não é bruta/ Não sou freira, nem sou puta/ Porque nem toda feiticeira é corcunda/ Nem toda brasileira é bunda/ Meu peito não é de silicone/ Sou mais macho que muito homem”; ou em *Todas as Mulheres do Mundo* (1993), em que Rita afirma que todas as mulheres, “socialites plebéias, rainhas decadentes, manecas alcéias, enfermeiras doentes, madrastas malditas, superhomem sapatas, irmãs La Dulce beaidetificadas”, têm um quê de Leila Diniz, atriz brasileira de cinema e TV, conhecida por incomodar os moralistas da ditadura militar, pelos seus ideais e atitudes libertárias. Rita Lee falava abertamente sobre sexo e sexualidade numa época em que as mulheres em geral não tinham liberdade para tratar desses “tabus”.

A morte de Rita Lee, é mais uma grande perda irreparável para a música nacional, que já vem sofrendo perdas inestimáveis, como Gal Costa, Erasmos Carlos e Elza Soares. E nesse dia triste, fica aqui a minha homenagem a essa mulher extraordinária, que tanto me acolheu todas as vezes que me vi na letra de *Ovelha Negra* (1975) e que, com toda certeza do mundo, fez a mim e a um monte de gente feliz. Hoje em dia, toda mulher é meio Rita Lee.

Viva o cinema brasileiro

Luciana Bessa

Para além dos festejos juninos, o mês de junho tem uma data que passa despercebida para alguns de nós: o dia do cinema brasileiro, 19 de junho, em alusão ao ítalo-brasileiro, Afonso Segretto, que filmou, no ano de 1898, a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro.

Minha relação com a literatura brasileira sempre foi de amor à primeira vista. Já com o cinema, não foi bem assim. Influenciado pelas comédias italianas, o gênero das pornochanchadas, fez muito sucesso na década de 1970, mas confesso que narrativas com palavras de baixo calão, exposição do corpo feminino, temáticas sobre virgindade e conquistas amorosas, não me conquistaram.

Que fique claro que não se trata de moralismo. Longe ainda de defender a proibição das pornochanchadas por acreditar que esse tipo gênero atenta contra a moral e os bons costumes. Imoral é a defesa à Ditadura, às *Fake News*, ao feminício todo santo dia, a mulheres desempenhando as mesmas funções do homem e ganhando menos, a trinta e três milhões de pessoas passando fome, etc.

Se no século XX se promoviam campanhas ruidosas na sociedade civil e no Congresso Nacional contra as pornochanchadas, acho justo, necessário e fundamental, que em pleno século XXI, também fazemos ações estrondosas contra a taxaçoão de livros e a censura de alguns títulos (**Meninos sem pátria**, de Luiz Puntel; **Bolsa Amarela**, de Lígia Bojunga; **Beirage**, de George Furlan, dentre tantos outros), assim como o preço alto dos ingressos de cinema.

Assim como amo a literatura, mas não me interesso muito pelo gênero de suspense, sou apaixonada pelo cinema brasileiro, mas não me identifico com enredos que misturavam tramas mirabolantes e a nudez feminina. Valorizo a importância dessas produções que incomodaram o mercado hollywoodiano, e reconheço que o sucesso de público, especialmente, entre os anos de 1970 e 1975, foram responsáveis pelo desenvolvimento do nosso cinema.

Não identificação não significa reprovação. Indica que me interesso pela corrente cinematográfica chamada de Cinema Novo, que se propunha a denunciar a pobreza e a miséria da população brasileira, tal qual a Segunda Geração Modernista, por meio das obras de escritores como: José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego.

Nesse contexto, um grupo de jovens cineastas, diante das produções de Hollywood, com altos recursos financeiros e enredos açucarados; e da pornochanchada, que para eles não passavam de cinema “prostituído” e de “mal gosto”, resolveram se contrapor a essa realidade de industrialismo cultural e alienação. Adotaram o lema, “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, na expectativa de criar uma arte engajada e forjada nas mazelas sociais.

Essa nova corrente cinematográfica foi definida por Glauber Rocha como um “cinema perigoso, divino e maravilhoso” com filmes de tirar o fôlego e encher de questionamentos a mente do espectador, como por exemplo, **Deus e o Diabo na Terra do Sol** (1964), **A Hora e a Vez de Augusto Matraga** (1966), **Terra em Transe** (1967), **Maria Bonita, Rainha do Cangaço** (1968), **Macunaíma** (1969), etc.

Mudaram-se os tempos e a indústria cinematográfica. Hoje, somos capazes de fazer uma lista de filmes “*made in Brazil*” que tem levado milhares de brasileiros ao cinema, apesar dos ingressos caros: **Lisbela e o Prisioneiro** (2003), de Guel Arraes, **Tropa de Elite 2** (2007), de José Padilha, **Se eu fosse você 2** (2009), de Daniel Filho, **Meu passado me condena** (2013), de Julia Rezende, **Minha Mãe é Uma Peça** (2019), de Susana Garcia.

Sigo na expectativa pelos filmes que estão por vir, como **O Auto da Compadecida 2**. Que sigamos enchendo as salas do cinema para prestigiar o trabalho de diretores, atores / atrizes, roteiristas, sobretudo, lutando por leis de incentivo à expansão e modernização do parque cinematográfico brasileiro.



Indicações de livros

Um mosaico de amor-dor-alforria

Luciana Bessa

Cartas de dor Cartas de Alforria, publicado em 2018 pela Fundação Casa de Jorge Amado, é de autoria da educadora, escritora e cordelista, Mabel Velloso, irmã dos cantores e compositores Maria Bethânia e Caetano Veloso.

Composta de quarenta e uma cartas, a obra nasceu, segundo sua própria autora, das coisas que ela mesma viveu e outras que foram contadas. No intuito de não esquecer, afinal, a memória é precária, Mabel resolveu registrar a tríade: amor-dor-alforria.

Esse encontro/desencontro entre o feminino e o masculino é marcado por temáticas que nos possibilitam refletir no tipo de relação que temos e o tipo de relação que merecemos.

Há tempos dizia o poeta Fernando Pessoa, por meio de seu heterônimo Álvaro de Campos: “Todas as cartas de amor são ridículas. / Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. / Só as criaturas que escreveram / Cartas de amor / É que são ridículas”. Eu, por exemplo, já escrevi muitas cartas: algumas de amor, outras de saudade da família e, muitas outras, para encurtar a distância dos amigos depois que fui morar em outra cidade.

Por meio das cartas, conhecemos parte da história da humanidade. Escrevê-las foi uma forma que, nós mulheres, encontramos para registrar momentos de luta, de angústia, de solidão, ou mesmo, para relatar o cotidiano e confessar nossas mágoas diante de tantas atrocidades a que fomos/somos submetidas.

As Cartas de Mabel Velloso nada têm a ver com o amor, mas com a

dor por ele causada. A equação matemática nessa obra é simples: para cada dor sentida por uma mulher, uma alforria é conquistada.

A autora inicia sua obra com uma não-dedicatória: “Estas cartas não podem, nem devem ser dedicadas. Todas elas foram passadas a limpo para que as mulheres que sofrem por amar demais encontrem uma forma de passarem suas vidas a limpo”. Se amar não é fácil, imagine, amar demais, por isso, a necessidade de se escutar por meio das cartas. A escuta sensível é uma possibilidade de entrar em contato com a realidade que teimamos em esconder.

Outro aviso importante da autora: “P.S. Proibido a leitura às mulheres felizes”. A prefaciadora da obra, a poeta e cantora Elisa Lucinda, não concorda com Mabel, pois alega que cada queixa presente nas cartas “esclarece sobre os caminhos e descaminhos do amor”. Amores esclarecidos são bem saudáveis do que os amores iludidos.

Cartas de dor Cartas de Alforria (2018) deve ser lido por todos aqueles que acreditam, que já tiveram, ou que desejam ter relações amorosas, porque nos coloca diante de relatos, pessoas e histórias reais. O amor real nos ensina mais do que ficcional, embora esse aguçe nossa imaginação.

As cartas são datadas de 1969 a 1989. Nesse lapso temporal somos capazes de perceber a mudança de comportamento do feminino. Nas cartas das décadas de 60 e 70, observamos mulheres com “vendas nos olhos” para as traições dos maridos. Na década de 80, já é possível notar que a força patriarcal do período anterior vai perdendo suas forças: “Não tenho estudo, mas sei que a mulher está sendo bem falada. Estão dando importância e valor a todas”.

É importante destacar que a partir de 1980, no Brasil, o movimento feminista começou a participar de associações, partidos, sindicatos, ONGs. Em 1988, com a Constituição Federal, foi extinguida a tutela masculina na sociedade conjugal. Diante disso, a força social e política dos chamados “movimentos das mulheres” se alastrou por diferentes espaços.

Cartas de dor Cartas de Alforria (2018) é uma obra composta de textos curtos, com uma linguagem coloquial, contando histórias que poderiam acontecer com qualquer uma de nós. A mensagem que nos fica é: o amor é libertação.

Depois Daquilo

Luciana Bessa

Quem diz que livros precisam ser curtos para serem lidos, certamente não cruzou com as obras da escritora e jornalista soteropolitana Vanessa Brunt, autora de **Depois Daquilo**, publicado pela editora Chiado, em 2018, com 578 páginas.

Vanessa Brunt, que também é colunista do **Correio da Bahia** e do Portal **iBahia**, da **Revista Entremundos**, criadora do blog **Sem Quases**, em que analisa letras de músicas, filmes e séries, e da plataforma CiaActive, em que faz mentorias digitais, é uma dessas mulheres apaixonadas por metáforas. Não é à toa que escolheu a palavra para captar histórias, digerir dores e enxergar cada vez mais longe e profundo.

Enquanto escreve, Vanessa também lê, afinal, é preciso ler para escrever, para “aprimorar argumentos, vocabulários e compreensões”. Por isso, a autora de **Entre Chaves** (2013), 132 páginas, e **Não Precisa Ser Assim** (2020), com 437 páginas, é leitora de mulheres que abraçaram os mais diferentes tipos de arte, como é o caso de Taylor Swift, Billie Eilish, Mariana Nolasco, Colleen Hoover, Aline Bei, entre outras.

Depois Daquilo reúne poemas, crônicas, frases reflexivas sobre assuntos variados: amor (**O amor é elegante**), relacionamentos (**Entre todas as coisas**), ensinamentos (**Para os que limpam as listas**), relação amor x paixão (**O perdão do amor é mais difícil**), tentativa (**A tentativa é não tentar**), vontades (**Sou e digo**), humildade (**Sem humildade não há inteligência**), Maturidade (**Maturidade [danço]**), etc. Sobretudo, a obra traz à tona cicatrizes que todos nós temos, mas, que no fundo, desejaríamos que elas ficassem debaixo de sete palmos.

Possivelmente, a maneira com que Vanessa Brunt expõe suas dores, reais e fictícias, tenha conquistado o leitor contemporâneo acostumado a jogar para baixo do tapete suas inquietações. É só lembrar que **Depois Daquilo** já se esgotou sete vezes no site da editora.

Outra característica dessa longa obra, além da mistura de gêneros literários, linguagem coloquial, é a não linearidade, que permite ao leitor entrar em contato com textos curtos, sem seguir uma sequência cronológica. Em uma página, por exemplo, você lê um poema como **Só volte se e**, seguinte, um texto opinativo, **Tentar é a-guardar, guardar é ter consideração**. Além disso, encontramos palavras e expressões com formas e fontes diferentes para dar o tom desejado pela autora, a exemplo do texto **Esperança no amor**, em que numa linha lemos uma frase em negrito: **Voar é sentir a brisa, não ser de exata**. E, na mesma linha, não-negrito: “Não se luta pela esperança! Mas sem esperança, não se luta”. Diversidade textual parece ser a marca de Brunt.

Depois Daquilo nos convida a pensar no próximo passo, na decisão seguinte, no desvendar dos acontecimentos do cotidiano. É uma obra dinâmica, com verdades universais esperando para ser lida por você.

Lãs ao Vento

Luciana Bessa

Lãs ao Vento, publicado em 2005, da escritora alagoana premiada Arriete Vilela, para quem a literatura dá sentido à vida, é uma obra em prosa com sabor de poesia, que discute temáticas variadas: ciúmes, violência contra a mulher, infância, crianças de rua, o poder da Palavra etc.

Influenciada por Clarice Lispector, que afirmava ser inútil classificá-la: “gênero não me pega mais”, **Lãs ao Vento** também não permite um enquadramento fixo. Pode ser considerado um romance que conta a vida das personagens Theonila Cândida e João Hercílio. Também é passível de serem contos sobre o cotidiano urbano e campesino de pessoas simples. Ainda pode ser encarado como uma reunião de histórias contadas à narradora na infância, que ela reconta aos leitores, permeada de várias outras histórias. Ou ainda: um conjunto de cartas enviadas à **Senhora Editora**, em que a narradora, além de abordar sua relação com a Palavra, expõe sua relação com os seus avós e seu conhecimento com a cultura popular.

Dessa relação entre a narradora, que se vale da “memória afetiva” e a Palavra (com P maiúsculo para que saibamos de sua importância), ora tão “impassível”, ora tão “arrogante”, “tão secreta”, uma espécie de deusa reclusa em si mesma, temos uma obra sui generis da literatura brasileira.

Se em Machado de Assis, “Quem conta um conto aumenta um ponto”, em Arriete Vilela, “Quem conta um conto aumenta um sonho...”. Partindo dessa perspectiva, a autora traz à tona lendas do folclore, como a **Moça da Pedra Encantada, Fulozinha, Moça Encantada**. Como se não bastasse, há a narrativa de outras mulheres que protagonizam eventos tristes, inusitados e irreverentes, como Marianita, moradora do Povoado

Pé Torcido, que sonhava com botijas; Nildinha, para quem o afilhado aparecia depois de morto; Vivarina, uma menina feia, escura e inchada como um sapo; D. Urlanice, que saiu do Povoado do Bredo, para falar com Padre Cícero, que tinha fama de milagreiro, sobre a falta d'água; a amizade entre Rutinha e Bililiu, que termina em tragédia etc.

Entre memórias, confissões e cartas, Arriete Vilela constrói uma teia de narrativas doridas, fortes e sensíveis, em que a mulher, mesmo impedida pela força masculina, Theonila era proibida pelo marido João Hercílio de pintar, mas o fez escondida durante toda a sua vida, porque seu amor pela pintura transcendia às normas sociais.

Lãs ao Vento é um texto que se fortalece com a existência de outros textos, como a poesia de Jorge de Lima ("O mundo do menino impossível"), ou a de Mário Quintana ("Sonhar é um acordar-se para dentro"), a de Carlos Drummond de Andrade ("Lutar com palavras é a luta mais vã..."), versos do Cancioneiro Popular ("Como poderei viver... Sem a tua companhia?"), a música de Luiz Gonzaga ("Quando olhei a terra ardendo/ Qual fogueira de São João...") etc. Esse diálogo entre textos, intertextualidade, é um dos recursos utilizados por Vilela para ampliar sua voz e reverberar suas leituras.

Embora a relação entre a narradora e a não seja fácil, já que "lutar com as palavras é uma luta inglória", Arriete Vilela compôs uma obra marcada pela fertilidade, pela criatividade e pela rebeldia de mulheres, que ao seu modo questionaram o próprio fazer poético e a submissão ao masculino.

Memorial de Maria Moura

Luciana Bessa

Grande painel das relações afetivas, morais e sociais – **Memorial de Maria Moura** (1992) - é a obra com a qual Rachel de Queiroz, aos 82 anos de idade, se despede, em grande estilo, da escrita romanesca.

É a obra mais extensa da autora (em torno de 600 páginas), com dois núcleos: principal, com Maria Moura e os primos Tonho e Irineu; secundário, com o padre José Maria (Beato Romano) e o casal Marialva/Valentim e o filho Alexandre (Xandó).

O enredo é contado pela voz de três narradores – discurso polifônico (várias vozes) – que quebra a linearidade do romance dando a ele mais dinamicidade e mais curiosidade ao leitor. Os capítulos são curtos se assemelhando aos folhetins do século XIX, sendo intitulados com os nomes das personagens centrais do enredo. A linguagem simples e fluída contribui para que a obra seja rapidamente devorada pelo leitor.

Duas inspirações marcaram o nascimento de Maria Moura: Elizabeth I, Rainha da Inglaterra e da Dinamarca, filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, e Maria de Oliveira, uma pernambucana que, no século XVII, teria junto com os filhos e uns cabras, assaltado fazendas para sobreviver à seca de 1602. Mulheres separadas no tempo e no espaço, mas com algo em comum: a força e a resiliência para enfrentar as pedras no meio do caminho.

No caso de Maria Moura foram muitas: cedo perdeu o pai, em seguida, a mãe (não sabemos se praticou suicídio ou foi morta pelo companheiro, Liberato), foi seduzida e ameaçada pelo padrasto, atacada pelos primos, Irineu e Tonho, que se julgavam donos das terras do Limoeiro, onde ela

nasceu e se criou. Diante desses fatos, sua primeira ação foi de resistência ao delegado, aos primos, ao padrasto, ou seja, aos homens.

Em uma sociedade machista e patriarcalista em que a mulher “só serve pra dar faniquito”, na concepção do primo Tonho, Maria Moura nos mostra que, em pleno Brasil rural do século XIX, é possível lutar “Pra ninguém mais querer botar o pé no meu pescoço; ou me enforcar num armador de rede”. O maior desejo de Moura era ter força, ter fama e que as pessoas soubessem quem ela era. Aprendeu que o dinheiro era o responsável por dar-lhe segurança. Com ele, poderia comprar o que quisesse “uma igreja, um palácio igual ao das figuras de livros”, ou quem sabe um “pedaço do mar”, ou uma “boiada, rebanho de carneiro e cabra, cavalo de raça...”.

Maria Moura constrói o mito da mulher forte, decidida e fria, mas no fundo sentia-se solitária. Necessitava de “Mão de homem, braço de homem, boca de homem, corpo de homem”. Diante dessa constatação, lembra-se da mãe e das severas críticas que fez a ela, quando começou a se relacionar com Liberato. Foi a vida solitária que fez com que Moura começasse a se relacionar com Duarte, seu primo. Quando ele precisou se ausentar da “Casa Forte” por um período, se envolveu com Cirino, que a trai.

Sente-se humilhada, por ter lhe dado guarida, por ter aberto seu quarto, sua cama e seu corpo. Sente uma necessidade incontrolável de castigá-lo. A grande questão era uma só: como acabar com Cirino “sem acabar também comigo?”. “Como é que eu posso abrir a arca do peito e arrancar o coração pra fora?”. A traição de Cirino foi o mais duro golpe enfrentado por Maria Moura.

Revolta-se consigo mesma por ter imaginado matar a si e a ele. Lembra-se de todas as suas lutas para fazer o que nem o Pai nem o Avô conseguiram: recuperar a Serra dos Padres, construir a Casa Forte (maior do que a Casa da Torre na Bahia) e se tornar, tal como Elizabeth I, a rainha daquelas terras.

Se acabar com Cirino significava acabar consigo mesma, paciência: “se o sangue pisado aqui dentro me matar envenenada – pois bem, eu morro! Vou morrer um dia, afinal. Todo mundo morre. Mas quero morrer na minha grandeza”. Moura pede a Valentim que mate Cirino com uma facada nas costas. Ele o faz, mas a faca atravessa o coração. Durante

semanas Moura não se levanta da cama, “numa espécie de meia morte”.

“Falam que o tempo apaga tudo”. “Tempo não apaga, tempo só adormece...” e “Como um corte de faca, fundo e feio”, Maria Moura, Beato Romano, Duarte, avisando da superioridade do inimigo, e seus cabras partem para o último assalto da narrativa, com uma única certeza: “Se tiver de morrer lá, eu morro e pronto. Mas ficando aqui eu morro muito mais”. Rachel de Queiroz e Maria Moura: criadora e criatura tinham uma certeza em comum: todos morrem. Aos que ficam, nenhuma dúvida: Raquel de Queiroz vive na força de cada mulher que não aceita a traição e a subjugação masculina.

Nem uma vez uma voz humana

Luciana Bessa

Nove contos, nove vozes de mulheres integram a obra **Nem uma vez uma voz humana**, da escritora paraibana Débora Gil Pantaleão. Cada texto segue o fluxo da consciência e olha para o interior de cada uma das personagens submetidas a diferentes tipos de violência.

Com a capa de Ícaro Medeiros, uma epígrafe de Samuel Beckett (de onde foi retirado o título do livro), um prefácio de Lucimar Bello, a autora nos apresenta uma escrita cortante sobre mulheres que vivem situações tensas e densas.

No primeiro conto **Janela Abaixo**, a narradora conta-nos como foi seu dia. Uma temática comum se não fosse por um detalhe: “Detestava crianças. Não sei como consegui ser uma” (p. 17). Depois de dez anos de casada, Daniel, o marido, a convenceu a engravidar.

A princípio ela acreditou que se tivesse um filho se sentiria mais conectada com a terra, para ela não “ficar querendo ir embora daqui. O tempo todo” (p. 17). No entanto, com a chegada de Leo, a conexão não aconteceu e a protagonista nunca mais viu filho e marido. Ou seja, acreditar que a mulher se realiza na maternidade não passa de uma ideia esdrúxula de uma sociedade patriarcalista.

O texto **Autoquíria mental e o vento** é iniciado por um poema do mestre português Fernando Pessoa, cujo eu lírico defende que só de ouvir passar o vento, “vale a pena ter vivido”. Aqui, a protagonista esbofeteou-se “contra o suicídio. Até o fim, até o fim” (p. 30). Assim, como no conto de abertura há pouco mencionado, sua rotina é comum. Ir ao supermercado, comprar frutas, chegar em casa, pensar em fazer um café, ajeitar “A dobra do pano

da mesa” (p. 30), porém, enquanto faz tudo isso, uma ideia fixa a atormenta: “O gás, saindo pela boca” (p.31). A forma como algumas mulheres são afetadas pela sociedade e pela coletividade resultam no fim de suas vidas.

Em **Déjame vivir**, em contraposição ao conto anterior, a personagem central deseja a vida, porém, não suportando as dores que lhe são impingidas, se automutila: “cortei o polegar esquerdo com a faca mais afiada” (p. 35). Diagnóstico médico: “stress”. Receita para a cura: “tomar floral” (p. 36), o que na prática não acontece: “Jogo no vaso. Descarga” (p. 36). A tormenta da protagonista que “Acha insuportável estar perto de gente” (p. 36) contamina o leitor. Por onze vezes o parágrafo - “Quantas vezes, chega. Quanto tempo, dura. Quantas vezes, volta. Bolero que. Não dou conta. O dedo tremendo esses dias. Médico diz, é stress. Manda tomar floral. Vou não sei o porquê. Jogo no vaso. Descarga” (p. 37) – é repetido pela narradora numa busca incessante de se encontrar e sabe para onde seguir. Trocaria seu “dia por uma ideia” para saber como parar “você”, “o dedo” e a “a faca”. Não conseguindo, “Corta!!!” (p. 38). Não sabemos se apenas o dedo ou a vida em sua totalidade.

Nem uma vez uma voz humana é um convite a todos(as) nós para discutir sobre os mais diferentes tipos de violência que as mulheres sofrem em uma sociedade criada pelos e para os homens.

Referência

PANTALEÃO, Débora Gil. **Nem uma vez uma voz humana**. João Pessoa. Ed. Escalera, 2017.

O som do rugido da onça

Luciana Bessa

Sempre me questiono o que faz um livro premiado ou não. **O som do rugido da onça**, da escritora pernambucana Micheliny Verunschck ganhou, em 2022, o mais tradicional prêmio literário do Brasil concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CDL).

No caso da obra em questão, tenho duas suposições para tamanha premiação. A primeira diz respeito ao fato de a autora vestir sua prosa de um lirismo sensível capaz de atravessar qualquer coração empedernido. A narrativa lírica é aquela em que as palavras, embebidas pelo ritmo, sonoridade e cadência, dançam diante dos olhos dos leitores.

A segunda suposição tem a ver com o fato de Micheliny Verunschck valer-se da união entre discursos - literário, histórico e antropológico - para desfazer a versão dos exploradores como “salvadores da pátria” ao resgatar crianças indígenas alegando que elas estavam sob o jugo dos “bárbaros”. A autora volta-se para aquele, ou melhor aqueles, que foram vilipendiados, expatriados e esquecidos. Um ciclo de exploração que parece se fortalecer com a passagem do tempo e adoecer a condição humana.

A obra se divide em três momentos. Antes deles, há um texto que narra a criação do mundo por Niimúe, mito do povo indígena que habita o rio Solimões. O primeiro instante traz uma epígrafe de Isabela Figueiredo: “No princípio eu era de carne e estava na terra”, do **Caderno de memórias coloniais**. Contada de forma não linear, somos apresentadas a história trágicas de crianças retiradas de seu habitat.

lñe-e, foi apresentada pelo seu próprio pai, a dois cientistas brancos, Carl Martius e Johann Spix, que estiveram em solo nacional no ano de 1817 para conhecer a flora, a fauna e os povos originários. Depois do encontro entre a Onça Grande, Tipai uu, o pai de da menina começou a achar que entre as duas havia um pacto, por isso começou a ver a filha como inimiga. Além dela, haviam outras crianças, como o menino Juri, capturado e vendido como escravo.

Durante a longa viagem “confusa e dolorosa” mar a dentro para Munique, lñe-e se questiona sobre a morte, sobre a natureza da guerra entre tribos em que os vencidos eram coisificados, relembra tudo o que deixou para trás e se pergunta se conseguiria voltar para casa, embora dentro de si, soubesse que nunca mais reveria os seus.

Por mais que os naturalistas se mostrassem gentis e atenciosos, lñe-e sabe que aquilo só poderia ser um engano, pois “Como pode ser bom alguém que compra outras pessoas?” (p. 28). A ausência de respostas, o medo, a melancolia e o vazio que sente dentro de si vão a matando lentamente.

A segunda parte traz uma epígrafe de **Grande: Sertão Veredas**, de Guimarães Rosa: “A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito diverso do que em que primeiro se pensou”. A fusão entre duas histórias acontece: a de lñe-e e da jovem Josefa, na cidade de São Paulo, séculos depois da menina ter morrido. Esta, em uma exposição, ao se ver diante de si a imagem das crianças indígenas - “Os índios vistos como parte da fauna” - sente-se indignada ao compreender que a humanidade é capaz de naturalizar a barbárie. É também na parte dois que o frio se apossa dos corpos dessas crianças e os leva para outra dimensão. Primeiro é o menino Juri (Caracara-í), vítima de uma pneumonia crônica e de supurações causadas pelo clima europeu. Depois, lñe-e.

Por fim, temos a seguinte epígrafe: “Sabemos que os mortos vão se juntar aos fantasmas dos nossos antepassados nas costas do céu, onde a caça é abundante e as festas não acabam”, de Davi Kopenawa, em **A queda do céu**. Na terceira parte, conhecemos a Onça Grande, Tipai uu e assistimos ao reencontro e à fusão entre ela e a menina lñe-e gerando Uaara-lñe-e – “num instante muito rápido onça era menina, e menina era

onça” (p. 128).

O som do rugido da onça é uma daquelas obras que nos faz pensar na íntima relação de exploração do homem pelo homem que gera consequências devastadoras para a existência humana. Fala ainda da memória, direito a terra, dos laços familiares, bem como da simbiose que há entre a natureza e os povos indígenas. Quando um país aprova o “projeto do marco temporal das terras indígenas”, que prevê que os povos originários somente têm direito às terras que já eram ocupadas por eles no dia da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988, ele legitima a morte de outras crianças como Lñe-e e Juri.

Referência

VERUNSCHK, Micheliny. **O som do rugido da onça**. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

Outras Poesias e Além do Silêncio

Luciana Bessa

Nerina Castelo Branco, escritora piauiense, influenciada pelos poetas concretistas, lançou no ano de 1963, a obra **Poesias Modernas**, aqui no Ceará, onde veio estudar Direito.

No ano seguinte, em 1964, já em sua terra natal, Teresina, foi editado o volume II de **Poesias Modernas**, reafirmando que sua produção literária rompe em definitivo com uma poesia academicista.

Depois formou-se em Filosofia, tornou-se professora emérita da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e membro da Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira de nº 35.

A poesia de Nerina Castelo Branco tem como enfoque a essência humana com suas dores (Poema **Minhas mãos**), seus sonhos (Poema **Salvar os sonhos**) e seus questionamentos (Poema **Reflexões**).

Poesia reflexiva que expõe a sensibilidade da autora sobre temas universais, tempo, vida, morte, Deus, amor, e desperta no leitor, questões sobre si e sobre aquilo que está ao seu redor, como é o caso do poema "Inquietude do homem": "Por que, meu Deus, / Eu existo, vim ao mundo?..."

Difícilmente encontraremos alguém que já não tenha se perguntado sobre "por que existo?". Levantar-se todos os dias, cansada ou doente, trabalhar, estudar, cuidar dos entes queridos, reclamar da falta de tempo, do pouco dinheiro e das muitas incertezas está para além dos manuais de que dispomos.

Outras Poesias e Além do Silêncio encontra-se dividida em três partes.

A primeira é intitulada “Outras poesias” e foi publicada no ano de 1981. Primeiramente há um texto - Prefácio à 2ª edição de **Outras Poesias e Além do Silêncio** -, de Herculano Moura, em que o escritor aborda a “sensibilidade epidérmica”, a “inspiração viva e latente da escritora”. Logo depois da dedicatória à filha, às amigas e aos amigos de sempre, encontramos um segundo texto - “A natureza em Nerina Castelo Branco”, de autoria de Luiz Gonzaga Pires, que traz o entrelaçamento da “natureza, do amor e da vida” nas canções poemas da autora, que exala o perfume do amor.

Poeta que é poeta rende-se ao sentimento amoroso, afinal, segundo Nerina: “Por que o amor/ É algo que transborda/ E se espalha por todos os/ Caminhos...” Em seguida, nos deparamos com uma espécie de aviso ao leitor: “... ainda são poesias para quem ama e se entenece com a simplicidade” e o trecho de um poema da polonesa Thekla Hohleissen. Só então os poemas são iniciados, a partir do título **Ontem, anos atrás...** composto de vinte e oito textos com um olhar para passado, a exemplo de **Recordação de um passado** e **Recordar**, como um lugar de não pertencimento.

Na segunda parte, **Poemas da hora presente**, encontramos oito textos de natureza transcendental, tais como, **Alados pensamentos**, **Cosmovisão**, **Sonhos**, **O primeiro mistério**, etc.

Por fim, **Além do Silêncio**, originalmente publicado em 1994, é iniciado com algumas breves palavras da autora em alusão à segunda edição, no ano de 2014: “Já não são mais puras e simples estas palavras. Falam agora de um mundo mais realístico, mais frio e mais denso”. Em um contexto diferente do original, 1994, nem texto nem autora são mais os mesmos. Novamente encontramos dedicatórias, epígrafes e texto **Apresentação de Além do Silêncio** de autoria de M. Paulo Nunes. Seguem-se trinta e sete poemas. O último, **Além do Silêncio**, o eu lírico é capaz de divisar “a nova vida” e “O amor completo”.

Outras Poesias e Além do Silêncio é uma obra sensível, dorida, que tem na esperança e no sentimento do amor, em sua forma mais plena de existir e nos emocionar.

Semíramis

Luciana Bessa

Cada escritor(a) tem uma marca que faz o leitor reconhecer sua escrita. A da escritora cearense Ana Miranda é mesclar o discurso histórico ao discurso literário. Costumo dizer que Ana Miranda se vale da História para contar história. Tudo começou em 1989 com a obra **Boca do Inferno**, que lhe rendeu o prêmio Jabuti em 1990, uma narrativa ágil em que homens e mulheres se dilaceram entre o céu e o inferno, cujos protagonistas são o poeta brasileiro Gregório de Matos e o orador português Padre Antônio Vieira.

Ler Ana Miranda é conhecer, em experiências de escritores(as), o contexto histórico, político, econômico e social no qual estavam inseridos. A ganhadora do Sereia de Ouro (2009) possibilita ao leitor revisitar o passado histórico de uma personalidade literária (Gonçalves, Dias, Xica da Silva) e, assim, repensar o tempo presente.

Semíramis (2014) é um romance dedicado a uma outra cearense, Rachel de Queiroz, primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras (1977) e até a década de 1930, a única escritora a descrever o fenômeno da seca de forma não romântica, como fizeram seus antecessores: Antônio Sales, em **Aves de Arribação** (1914), é um deles.

Dividida em cinco capítulos, contada por Iriana, irmã de Semíramis, que dá título ao livro, trata-se de um romance sobre a vida do escritor José de Alencar e, claro, sua obra e sua família: “feita de fibra, destemor, obsessão pela justiça”, nas palavras da narradora.

A simbologia dos nomes próprios é outra particularidade de Ana Miranda. Se não, vejamos. Semíramis, conhecida por fontes gregas,


armênicas e judaicas, significa rainha da Assíria e fundadora da “Babilônia com seus jardins suspensos”. Iriana, de origem hebraica, significa a mais ilustre, porém, dotada de solidão. Ambas, mulheres em busca de realizações pessoais em uma época, século XIX, determinada pela voz masculina. Essas duas irmãs, órfãs de pais, moradoras da Vila do Crato, vivem com os avós. O avô era um vereador do partido liberal e herói da Revolução Pernambucana de 1817 ou Revolução dos Padres, já que foi gestada dentro do Seminário de Olinda, espaço plural onde se estudava a Bíblia e a cartilha do Iluminismo.

Eram vizinhos de Bárbara de Alencar, mãe de Martiniano José de Alencar, que virá a ser o pai do escritor José de Alencar, e de Tristão Gonçalves, idealizadores de duas Guerras: a de 1817 e a de 1824, Confederação do Equador - ambas não aceitavam os mandos e desmandos da Coroa Portuguesa. Da proximidade com Bárbara de Alencar a vida dessas duas irmãs se entrelaçará com a do neto dela, José de Alencar, o criador de perfis femininos: **Lucíola** (1862), **Diva** (1864) e **Senhora** (1875).

Iriana em viagem com avô para o Alagadiço Novo, Fortaleza, estará presente no dia 01 de maio de 1829, no nascimento do futuro criador de **Iracema** (1865). Semíramis, casará com Calixto, deputado e advogado, se mudará para a Corte, Rio de Janeiro, acompanhará e compartilhará, por meio de cartas com a irmã, a vida de Alencar, através da publicação de folhetins, como **Ao correr da pena**, e de relatos sobre as peças teatrais do também dramaturgo.

Ambas serão tomadas de amor pelo escritor e romancista. O tempo passa, Iriana se casa e fica viúva no mesmo dia. Semíramis, infeliz com o fato de não se reconhecer no papel de mãe e de esposa, de não poder realizar seu sonho de ser atriz, acaba falecendo. Pela derradeira vez, Iriana encontra-se com José de Alencar, que a reconhece como irmã de Semíramis. Eis que ela descobre que toda a correspondência que trocava com a irmã, durante anos, sobre a vida e a obra do escritor não passou de “brincadeira”, “engano” descobertos no último capítulo da obra intitulado: **Três minutos de ilusão**.

Os romances de Ana Miranda são espaços onde vozes históricas e literárias se encontram por meio da intertextualidade, possibilitando se conhecer os fatos vividos e planejar os fatos vindouros.



+ Gêneros

40 minutos

Taynara Oliveira

Um tempo longo pra quem espera
Um tempo longo pra quem tem pressa.
Espero impacientemente no mesmo lugar
Olhando filas e filas de carros passar
Meus pensamentos um turbilhão

Tic-tac, tic-tac

40 minutos que não quer passar

Tic-tac, tic-tac

Faltam quantos segundos pra 40 minutos passar?

Um pedestre aqui, outro ali

Quer uma bala, hoje é só 1,00.

A criança pergunta a mãe,

Já está perto de chegar?

Tic-tac, tic-tac

Faltam quantos segundos pra 40 minutos passar?

Dia frio, é dia mórbido

Uns pingos finos de chuva fazem a estrada cheirar

Uma pessoa corre daqui, puxa outro de lá

Corre mulher, não quero me molhar!

Tic-tac, tic-tac

Faltam quantos segundos pra 40 minutos passar?

Olho de um lado para outro

40 minutos de espera me fazem delirar

Pensamentos ficam a mil

(Cuidado pra não surtar)

Pingos de chuva, com raios de sol
Tempo fechado trazendo frestas nas nuvens
Deixando o céu a brilhar
Tic-tac, tic-tac
Faltam quantos segundos pra 40 minutos passar?
Escrevo, apago, escrevo
Olhos vão, olhos vem
Tentando me concentrar
Observando cada detalhe
Esperando o tempo passar
E os ponteiros do relógio
Parecem mais devagar
Tic-tac, tic-tac
Faltam quantos segundos pra 40 minutos passar?
Olhos fixos na estrada
Esperando o tempo passar.
Passou.

A cor azul

Ana Beatrice G. Nazario

Azul, minha cor preferida, mas não foi sempre que eu gostei desta cor. Quando mais nova, eu não sabia de qual cor gostava mais, ouvia minhas colegas falarem que gostava de rosa e pessoas falando que meninas tinham que gostar de rosa, eu ficava me perguntando por quê?

Na minha infância, usava muitos vestidos, e o que eu mais gostava era um azul. Eu amava aquele vestido! Quando eu o colocava não queria mais tirar, ficava com ele o dia todo.

Lembro-me de assistir ao filme da **Bela Adormecida** com meus primos. Havia uma cena em que duas fadas da personagem "Aurora" ficavam brigando sobre qual cor seria o vestido da dela: azul ou rosa, e claro que eu preferia que o vestido fosse azul.

Agora percebo que essa história que menina tem que gostar de rosa é besteira. Hoje, percebo que o azul sempre foi minha cor preferida.

A despedida da flor

Francinilda Santiago Lopes

Numa tarde de sexta-feira duas amigas marcaram de tomar um café e no meio da conversa Ana faz um convite para amiga Daiane: irem comemorar seu aniversário em um clube de passeio com piscina, porque a comemoração no ano anterior tinha sido em sua casa onde elas comeram, beberam e dançaram músicas dos anos 80 e 90. Ana ficou surpresa ao ouvir a revelação da amiga Daiane naquele dia, ela disse: vou te confessar como foi difícil estar no teu aniversário no ano passado, eu estava devastada com o coração em frangalho, porém fiz com que ninguém percebesse, disse Daiane à amiga.

A minha companheira de trinta anos tinha acabado de falecer, eu a levei para hospital e depois a minha Flor foi para a UTI. Não demorou muito e a equipe médica veio com a notícia do falecimento da minha amada Flor. Ela já estava velhinha, desidratada, muito fraquinha, disse Daiane: me desmanchei em lágrimas, fiz um verdadeiro pranto. O médico e outras pessoas tentaram me confortar, mas não conseguiram, tamanha a minha dor, mas mesmo assim tive que resolver tudo sozinha, pois meu irmão Jorge tinha viajado e ninguém ficara sabendo.

Fiz toda a preparação para o velório, me arrumei como se fosse para uma festa, pois não queria que a despedida da Flor fosse de qualquer jeito. Depois decidi que a Flor tinha que ser cremada. Paguei toda as despesas do funeral com meu cartão de crédito, que custou aproximadamente mil e duzentos reais.

Chorei muito, mas eu queria que minha Flor tivesse tudo de bom naquele seu último dia. Teve todo o ritual de um velório, com chá e biscoito,

água, tudo que a minha amada e querida Flor merecia no seu último dia de vida. Voltei para casa com as cinzas da minha Flor em uma caixinha. Ana ouvia perplexa, pois não tinha ideia que sua amiga estava sofrendo tanto com a morte de sua florzinha, sua gatinha, mas para ela era a sua filhinha. Amada e inesquecível flor.

A força da mulher na obra *Éramos Seis*, de Maria José Dupré

Luciana Bessa

No início do século XX, poucas mulheres tinham acesso à educação e ao espaço público, pois sendo consideradas seres inferiores estavam em casa servindo ao pai e, depois do casamento, ao marido.

Marginalizadas, inferiorizadas, vistas muitas vezes como aberrações, a história das mulheres é marcada pela exclusão, pelo silêncio e pela subalternidade. Ser do sexo feminino era sinônimo de indolência, passividade e obediência às normas sociais.

Logo, o cânone literário foi dominado majoritariamente por homens brancos e frutos de uma elite. Sem formação e informação a autoria feminina foi marcada pelo reducionismo.

Por isso, é necessário compreender a participação da mulher ao longo da história, seja na condição de criadora, ou como criatura, haja vista que ela era retratada como com um ser frágil, que precisava da proteção masculina para alcançar a completude e subsistência.

Como o lugar de mulher é onde ela quiser, na obra **Éramos Seis** (1943), de Maria José Dupré, o destaque é para a personagem Lola, mãe e dona de casa, cujo maior sonho é ter uma família unida. Não é à toa que a autora tenha dedicado à obra às donas de casas, restritas ao ambiente doméstico. Sabe-se que culturalmente o trabalho doméstico não é valorizado.

Marcada pela memória e pelo saudosismo, Lola é a responsável por contar a sua história, conseqüentemente, a da família Abílio de Lemos, composta por ela, o marido Júlio e seus quatro filhos: Carlos, Alfredo,

Julinho e Isabel, em um período de vinte e oito anos, que compreende o ano de 1914 (Primeira Guerra Mundial) a 1942 (Segunda Guerra Mundial e, no Brasil, o Estado Novo).

Lola, matriarca da família, é trabalhadora, resiliente, acolhedora e sentimental. Saiu do interior (Itapetininga) casada e muda-se para a capital (São Paulo), no bairro de Bom Retiro. No entanto, realiza-se materialmente, quando se transfere para a casa da Avenida Angélica. Lá viveu dias de luta e dias de luto, à medida que a família vai se desmanchando: primeiro morre o marido e depois o filho primogênito (Carlos), Alfredo foge do Brasil em um navio cargueiro e alista-se na marinha norte-americana, Julinho casa-se e vai morar no Rio de Janeiro e Isabel vai viver com Felício, um homem desquitado e com um filho, e os laços com a família são cortados por um longo período.

Éramos Seis (1943) foi inicialmente publicada pela Companhia Editora Nacional e ganhadora do prêmio Raul Pompeia, em 1944, concedido pela Academia Brasileira de Letras (ABL).

Dois anos após sua publicação, já em 1945, a obra foi adaptada como radionovela pela Rádio Tupi e levada para as telas de cinema pelos argentinos. Na TV, foram cinco versões: a primeira em 1958 pela Record e a última em 2019 pela Rede Globo.

Na década de 1973, a obra foi incluída na Série Vaga-Lume, ilustrada com sete imagens legendadas e permanentes, que vai da primeira à quadragésima segunda edição, projeto editorial da Série.

É verdade que a crítica especializada considerou essa obra “comum”, porque não retrata uma história de amor impossível e não levanta questionamentos existenciais, mas não levou em consideração que estamos diante de um texto poético, fluído, dinâmico e com personagens envolventes que lutam para ter o básico: uma casa e uma família.

Se a essência da literatura é envolver, maravilhar, instruir e fazer refletir, **Éramos Seis** é uma dessas obras que nos faz pensar na terceira idade, no papel da família, na força da mulher-mãe, que se dedica anos a fio aos filhos e termina na mais completa solidão, mas com um coração exalando amor e generosidade, sentimentos pouco cultivados em uma sociedade de relações líquidas.

A força leitora das Mulheres Gattai

Luciana Bessa

Publicado em 1979, ano em que recebeu o prêmio Paulista de Revelação Literário, a obra **Anarquistas, Graças a Deus**, da memorialista Zélia Gattai, com mais de duzentos mil exemplares vendidos, é o registro do nascimento da própria autora, sua infância e adolescência, mas é também um importante relato da imigração italiana na cidade de São Paulo, no início do século XX.

Um dos pontos-chaves da obra são as leituras das mulheres que compõem a família Gattai: Dona Angelina (genitora) e as três filhas (Wanda, Vera e Zélia). A matriarca da família, a um só tempo, é uma mãe compreensiva e severa, combativa e pacífica. Independência, tenacidade e altivez são outras características dessa mulher do início do século XX, mãe de cinco filhos, que tinha um gosto especial pela leitura.

Dona Angelina era uma grande leitora de jornais - **Estado de São Paulo** - e suas filhas também. Todas gostavam especialmente da “coluna dos necrológicos”, nunca desejando encontrar nome de conhecidos. Elas eram as responsáveis, junto à vizinhança - rua Angélica, nº 8, São Paulo - de fornecer informações a quem solicitasse.

Além disso, dona Angelina tinha o costume de reunir as amigas nos finais da tarde na casa dela para fazer tricô, crochê e ler romances de folhetim. Zélia vendo essa cena sentia uma enorme vontade de aprender a ler para se envolver nas leituras d’ **O Tico-Tico** – primeira revista do país a publicar narrativas em quadrinhos, durante os anos de 1905 a 1977.

Seu Ernesto Gattai, vendo a esposa ler folhetins, ficava intrigado com

o gosto literário dela e se questionava como era possível gostar desse tipo de leitura e ficar até tarde lendo Victor Hugo, Émile Zola, Piotr Kropotkin, Dante Alighieri, Eça de Queiroz, Guerra Junqueira, Castro Alves, José de Alencar, etc.

A leitura, a um só tempo, é uma forma de conhecimento, institui relação de poder, já que divide os sujeitos em dois grupos: os alfabetizados e os não alfabetizados, letrados e não letrados. É, ainda, uma ferramenta de inclusão social, de tomada de consciência de si e do outro, por isso, foi negada à mulher durante décadas. Um sujeito que não lê e é um sujeito domesticado, sem voz, sem autonomia individual e social, portanto, assujeitado ao outro.

É no ambiente familiar que primeiro se tem o contato com a leitura. Para além da escola, é dentro de casa que os jovens desenvolvem o prazer pela leitura e fora dela o impacto social que sua falta acarreta, em especial a mulher, que durante décadas não pôde ser protagonista de sua própria história.

A luta pelos meus

Isaac da Silva Campos

Orgulho tenho da minha luta e dos meus valores.
Não brigo pela minha cor, mas sim pelas ideias
Cuspo e brigo com a sociedade diariamente
Para que jovens como eu
não sejam mortos.
Sem ter vivido o prazer da vida
Sem ter distinguido a ideia entre preço e valor
Balas da própria polícia
Matam os meus, os nossos.
A porra do sistema não faz nada, quanto á isso
Só assistem mais um dos nossos morrer sem se quer ter a chance de
lutar

A Morte é inesperada, mas às vezes é desejada

Emily dos Santos Silva

A morte é inesperada
Mas às vezes, é desejada.
Um sufocamento pode ser horrível
Sem ar e sem respirar
Tudo imprevisível
O sofrimento vaga pela escuridão
Pensamentos ao ar, está indo tudo em vão
Problemas estão rodeando a minha volta
E tudo que eu quero
É que isso vá embora.
Erros são cometidos
Mas nunca substituídos.
Uma bala perdida
Pode ser a cura dos meus problemas
Mas espero que
Isso tudo fuja do esquema
Eu desejei a morte
Para que ela me tire tudo que dá má sorte
Meu corpo está sendo um repleto vazio
Onde nada é preenchido
E muito menos substituído
Quem poderá me salvar
Desse mundo perdido?

A mulher na Literatura de Cordel

Luciana Bessa

Desde os primórdios, o pretense privilégio biológico colocou os sexos masculino e feminino em posições desiguais. Ao homem, coube o espaço público; à mulher, o privado.

A naturalização do papel secundário da mulher deixou-a longe dos bancos escolares e acadêmicos ocultando sua participação em todas as áreas do conhecimento, destaque, aqui, para a Literatura de Cordel.

O Cordel é, antes de tudo, fruto da oralidade tendo a métrica, o ritmo e a rima como elementos de sua constituição. Para além de um gênero literário, é um ofício e um meio de sobrevivência para artistas que se identificam com esse tipo de arte.

É importante destacar que o Cordel foi trazido pelos colonizadores portugueses para o Brasil ainda nos séculos XVI e XVII. Inicialmente esse tipo de literatura foi produzido no Nordeste e, depois, se espalhou pelo Brasil.

Antes mesmo do jornal e da televisão, o Cordel cumpria a missão de informar e divertir a população que não tinha acesso à educação formal. Através dele, muitas pessoas aprenderam a ler ou memorizavam suas histórias e passavam de geração em geração.

O certo é que o Cordel sempre foi considerado uma "*literatura menor*" dada à sua linguagem coloquial e o seu processo de popularização entre as camadas menos abastadas da sociedade. Isso fica muito claro, quando os críticos o descrevem com um status diferente da poesia ou do romance.

Por esse motivo, o Cordel foi rechaçado por todos aqueles que

defendem uma literatura elitista, isto é, uma literatura feita pela burguesia para a burguesia para marcar a superioridade de uma classe social. Não é à toa que, no Brasil, livro é considerado um artefato caro e excludente. No entanto, colocar o Cordel à margem só serviu para fortalecer a luta dos cordelistas para sua legitimação enquanto um gênero literário.

No ano de 2018, a Literatura de Cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Esse fato abre novas possibilidades para que esse tipo de narrativa possa chegar mais facilmente às escolas.

E as mulheres em toda essa história? Elas sempre estiveram presente na Literatura de Cordel, seja na condição esposa/mãe, seja como encantadora de serpentes, ou seja, raramente escaparam da visão estereotipada concebida pelos homens. Para vocês terem uma ideia, somente em 1938, uma mulher publica um Cordel, Maria das Neves Batista Pimentel, sob um pseudônimo masculino - Altino Alagoano.

No início do século XX, aqui no Brasil, uma mulher desenvolver uma atividade intelectual era sinônimo de transgressão, logo, deveria ser rechaçada pela sociedade. Usar um pseudônimo tinha um duplo objetivo: proteger a reputação daquela mulher, mas, sobretudo, garantir que o texto seria lido. Afinal, não é para isso que se escreve?

Em 1991, um grupo de poetas, com destaque para o radialista e folclorista Elói Teles de Moraes, preocupados com o desaparecimento dos folhetos, fundou a Academia dos Cordelistas do Crato (ACC), que, depois de 30 anos, em 2021, teve sua primeira presidenta, Anilda Figueiredo.

Destaque para a presença feminina na instituição: Bastinha Job, Chica Emílio, Fátima Correia, Mana Romualdo, Francy Freire, Nezite Alencar, Rosário Lustosa e Josenir Lacerda com mais de setenta textos publicados. Independentemente da área, as mulheres têm conquistado seu espaço, sobretudo, o seu espaço de direito na literatura.

De modo geral, os folhetos de cordel têm garantido a valorização da cultura popular, disseminado informação e suscitado o debate das mais diferentes temáticas abordadas. Contudo, faz-se necessário ampliar os espaços para uma poética ímpar.

A não valorização do professor dentro de sala de aula

Leticia Isabelle Alexandre Filgueira

Começo minhas palavras afirmando que a profissão que forma as outras profissões, é a de professor. Tudo começa aqui!

Como se aprende se não há quem ensine? Essa pergunta nos ajuda a refletir sobre o valor que está sendo dado ao professor. Primeiramente como ser humano. Como os professores das redes públicas e privadas estão se sentindo em sala de aula? Estão sendo tratados como seres humanos que precisam de descanso, de respeito, de remuneração adequada... ou estão sendo tratados como robôs educadores, cuja única função é ensinar e da melhor forma possível, pois não precisam se preocupar com outras necessidades básicas do ser humano. Esse tratamento parece justo? Não!!!

Ser professor é estar sempre se aprimorando, ter espírito empreendedor, brilhante, criativo e inquieto. A partir disso, percebemos que a educação é um compromisso com grandes desafios, onde estamos formando pessoas que pensam e agem, que estão começando a conhecer o mundo e a dar-se conta das possibilidades que mundo dispõe para elas. Seguindo essa linha de raciocínio, compreendemos a responsabilidade imensa que o educador tem na formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos, e por conseguinte, na mudança de suas realidades (Pin; Nogaro; Weyh, 2016).

Desse modo, reflitamos: ser professor é fácil? Por tudo o que vemos nos noticiários, pelas leituras que acumulamos durante a vida, já sabemos que não é! Então, por que é uma profissão tão desvalorizada!?

Começemos falando para quem o professor dar aula: os estudantes. Sem eles, não há como o professor ensinar. Um precisa do outro. Por isso, pensemos: como são as famílias deles? Elas são estruturadas? Valorizam à escola? A primeira casa dos alunos é a família. Essa é a primeira instituição que o indivíduo vai aprender sobre respeito, solidariedade, ética, etc. A educação de casa vai à praça, diz um ditado popular. Sem querer ser determinista, mas, um filho educado, pressupõe que seja um estudante também educado.

Falemos agora da escola: é preciso esclarecer que a instituição escolar está para levar o ensino acadêmico, pois o papel da educação institucionalizada é diferente do papel da educação familiar, uma é para complementar a outra e ambas andarem juntas. Cada instituição com sua responsabilidade. Numa sala de aula o professor aprende a lidar com diversas pessoas diferentes que pensam diferentes, e cabe a ele respeitar as particularidades de cada aluno, de forma a ser um profissional múltiplo e flexível.

No cotidiano escolar, é notório o desânimo de alguns alunos por estarem ali, por que será isso? A resposta é simples: a maioria dos estudantes resiste à ideia de que tudo que conseguimos foi preciso esforço, dedicação e aprendizado. Como assim? Quando um estudante entende a importância de ser um bom aluno, que vai além de tirar notas altas, entende que significa superar as dificuldades nas disciplinas, insistindo e persistindo naquilo que momentaneamente está difícil, vai vencendo essa barreira e conseqüentemente, o discente amadurece e passa a valorizar essa fase de sua vida, melhorando seu rendimento escolar.

O sujeito, por sua finitude e incompletude, vive uma constante formação permanente, está sempre em busca de construção do seu eu na história, almejando seu crescimento intelectual.

Portanto, precisamos acabar com essa desvalorização do professor, porque acima de todas as profissões, tem uma que passa por todas elas. É preciso um professor para ensinar aos universitários tudo que eles precisam saber para, futuramente, darem o seu melhor no trabalho. Somos seres humanos e precisamos agir como tais em sociedade.

Referência

PIN, Silvana Aparecida; NOGARO, Arnaldo; WEYH, Back Cênio. Formação de professores na perspectiva freireana: dizer o mundo e aprender/ ensinar o mundo. **Educação**, Santa Maria, v. 41, n. 3, p. 553-566, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/17994/pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

A poesia que ficou na geladeira

Alexandre Lucas

Meu amor, o chocolate se venceu, a poesia deixei descuidada na varanda e ela ficou paralítica. Estou cansada, tenho roupas para lavar, mas me faltam sabão e coragem. Você lembra que já participei do teu sorriso? Faz tempo, hoje, consigo no máximo ser sua bolacha de distração, aquela que se come de vez em quando.

Deixei algumas cartas não enviadas: estão no baú que me serviu de cama. Por favor, entregue aos destinatários. Tem uma que é para você: guarde para as horas de luta. Sempre escrevi como um manifesto de amor, mesmo quando a escrita estava molhada de sangue e firme de raiva.

Outro dia, estava lembrando quando abrimos as portas das gaiolas e os pássaros puderam desaparecer. Foi libertador. Imagina se tivéssemos asas, poderíamos até voar, mas talvez fosse um incômodo. Voar é perigoso tanto quanto está preso.

Quando for beber água, não esqueça de regar as rosas. A rosa vermelha é a que mais gosto. Quando vir uma rosa, lembra-se de mim: ardeadas de espinhos e de beleza.

Estou com um calo no pé, andei bastante. Quero conhecer tudo. Escutar e observar, ficar invisível, mas nem sempre é possível ficar invisível em terra alheia.

Tenho engordado meus os escritos. Meu corpo continua se escondendo dos ventos. Aqui tudo é novidade, então vou escrevendo o que vai surgindo. Tenho fotografado alguns momentos: estou imprimindo e colocando em um álbum, como antigamente, em que as fotografias

eram histórias privadas, prefiro assim.

Meu amor, queria dividir as histórias dos filmes que assisti por aqui, melhor não. Nunca sei as histórias que quer escutar.

Aqui tem montanhas e labirintos, acredito que todo lugar deve ter, se não existir no espaço, deve existir na nossa cabeça, mas lugar é lugar, é sempre único.

Sabe aquele vestido florido, cheio de girassóis, já não me cabe mais, guardo junto aos lençóis sempre perfumado, ele me traz boas lembranças.

Quando puder, pegue o livro de poesia que deixei dentro da geladeira e entrega-o ao sol. Acredito que é possível resgatar a poesia.

Meu amor, como não sei me despedir, continuo escrevendo, mesmo sem palavras.

Açaí com suflê

Alexandre Lucas

Aquele sofá parecia um divã. O silêncio acolhia a beleza do encontro. Os cachorros latiam como se estivessem rindo e roçaram mendigando ternura.

Carlos foi convocado, veio num livro capa amarela, talvez para proclamar a alegria e disfarçar a sua poesia repleta de dúvidas e atestada de ironia. Para recebê-lo chamou Morzat com a delicadeza dos seus toques. Fechou os olhos como se sentisse as palavras assoprando o seu corpo, encaixando no seu ritmo e brincando de ciranda na ponta dos seus seios. Drummond falava do amor: incerto, contraditório e real.

Entre os poemas, a partilha das comidinhas, a leitura das minhas interrogações e o gosto do amendoim caramelado. Paz e Guerra, não, não, era obra posta à mesa, nem disposta entre as pernas, mas o redemoinho entre a carne e a mente.

Era presente aquele encontro, desses para tomar água. Beber água diminui a quentura do corpo e reduz as batidas do coração. Distante reviro os botões procurando no vestido a poesia decotada, os olhos estrelados e o descanso do sofá.

Acho que era amarelo

Alexandre Lucas

Chuveiro ligado. Já tinha tomado banho. Estava no meu mundo reprisando o passado e o presente. A água escorria, não tinha pressa de sair dali, estava lavando um pouco os pensamentos. Meu corpo tinha acabado de ser possuído com força e delicadeza, ainda tinha pequenos tremores dentro de mim, ainda tremia de prazer e de pecado.

Respirar. Tocava meus lábios como se quisesse ajustar a sintonia dos canais, inútil. Naquela noite, dormiria sozinha, o que não era novidade e nem desprazer, apenas uma constatação de longa data.

Luzes acesas. Chuveiro desligado. Pronta para dormir. Antes tentaria rabiscar a feição da noite e as cenas particulares, alguns suspiros e algumas pressões nas pernas cruzadas. O sono chegava, a tentativa não teve muito sucesso, mas tentei.

Um corpo com água. Deixo a música tocar, baixinho para não atrapalhar os sonhos. É preciso não ter pressa, as luzes estão apagadas e nunca se anda seguro no escuro.

Acredito

Emanuel Wilecy

Não consigo. Eu não aguento mais
Sofro, não consigo viver em paz
Principalmente ser feliz
A menina que eu chamava de amor
Foi em embora, me deixou
Os amigos que eu tinha, todos me abandonaram
A minha ansiedade piorou
A minha cabeça tá a mil
Acho que para as pessoas não sou nada
O que está me curando é a poesia que escrevo, cada verso e palavra
No caminho que sigo, só sinto dor
Não temo a morte
A cada passo que dou, cada dor que sinto só me deixa mais forte
Acredito no meu potencial, no grito do meu poema.

Água nunca é de sempre

Alexandre Lucas

Sementes de girassol, amendoins, passas, alguns goles de água. Vento frio. Porta entreaberta: vou fotografando a rua: a mulher que anda em círculos. O homem que caminha com a escada nas costas. Os pombos que disputam a ração dos gatos. O botão que esconde a cor da rosa. O carro embrulhado de lençóis no meio da rua, deve ser para proteger a pintura. Os pássaros, mas não consigo fotografá-los, só escuto os seus cantos. Ainda continuo com a mesma calcinha de ontem, os cabelos lembram Einstein, blusa de propaganda, ainda nem tomei café. Dei alguns pulos, suei um pouco.

Ainda não sei o que fazer. Escrevo. Escuto as conversas acaloradas sobre futebol e faço careta, enquanto, penso no riso da traficante, ontem à noite.

Estico os braços, digo ai, coço os seios. Preciso ir aos correios. Hoje não tem cartas de amor, mas vou encaminhar uns trens para uma amiga.

Vou tomar banho, trocar a calcinha, tomar café. Talvez, no meio do caminho, mude a direção, ligue o rádio ou vá cuidar das plantas, mas vai estar tudo bem, assim espero, nem tudo segue uma regra. Os parafusos estão soltos ou bem ajustados, somos desiguais e não adianta aguardar o mesmo beijo, a mesma carta de amor e querer se banhar na mesma água de sempre, tudo vai ser diferente.

Ainda não estou em casa

Alexandre Lucas

Teus olhos são mar noturno. Tem horas que dar vontade de viajar sobre asas de borboletas, mas tem horas de querer fugir. A noite é misteriosa, esconde os caminhos. O mar não tem caminhos. Teus olhos ficam no meio do caminho.

Sei que faz calor, mas os ventos não conspiram e o mar está distante. Se pelo menos pudesse alugar a felicidade, ela seria uma casa grande, cor clara, ventilada, teria um canto para cada coisa, teria espaço para andar e correr e, em cada lugarzinho, um convite para amar... devo acordar.

Era um sonho. Os sonhos são maiores que o universo. O universo a gente tenta dominar, já os sonhos são mais difíceis.

Na redação tento colocar as pautas em dia. A notícia não pode passar do tempo, se não é como pão de um mês, fica duro e mofado. Os teus olhos estão aqui na redação, faz sol, mas vejo a noite. Não dormi direito e não estou raciocinando nada. Vou deixar na tua mesa uma carta com sabor de mar noturno só para competir com teus olhos.

Alma de poeta

Dark Ferreira

Menina inquieta
Expressa com as letras
A qualquer mero movimento
Já pega sua caneta
Já não guarda na gaveta
Poemas são passarinhos
Sem gaiola sem prisões
Liberdade além do ninho
Menina inquieta
Alma de poeta
Observa com foco
Sempre em alerta
Já não guarda na gaveta
Fotógrafa com o olhar
O voo da borboleta
A vida desabrochar.

Ambiguidade atroz

Fabiano Santiago Lopes

Que estado de coisas, deveras conturbado convívio.
Carga explosiva emanada da casa que eu vivo.
É nesse estreito que eu tento sobreviver,
um beco escuro sem saída,
encurralado sem saber o que fazer...
E nesse momento, memórias só me levam a você.
Por que não está comigo aqui e agora,
por onde andarás você, aquele de outrora?.
como é sufocante não inalar o vento da paz
Conviver com outros numa ambiguidade atroz.
que sentimentos podem surgir em mim?
onde há segurança e a estabilidade?
Como sentir alegria com propriedade,
nessa pequena, ilária e controversa sociedade.
Eu tento, me esforço e nem com lágrimas nos olhos, eu acho.
Sigo vivendo e fingindo que me encaixo,
ponho um personagem e me disfarço
mas sempre me pergunto: por que tenho que viver assim.
Nesse ambiente tão pesado e ruim.
com brigas, disputas e ódio.
Tudo gerando em torno de competição,
que vida louca é confusa, meu irmão.
Descontentamento em mim e eu contemplo o fim.
Eu assim enfim,
sem ter o que fazer,

sem ter o que dizer,
E se eu disser: o que eles vão entender?
somente o que lhes convém...
os seus raciocínios vão é o que eles têm
cada um com sua verdade, disputa entre irmãos.
Que ambiente é esse?
que deveria ser cristão.
Onde está o amor? Onde ele está?
Eu mesmo não consigo enxergar
Tudo que é dito é combatido; é refutar.
Eu não estou certo,
mais certo é que ninguém está.
Por que tanta inveja e esse nefasto ciúme?
O que se fez é o bastante, pra se ter tanto rancor?
causando a persistência e presença da dor.
Por que não se perdoa e não se exerce o amor?
onde estás o' Luz
onde está o' paz
onde estás o' Deus?
Nos deixaste a nossa própria sorte,
para sermos tão egoístas e levados a morte
mas pra terminar eu insisto em acreditar
que a solução e a cura é o verdadeiro amar.
mas parece tão difícil como estar.
Quando todos só lutam por seus próprios interesses...
o amor crucificado está.
é necessário deixá-lo ressuscitar.
juro que queria que mão fosse assim,
minha angústia é como ácido que corrói dentro de mim.
Minha energia vai se esvaindo como fumaça.
a minha vida, perdoa ó Deus, já não tem graça.
vendo meus planos fracassarem pela estupidez,
pela inabilidade pois assim me fez.
na esperança de um dia ver alguém mudar,
nesse mundo é utopia nisso acreditar.

Minha mãe com saúde corporal ainda está.
mas, sua mente foi sequestrada pelo maldito Alzheimer, que um dia a
vai levar...

meu pai com estado agravado já com ele está...
isso é tão triste e suspenso: o que de mim será...

O que fica é só disputa e discórdia,
movida por ambição de irmão,
não há lugar pra esse pobre poeta, nessa conjunção.

E eu não faço muita questão de aqui está,
mas não consigo uma outra porta aberta encontrar...

E não presenciar tanta confusão,
camuflada e envernizada de legislação
mas é pura politicagem por um pedaço de chão.

quanta hipocrisia!

onde está a Epifania?

o meu castigo é estar aqui
nesse declínio e cauterização mental

onde só parece prevalecer o mal

O meu mal nesse caso é existir

não se iluda com meu sorriso

Ainda por aqui.

Aqui nunca foi rosa

Alexandre Lucas

Ainda não decidi a roupa de hoje. Estou de férias e a rotina da folga não foi organizada. Acordei cedo como de costume, mas tomei café mais tarde. Fui cuidar das roseiras que estão todas cheias de botão. Rosas amarelas, brancas, vermelhas serão paridas. Adoro a delicadeza das pétalas, a maciez da textura, a simetria. Dizem que elas guardam a simbologia da nossa intimidade. Rosas lembram vaginas. Tenho grandes dúvidas.

Se tivesse uma rosa ao invés de uma vagina, ela seria intocável para não desfazer a sua fragilidade. Andaria lentamente para não decompor o seu arranjo. Elas têm vida curta.

Rosas não suportariam tanta selvageria, tanto vai-e-vem, rodopio, esfregamento, o sugar ou a suavidade de uma massagem assoprada. Minha vagina é resistência.

Sagrado e resistência estão em voga, às vezes como chavão, perdendo seu total aliança com a realidade. A moda vira crença, muito rápido. Estão atirando pedras e louvando os minerais, isso tem mais haver com vaginas do que as rosas.

Na essência, minha vagina não tem nada de sagrada, os deuses e as deusas nunca tocaram um só dedo, é uma pena. Sou mundana. A minha consciência vaginal é cheia de histórias onde meteram deuses e cercas, pecados e punições. Decidi sobre a roupa de hoje: está mais fácil do que a liberdade da rosa ou da resistência.

Chupa essa manga

Carla Pereira de Castro

Se você não nasceu em Fortaleza/CE, dificilmente vai entender a metáfora dessa frase “chupa essa manga!” Essa expressão não está relacionada à saborosa fruta que em períodos sazonais mais precisamente após o mês de outubro brotam das mangueiras. Sejam elas do tipo: Espada, Rosa, Tommy, Palmer ou Ubá, contém proteínas e vitaminas; sejam elas verdes, amarelas ou avermelhadas tem um sabor inconfundível e irresistível. Entretanto o artigo intitulado “Chupa essa manga” tem como objetivo apresentar a diversidade de formas em que a palavra “manga” é utilizada em seus mais diversos contextos e com significados diferentes. A começar por essa que nomeia o artigo.

Chupa essa manga!! De acordo com os dicionários informais você poderá usar essa fala quando se referir a alguém que está com uma difícil tarefa a ser realizada. Algo que até então nunca havia sido feito, ou que alguém deu início, mas deixou a tarefa enrolada ou pela metade. **Então chupa essa manga.**

Quando me lembro dos meus tempos de infância logo me vem a memória os meses de dezembro e janeiro quando eu corria para Lagoinha, para o sítios dos meus avós maternos que era e ainda é repleto de mangueiras, cajueiros e pés de acerolas. Mas de todas elas, era sempre com a **manga** que eu me lambuzava. No final da década de oitenta lá em Paraipaba, ainda não havia energia elétrica e sempre ao anoitecer acendíamos as lamparinas. Nos dias em que tinha celebração o lampião a gás era acionado, e muitas vezes era preciso limpar a manga do lampião, essa manga a que me refiro não é mais a fruta e nem a metáfora, essa está relacionada ao vidro que envolve o artefato e que se chama dessa forma. A **manga do lampião.**

Atualmente sou professora, mas tenho várias outras aptidões, dentre elas as que herdei do meu avô paterno, que era alfaiate, também gosto de costurar, e já produzi blusa, saia e vestido, alguns com manga e outros sem. Não gosto de manga apertada por isso sempre costuro a **manga** mais folgada.

Sempre gostei de andar de bicicleta, nem todo mundo gosta, tem pessoas que não sabem pedalar, mas se algum dia você ver alguém cair não **manga** não, pois o próximo pode ser você. Nessa frase utilizei o verbo mangar, que tem o mesmo sentido de zombar. Então vamos continuar!

Outro dia comprei uma furadeira, era um desejo antigo, para usar em pequenos reparos, ou quando eu fosse instalar algum quadro na parede, entretanto quase desisto de usar ao ler o manual de instrução. Era tanta precaução! Você precisa usar um óculos de proteção e um aparelho que abafe o ruído, não por ter feito uso de bebida alcoólica ou ingerido algum alucinógeno, a indicação é para segurar firme, antes de ligar na tomada deverá apertar a **manga** para encaixar a broca, não pode deixar ela frouxa, ela deve estar bem presa antes de ser utilizada.

Então manga serve para utilizar em lampião, em furadeira, para saciar a fome, para caçoar de alguém, mas não para por aí. Manga também é usada na criação de animais para separá-los, também conhecida como manga de recolhida. Falando em animais mais precisamente em cavalos existe uma raça que se chama **manga-larga**.

Na área da indústria encontramos um tipo de filtro que serve para limpeza mecânica chamado filtro **manga-pó**. Sem falar na manga plástico que é um tubo muito usado no escapamento dos automóveis conhecido por **Manga** Tubo Flexível. Se você for viajar de avião dificilmente subirá escadas para adentrar na aeronave. Fará o uso da **manga**, serve como uma ponte e permite aos passageiros que se movimentem da porta de embarque até ao seu lugar na aeronave.

Para não me prolongar citarei apenas dez usos da palavra “manga” e quem quiser aumentar a lista pode também fazer a sua crítica.

As linhas de domingo

Alexandre Lucas

As roseiras estão dançando na varanda. O vento é pouco, mas suficiente para as folhas se movimentarem. Toca uma música espremida de dor, enquanto desce do outro lado da linha, talvez, as lembranças geladas de uma tarde quente. O homem sentado conta suas mentiras e bebe suas verdades.

Derrubo mais uma xícara com café. Sorriu, vendo a negra, quase 60 anos, erguendo um copo de cerveja, cantando, dançando e poupando tecidos. Suas pernas, compostas de veias expostas e de carne mole evidenciavam a sua vida sem filtros.

As crianças brincam na calçada. A noite já quer se apresentar, o descanso é pouco. O domingo poderia ser mais longo, se fosse sempre feliz. O som é aumentado, como se a música fizesse um sinal de penitência para a segunda-feira não chegasse logo.

Os meninos passam na linha sem horizonte, cabelos pintados, olhos vermelhos e risos fáceis, dizem: Pode crê! Sorriu, já está ficando difícil acreditar em tudo que é dito.

O domingo vai passando. A música diz que as rosas não falam, Cartola, entregando as dependências, sorriu.

A lua já se faz presente. A cama estará vazia, prefiro que esteja, porque tem horas que fico sem saber como colocar nos braços a delicadeza e fazer costuras nas nervuras que transitam no centro do teu prazer, nem consigo imaginar a trepidação da tua felicidade. Fique longe, porque estará mais perto, tenho medo de perder os versos da tua acolhida. Outro dia vamos

sentar, sei que me escutará de olhos fígados como se estivesse me sentindo, você costuma fazer isso: abraçar sem julgamentos as minhas inquietações. Sinto-me todo beijado sem saber a textura da tua língua, mas conhecendo parte da linguagem que transa comigo.

A negra se recolheu. O homem dorme entre copos na mesa. Um dos meninos acaba de tombar, o seu sangue ainda escorre entre as linhas. As roseiras estão paradas. As crianças dormem. Hoje é domingo e continuo pensando no amanhã.

Assassinam a minha mãe

Alexandre Lucas

Disseram que mãe queria me matar. Acredito que seja verdade e estou do lado dela. Nasci prematuro, quase não vingava na vida. Prematura foi mãe e pai. Ela, 15 anos e ele, 14. Parece que nesta idade, a gente não acredita muito que é capaz brotar vidas. Na verdade, desde cedo, nos ensinam a não acreditar em muita coisa, principalmente em nós mesmos.

Fui jogado no mundo, sem muita opção. A casa de vó foi morada dos medos, das inseguranças, da certeza que não podia gritar por pai e mãe. Vó era briguenta, mas tinha um almoço bom e me levava ao médico.

Pai e mãe saíram pelo mundo tentando conseguir algumas fatias para sobreviver, depois voltaram, com menos fatias do que esperavam. Ainda senti raros sorrisos e afagos. Pouco tempo, logo, se desfizeram: o amor é isso, uma inconstância.

A casa de vó é grande. O meu quarto é o melhor lugar, o meu coração é apertado. Escuto vozes querendo me abortar da minha mãe, enquanto aprendo a andar.

Bailarina

Janaina Cruz

Agora estão guardados em tua pele os meus desejos
Em cada curva sinuosa de teu corpo há
Um arrepio meu, há uma explosão um cenário

Que repito

E repito

E repito

Incontáveis vezes...

Gosto quando os nossos beijos procriam

Gosto quando mapeiam os meus ou os teus seios.

Tua saliva adoça a minha,

E não são raras às vezes que sinto sede dos teus beijos.

Oscilam horas imagéticas na iluminação do dia,

Oscila o teu balé pontuando os meus espaços

Passo a passo pontual e ondulatória.

Meu alimento luminoso e raro.

Banana

Alexandre Lucas

Primeiro dia de carnaval. Resta-me uma dúzia de bananas, pego seis e coloco no liquidificador, junto com leite e açúcar. Liquidifico as bananas, tomo lentamente, olhando os gritos das crianças que não vejo. Sei que se melam, devem estar brancas, as crianças pretas; outras, sentem fome de amor e de comida.

Sobram-me, ainda, seis bananas, se passarem do tempo ficarão pretas, mas é carnaval e pouco importa as bananas que tenho.

Passarei o carnaval com minhas bananas, talvez coma todas, mas é provável que alguma possa apodrecer, já estão bem maduras: é o que atestam as suas cascas. Dizem que as pessoas ficam velhas quando começam aparecer os primeiros cabelos brancos, apesar de não ser uma regra geral. Nas bananas maduras começam aparecer pingos pretos em suas cascas.

As cascas sempre as corto em pequenos pedaços para alimentar as plantas. Por aqui não ando desperdiçando bananas.

Dizem que banana é algo fálico, nunca vi um falo com cara de banana. Os carnavais passam, as bananas também. Enquanto isso fico aqui descascando ideias sem ver a folia passar.

Brota rosas da varanda

Alexandre Lucas

Ganhei açaí, deixei na geladeira e chorei. Era quase nove horas da noite, ainda não tinha comido quase nada, além de uma pipoca e ter mastigado algumas sementes. Passei o dia me balançando na rede, sem muita coragem para dizer desaforos ou declamar poemas de amores. Estava feito feto, preso à rede. Na verdade, preso a mim. Naquele instante a única respiração que gostaria de sentir era a minha, nada mais. Faltava-me forças para um abraço.

Chorava porque não era obrigado a segurar o choro. O açaí foi apenas gatilho. Eu estava na geladeira, derretido em lágrimas, sem saber desligar os botões. Pensava no açaí que não conseguia comer. Queria sentir o seu gosto revirando os olhos e querendo mais. Ponto, não consegui comer o açaí. Aquela comida chegou como um beijo intenso e molhado e com cara de despedida.

Estava aprisionado a outras comidas e a falta de apetite. Cheio de partidas e muros. Não sei quando vou comer, sinto fome, mas me falta gosto, às vezes falta comida, outras deixo estragar. O gosto parece desaparecer, mas creio que ele deve estar escondido em um dos meus baús, guardo tantas coisas que se perdem, já tenho a memória preenchida de intervalos e dias com poucas sentadas.

Ainda chove, falta sal e açúcar, mas fiquei sabendo que depois da linha tem uma casa em brotam rosas da varanda: talvez lá consiga sentir o prazer do paladar, como os amantes que se comem de desejos e planejam a nova aurora.

Cacau

Maria Luiza Pereira Taveira

Eu tenho uma filha doidinha,
Seu nome é cacau,
Ela é bem danada
Faz alguém rir por onde passa
Tem cor cinza da bochecha amarela
Bem doidinha e tagarela

Todo dia de manhã
Bem cedo começa a piar
5 ou 6 da manhã, ela pia pra eu acordar
Sempre quando eu como sobe em mim
Fica no meu ombro
E comigo come ali

Ela tem uma pulseira na perna
É pretinha e tem um número
Para caso ela fugir
Eu a encontre pelo mundo
Mas é claro que de cara
Não irei encontrá-la

Passará dias e noites
Pra eu conseguir achá-la

Mas não preciso me preocupar
Pois ela não irá fugir
Porque ela ama minha casa
E de lá não quer sair

Ela ama brincar
Brinca, brinca sem parar
Mais quando chega ao meio-dia
Aproveita pra descansar
Além de ser danada também é bem carinhosa,
Quando eu faço cafuné, chega a cabeça fica torta

Quando saio pra algum lugar
Tenho que deixá-la pressa
Mas quando chego em casa
Sempre tenho uma surpresa
Ou ela apronta alguma coisa
Ou suja a gaiola inteira.

Carta ao Mar

Leila Cardoso de Lima

Ainda lembro como tudo aconteceu. Você estava calmo, quieto, até o meu olhar encontrar o seu. Os meus pés tocaram as tuas águas, quando percebi já estava inteiramente dentro de ti. Estava completamente apaixonada. Todos os dias ao nascer do sol estávamos ali, um de frente para o outro.

Você com a mesma intensidade de sempre; eu continuava com o mesmo sorriso bobo, os meus olhos procuravam os seus naquela imensidão de águas claras. O teu cheiro ainda era o mesmo da primeira vez, a sua brisa tocava o meu corpo e eu a sentia abraçar a minha alma como se me dissesse que também estava apaixonado.

Mar, como eu amo te amar... Dói em mim saber que os meus lábios e os teus jamais nunca vão poder tocar...

Carta para o meu amor

Alexandre Lucas

Você não está nos meus primeiros planos, afinal a vida é vasta e cheia de cortinas. Outro dia, há algumas dezenas de anos, via você encardido de ferrugem, poeira e suor, transitando entre os vagões e as rochas de gipsita, de vez em quando soltava pipa e chutava o chão querendo acertar a bola. Aprendeu cedo brincar com o pé de ferro e o martelo, no desafio de não martelar a mão. Mexia na cola, no vazador, na faca e no esmeril, juntava pedaços de couro e borracha. Folheava as revistas de moda e se deliciava ao ver os desenhos rápidos e precisos dos estilistas. Sempre gostou da tesoura para repartir cores e criar formas, cresceu vendo fazendas, de vez em quando ganhava algumas, fazenda naquela época era sinônimo de tecido. Conheceu o grude, era a cola do momento, passava horas colando a inocência e os desejos, na casa da vó.

Você era curioso: desmontava as coisas para descobrir o que se escondia por dentro. Sempre foi impulsivo, adorava os telhados, corria, pulava, quebrava, inevitavelmente, as telhas e recheava as casas de goteiras. Lembra do pé de seriguela? Era da vizinha de quintal, quase fundo a fundo, passava horas atrepado, chupando até o carço.

Tinha também a dispensa: uns dois metros para cada lado, cheia de bagunça. Acho que foi o seu primeiro baú, sempre sonhou em ter um quarto, mas nunca dispensou os baús. A sua dispensa era um mix: Fazia seus experimentos, guardava suas preciosidades afetivas e dava a caricatura de sua alma, aquele espaço ninho.

Você lembra das músicas que embalavam teus sonhos? As orquestras do cabaré eram tuas músicas de ninar. Isso mesmo: orquestra no cabaré.

Pelas manhãs, sempre te chamava atenção aqueles enormes pássaros pretos, no muro amarelo. Eram os urubus sobrevoando a sobrevivência.

Lembra da escrivaninha? Aquela que passava na televisão? As crianças nas novelas tinham escrivaninhas, você tinha apenas a vontade. Aquele seu primo enfiou uma faca para retalhar as suas esperanças ao dizer que seu pai nunca teria condições de comprar a escrivaninha, mas você nunca deixou de escrever seus sonhos.

Outro tempo tu querias ser ninja, mas começou querendo ser He-man. Personagem louro, cabelo liso, musculoso e com super poderes, ainda usava pastinha, era moda, cortar o cabelo deixando o rosto quadrado. Quem era você para você? O menino magro, fraco, cabelo embolado e sem nenhum poder.

Não sei quantas cicatrizes traz da escola, mas lembro que que era um espaço de muita luta e bastante violência. Na maioria das vezes tinha feição de prisão e quem devia ensinar, torturava, degolava as vozes e a crença no amanhã, mas você sobreviveu. Alguns sobrevivem às ditaduras, mas já não respiram da mesma forma.

Lembra quando as paredes eram o suporte para teus bilhetes de existência? Às vezes, apenas queremos declarar a nossa necessidade de acolhida. Ainda escuto você pronunciando o que não pronunciou: Eu existo.

Você tentou ser feliz, mas a felicidade não é uma permanência, mas uma tentativa, continua tentando.

Ser verdadeiro é um perigo, então você é uma ameaça. Ser sensível é uma proibição dos tempos atuais, nos ensinam a engolir os choros e esconder os brilhos, mas você não consegue ser personagem.

Quase morreu ou foi morrendo aos poucos. Era segunda-feira, de um ano qualquer, a morte chegou trazendo o ódio e a privatização da vida alheia. Seu sangue escorria junto às fezes, como rios de águas turvas.

No caminho encontrou flores e muitas rosas. Cercas quase sempre delimitam os percursos dos sorrisos. Mas o que seria mesmo a liberdade? Não faço ideia! Parece que cada profecia de liberdade reside numa jaula e esse é o desafio, existir na contradição.

Lembra quando ele nasceu? Você não acreditava que podia ser capaz de gerar vidas e amar. Talvez, ele seja o seu He-man. Sobre a história das árvores e dos livros, você já plantou algumas e escreveu alguns e continua querendo viver.

Tem arames farpados neste mundo e você faz parte dele, mas quer a terra dividida, pão e poesia na mesa. Raimundo e Maria, fez o possível, te amam sem dizer, eu te amo. Eu também te amo mesmo te esquecendo de vez em quando.

Cartas de ausência

Alexandre Lucas

O vestido branco ficou na estaca com as marcas da terra e do arame farpado, parece que o corpo saiu se rasgando. Afinal, só tinha o vestido, o resto é dedução. Enquanto isso, em alguma parte do mundo tomo café, escuto blues sem entender nada e me balanço como se conversasse comigo, mas a lembrança do vestido pareceria bofetear o meu rosto.

Estou longe de casa e não sei o caminho de volta, por aqui, só tem estradas, nenhuma pousada, nenhuma casa, algumas sombras, o resto: estradas. Desconheço todas, têm algumas que até me arrisco porque os percursos são mais curtos.

Daqui só posso te mandar cartas de ausência. Posso te mandar também poemas longos de Neruda, a objetividade de Benedetti e as poesias gozosas de Cida Pedrosa, mas certezas, não espere.

A todo instante parece que as estradas estão de brincadeira, quando percebo, revejo as mesmas paisagens e tento refazer os caminhos.

Como não estou em casa, não tenho como receber ninguém. Casa fechada não deve entrar sem permissão.

Devo chegar em casa, acredito que ainda tenha muita bagunça para organizar. As roseiras devem estar com sede. Talvez tenha café e um pouco de açúcar, se faltar gás, a gente providencia uma lenha e toma café numa xícara improvisada de extrato de tomate. Devo chegar com algumas cicatrizes, mas de vestido novo.

Catar sonhos

Alexandre Lucas

Um galpão escuro, pouca luz, cabeças despontavam como fotografias preto e branco. Na luz, a ferrugem se destacava nos rostos mais claros. Meio da semana, quarta-feira, as cinzas se misturavam ao suor e as roupas de cores perdidas. O menino pesa as caminhadas da semana, despeja o saco na balança e verifica que consegue comprar sete pães. Abre um sorriso de lábios fechados para esconder os dentes quebrados.

O menino segue sua procissão, vasculha e rever a cidade procurando novos pães. Em dias de sorte, consegue menos sol, mas a média não ultrapassa os sete pães.

Outro dia vi o mesmo menino com roupa limpa, cantando sonhos e me ensinando coisas de computador. Comemos alguns pães juntos, inclusive, tivemos dias em que também comemos bolo recheado com chocolate e refrigerante, nem era dia de festa.

O menino faz de conta que não me conhece. Parece que agora somos estranhos e que estamos distantes, seus olhos rastejam o chão procurando computar os restos dos outros, catando o pão que não é servido a cada dia. Percebo que hoje não é dia de dizer amém: ainda é tempo de catar sonhos e revirar o lixo do mundo.

Clara é a fogueira

Alexandre Lucas

Acordei cedo, abri os braços para acolher o vento. Chovia. Olhava para cima, observava a goteira: pingo, pingo e pingo. A água fazia a poeira dançar. O chão encharcado e a coragem de repouso. O rodo escondido atrás da porta permaneceu calado. Tomei banho demorado, enquanto a água escorria pela extensão da casa.

Sentei à mesa. A garrafa estava cheia de chá de camomila, tomei sem pressa, aproveitei para brincar de amassar uma fatia de pão seco e desviar os caminhos das formigas. Os passarinhos que cantam por aqui estão engaiolados.

Estava nua, cabelos molhados, pés descalços. A mesa cheia de farelos e de formigas perdidas. As contas estavam todas pagas, essas que a gente paga com dinheiro, por outro lado, estava coberta de dívidas comigo mesma.

Naquele dia não queria sentir dor de barriga. Nada de cobranças. Queria apenas organizar a fogueira. Tocar fogo em tudo, em quase tudo. Pelo menos nos monstros que, enxiradamente decidiram ser inquilinos. Chutar as cinzas, fazer carnaval. Deixar a casa limpa. Dia de chuva e de fogueira.

Ainda chove, mas quero fazer fogueira. Ontem foi domingo e hoje decidi ficar comigo. A porta vai ficar escancarada para ver a vida passar. A chave vai ficar aqui em cima da mesa perto das formigas e das minhas mãos.

Close: um filme para sentir

Renato Mendes

Close é um drama belga no estilo *coming of age*, ou seja, está voltado para o período da juventude e seus dramas. Dirigido e roteirizado por Lukas Dhont, o longa-metragem é baseado em suas histórias pessoais. O trabalho é o segundo grande sucesso do diretor, tendo lançado **Grill** em 2018.

O filme conseguiu me transpor para a cena, graças a trilha sonora e o movimento de câmera. Começa com Remir (Gustav De Waele) e o seu melhor amigo Leo (Eden Dambrine) brincando em uma fortaleza criada em suas imaginações. Em seguida, os dois correm por um lindo campo de rosas, enquanto no segundo plano são apresentados outros personagens da história. Nesse início há a sensação de uma infância ingênua, sendo logo evidenciado a relação de proximidade dos personagens.

A principal característica de **Close** é um ângulo fechado, que evidencia as expressões dos atores. Tal recurso é super importante para a dramaticidade. Os dois amigos dormem juntos na mesma cama, na primeira cena no quarto Leo toca seu instrumento musical e Remir o admira com um olhar afetuoso. Os sorrisos e as trocas de olhares, após a música tocada, dão uma sensação gostosa, como se por um momento eu fosse convidado a participar do momento.

A narrativa segue e fica claro a proposta do filme de estimular boas sensações e lembranças de infância. Na maioria das obras cinematográficas a história é conduzida com diálogos impactantes. **Close** diz muito mais no silêncio entre uma fala e outra. Faz despertar sentimentos parecidos com o dos personagens, e provoca uma dor interna ao vermos que a inocência retratada, some em nós com a “maturidade” e a pressão social. A sensação

de liberdade dos dois ao ir para escola pedalando juntos, contrasta com a coação dos sentimentos que a sociedade faz.

Na intimidade os dois são felizes, só que de repente chega o momento de os dois enfrentarem numa nova fase escolar, aquela mesmo... A melhor para alguns, a pior para outros. E é genial a chegada no colégio, os dois sorridentes e a câmera vai se distanciando. Mais uma vez o filme desperta uma nostalgia, aquele caos no intervalo da escola e da diversão pré-adolescência. Essa cena é como um divisor na relação dos dois.

Como diria o filósofo Michel Foucault, a escola é uma “instituição de sequestro” que molda o comportamento. A amizade verdadeira e a proximidade física são vistas como “anormais”, levando a um comentário que desestabilizou Leo. “Vocês estão juntos?”. Vendo o filme, acredito que nenhum dos amigos tinham feito este questionamento antes. E a resposta do menino para o questionamento pode levar a grandes reflexões sobre as estruturas da sociedade. “Eu posso dizer o mesmo sobre você porque vocês fazem tudo juntas”. Culturalmente as meninas constroem amizades mais profundas, enquanto qualquer contato afetivo de dois garotos é “condenável”. E abre margem para questionamentos sobre sua masculinidade.

A chegada de Leo em casa é a grande primeira cena dramática de Eden Dambrine, que fez uma atuação primorosa. Ele mostra no gestual, no olhar, e mais tarde, no movimento de distanciamento físico de Remir as inseguranças de seu personagem depois da conversa. Por outro lado, Remir não demonstra nenhum incômodo com os comentários. Mas sente dolorosamente o fim da cumplicidade, que é quebrada lentamente. A cada instante, Leo busca fazer aquilo dito como “coisa de menino”.

Para mim, uma coisa que não necessariamente faltou, mas poderia ser trabalhado, são os sentimentos de Remir. Até o momento do estopim para a briga com Leo o personagem é escanteado, e a sua visão sobre os últimos acontecimentos parece não importar na construção da história. Confesso que a notícia do suicídio dele me pegou de surpresa e me desestabilizou, nunca imaginei que a trama se encaminha para algo tão pesado. A forma como o diretor trabalhou o tema foi sensata e emocionante.

E agora? A partir da tragédia me fiz esta pergunta, E a resposta para ela é que os familiares, em especial a mãe de Remir, tenta entender o porquê. Enquanto Leo mergulha na tristeza e na culpa. Ao contrário do que imaginei, o filme não fica excessivamente melancólico, pois Remir continua a praticar o hóquei, jogar futebol, videogame e a ir para escola. Talvez numa busca desesperada de fugir das suas dores.

Em um atendimento psicológico ele questiona: “Quem o encontrou?”, e a resposta é: “A mãe dele”. Minha atenção, já dispersa, retorna para o filme. Fico a imaginar tanto a dor materna como se Remir havia deixado alguma mensagem para Leo. (Émilie Dequenne) Sophie ganha do meio para o final do filme um protagonismo. O desenrolar da trama é a vontade de Leo de falar com a mãe do melhor amigo. A obra mostra a sua habilidade de me desesperar. Volto a afirmação de outrora, **Close** fala muito mais no silêncio. E o silêncio é desesperador, não a falta de barulho, sim o não falar sobre o trauma. A trama mexeu comigo a ponto de imaginar coisas que os personagens queriam dizer, e a sofrer com palavras engasgadas que nem eram minhas.

Comi lentamente

Alexandre Lucas

Encontrei teus gemidos rindo nos meus pensamentos. Era sexta-feira, as roupas estavam descansando no chão. Esticava o corpo buscando me apegar a coragem. Os lençóis embrulhavam a minha preguiça e o dia estava apenas começando. O sol se apresentava alegre de quente. Neruda também descansava ao lado: os seus versos embebedaram a companhia da noite.

Estava difícil de se deslocar da cama, mas as vozes das ruas, anunciam a despedida. O café tinha cheiro de jardim, acho que devo ter colocado pétalas brotadas dos olhos. As ruas estavam cheias de vazios, aproveitei o caminho para fotografar as flores gestadas no gozo das calçadas.

A poesia estava excitada, sensível, molhada e coberta de lembranças despidas. O trabalho não conseguiu conter a incandescência do momento. O dia estava risonho.

Final de expediente. As coxas magras da noite acomodavam à sexta-feira, antes de dormir comi lentamente bolo de cenoura com chocolate para sentir o gosto por completo.

Conferências de cultura e a luta por participação, planejamento e dinheiro

Alexandre Lucas

Reordenar a política nacional de cultura, a partir de intenso debate nos estados e municípios brasileiros é a tarefa central no processo de articulação e reoxigenação dos movimentos sociais de cultura dentro da construção da Conferência Nacional de Cultura. O que está em jogo é a defesa sem concessões de uma política de estado para cultura que foi interrompida nos últimos anos. Neste sentido, três questões devem ser tratadas como prioritárias: Consolidação do Sistema Nacional de Cultura, ampliação imediata da Política Nacional de Cultura Viva e a garantia permanente e com percentuais mínimos de aplicação de recursos nas esferas estaduais, municipais e federal.

O projeto de reconstrução nacional passa pela diversidade, pluralidade, antagonismo e desigualdades sociais e regionais do povo brasileiro e a cultura perpassa transversalmente os mecanismos de produção e reprodução material e imaterial da vida. O que requer que tenhamos uma política de estado que consiga colocar a cultura na centralidade da política e o mecanismo principal é o Sistema Nacional de Cultura que estabelece as diretrizes de controle e participação social, planejamento participativo da política pública e aponta a necessidade de recursos para execução dos planos de cultura.

A consolidação do Sistemas de Cultura nas três esferas dependerá da capacidade mobilização e articulação dos segmentos da cultura para que as leis dos Sistemas não sejam um aparato jurídico de caráter decorativo, afinal, é na pressão que os direitos historicamente se consolidaram. Entender as Leis do Sistema de Cultura como “constituição cultural” de cada esfera federativa é encarar que a sua aplicabilidade não ocorrerá de forma pacífica, participativa e com soberania popular. A lei é a argumentação

política para efetivação da política pública, dizendo de outra forma, a existência da lei não é garantia de efetivação da política pública.

Na consolidação dos Sistemas é preciso aperfeiçoar os mecanismos de controle e participação social, visando evitar que sejam meros instrumentos de manipulação e legitimação institucional, como vem ocorrendo constantemente no país. Como é o caso de cidades em que os seus conselhos de políticas culturais mesmo tendo caráter deliberativo não definem a política pública nos municípios.

Outra questão que deve estar alinhada à política de estado para cultura é a ampliação da Política Nacional do Cultura Viva (Pontos de Cultura), tanto na esfera federal, como nos estados e na criação das políticas municipais do Cultura Viva. A dimensão revolucionária, transversal e de promoção da cidadania cultural que os Pontos de Cultura produziram e produzem no Brasil tem caráter civilizatório e emancipatório e um dos vieses que proporcionou essa dimensão radical foi a descentralização de recursos públicos para as diversas organizações culturais do povo brasileiro, furando o eixo RJ/SP e adentrando na redescoberta da diversidade, pluralidade, desigualdade e potência do nosso povo. Ampliar a política do Cultura Viva é fortalecer o direito à cidade, reposicionamento político e social da classe trabalhadora e a movimentação da cadeia produtiva da cultura.

Um dos elementos centrais para que a política de estado seja executada é a garantia de recursos. A Lei Aldir Blanc I que surge num momento emergencial e num contexto político adverso, impulsionou a primeira experiência de repasse de recursos da União para Estados e Municípios como prevê o Sistema Nacional de Cultura. A Lei Aldir Blanc II que já tem caráter “permanente” precisa ser fortalecida e aperfeiçoada. Ao mesmo tempo, é imperativo que dentro da regulamentação do Sistema Nacional de Cultura esteja prevista a obrigatoriedade para que a União, Estados e Municípios apliquem percentuais mínimos dos seus orçamentos em cultura para execução dos Planos de Cultura como já são previstos percentuais para Educação e Saúde. A luta pela destinação dos 2% do orçamento para cultura deve estremecer as discussões em todo o país. Os movimentos sociais devem ampliar forças para impulsionar essa conquista. As conferências estão na ordem do dia e suas pautas devem ser tratadas como políticas de estado para não serem destruídas e reinventadas a cada quatro anos.

Confissões - de Agostinho a Petrarca

Luciana Bessa

Partindo da premissa defendida pelo crítico Antonio Cândido de que a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos, convidamos a escutar as confissões narrativas de Agostinho, assim como, as confissões poéticas de Petrarca.

O Cancioneiro, de Francesco Petrarca, é um dos principais modelos da lírica amorosa no Ocidente. O poeta abriu caminho para uma poesia do “sentimento”, da “emotividade” sem, contudo, esquecer o uso da razão. Ou seja, ele canta o amor de maneira sensível, sentimental e lúcida. Embora a poesia lírica tenha seus fundamentos desde a antiguidade, sua evolução se acentua, na medida em que o homem se revela diante do mundo. Petrarca, modificou a ordem do mundo em relação à lírica e à língua italiana, deu forma, métrica e imortalizou o sofrimento amoroso.

Agostinho de Hipona era um profundo conhecedor da Bíblia e atrelou à sua existência a de Deus. Ele questionava como era o tempo sem a presença de Deus e se isso era possível. Defendia que o tempo só existe, porque Deus existe e nós também.

Tanto Agostinho como Petrarca se expõem e se confessam. O primeiro relata sua vida antes de se tornar cristão e sua conversão. Suas confissões assumem três sentidos: confissão de pecado, confissão de fé e de louvor a Deus. Discorre sobre a Criação, o Tempo e sobre a noção psicológica que temos do tempo. É um apelo do ser humano ao Ser Divino (Deus). O segundo, concebeu um idioma próprio do Amor.

Louvação é a tônica de ambas as obras: a primeira a Deus; o segundo,

ao amor, ou seja, seus movimentos mais íntimos: o amor pela mulher amada. Sua confissão é única: amar.

A figura feminina é invocada pelos escritores, num determinado momento e num dado espaço, de maneira amorosa e consciente. Agostinho tem em Mônica, sua mãe, a base para sua conversão ao cristianismo. Petrarca tem em Laura, a mulher amada, o cerne de sua poesia. O pai do soneto, ao fazer uso da emotividade como expressão poética, apresenta verossimilhança com a consciência de si mesmo. Ele apresenta, ainda, um profundo conhecimento muito agudo da inexorável passagem do tempo. Concebia, também, seu estar no mundo em si mesmo e no amor metafísico concretizado em seus cantos. Amor cuja existência, ao mesmo tempo em que se limitava à existência do poeta, transcendia em seu ardor e sofrimento extremo.

Também para Agostinho, o tempo e a memória são vitais para conhecer a si mesmo. Ele costumava o dividir em três partes: passado, presente e futuro. No entanto, só temos a capacidade de perceber e medir o tempo no momento em que ele ocorre. O passado é um tempo que já se afastou de nossa consciência e de nossa percepção. Não é mais palpável, passou. O presente, não. É o agora, onde tudo acontece. Quanto ao futuro, dele nada sabemos. É o conjunto de todos os acontecimentos que ainda iremos vivenciar.

É pela memória que o teólogo pode convocar as imagens que deseja. Algumas surgem quase que de imediato; outras, demoram um pouco mais e parecem ser arrancadas de um repositório que estava escondido. Outras irrompem em forma de turbilhão, embora algumas precisem ser afastadas com a mão de seu espírito. A memória armazena luz, formas, cores, sons, odores, sabores, seja através dos olhos, do nariz, da boca ou através da sensibilidade do próprio corpo.

Seja nas **Confissões**, de Agostinho; ou no **n' O Cancioneiro**, de Petrarca, a linguagem (narrativa / poética) é o caminho para se chegar a Deus e ao Amor, na medida em que se confessar é conhecer a si, conhecer ao outro, como expurgar a dor de existir.

Convite Literário

Luciana Bessa

Adoro o mês de janeiro, porque ele me remete a início de ciclos. Os ruins sempre passam. Os bons também. Entre ambos, o instante, que de tão rápido, muitas vezes não conseguimos registrá-lo, quiçá, vivenciá-lo. Caetano Veloso, é verdade, que o tempo é “um dos deuses mais lindos”, mas você se esqueceu de dizer que é também um dos mais cruéis e narcisistas, já que para conservar a beleza do momento, sua vida é curta.

Em 2020 resolvi registrar um dos momentos sonhados e criei o Blog Literário Nordestinados a Ler. À princípio dois eram os seus objetivos: 1) Abordar a Literatura Cearense, tão rica, tão expressiva e com nomes tão potentes, como Emília Freitas, Alba Valdez, Rachel de Queiroz, Ana Miranda, Natércia Campos, Socorro Acioli, entre outras. Ao mesmo tempo é uma literatura deixada em segundo plano, não só pelas livrarias (seria interessante conhecer aquelas que têm estantes dedicados a escritores e escritoras da terra, ou as que não têm, mas que há obras para serem vendidas. Pode-se consultar os manuais literários das mais diferentes editoras para averiguar quais deles tratam desse tipo de literatura. Também é possível mapear os colégios que adotam livros paradidáticos: quantos deles são de autoria feminina e cearense?). Agradecemos quem puder pesquisar e nos contactar (@nor.destinados).

2) Discutir a literatura produzida por mulheres que escrevem muito, mas não têm a mesma legitimidade dos homens. Mais do que me entristecer, é uma questão que me enfurece. Todas nós temos uma história. No mínimo, deveríamos ser as primeiras a poder contá-las. Contudo, nos reservaram o “ambiente doméstico” sem ao menos consultar-nos nossos mais íntimos desejos.

Há três anos me lembrei de uma frase lida nos livros do Eduardo Galeano: **Para que serve a utopia?**. Na condição de leitora, eu diria que serve para criarmos o que nos falta. Faltava uma ferramenta que lembrasse as pessoas de lerem mulheres, de valorizarem as escritoras da região Nordeste. Nasceu, então, o Nordestinados a Ler: Blog Literário. Afinal, se eu pedisse a vocês para me indicarem escritoras/obras do Ceará? Do Maranhão? Do Rio Grande do Norte? Do Piauí? Da Paraíba? De Pernambuco? Do Alagoas? De Sergipe? Quem apontariam?

Em 2023, o Nordestinados a Ler: Blog Literário inicia um novo ciclo, com novas discussões literárias, temáticas, formato e autoras: Ana Miranda, Vanessa Brunt, Arriete Vilela, Rachel de Queiroz, Micheline Verunschik, Mabel Velloso, entre outras.

Iniciar ciclos pressupõe novos aprendizados, novos conhecimentos, mudanças de rotas. Portanto, o Nordestinados a Ler convida vocês para vivenciar uma nova experiência literária concebida por mulheres da região Nordeste. Afinal, cada vez que lemos uma mulher, novas perspectivas são descobertas. Cada vez que lemos uma mulher, damos-nos a oportunidade de escutar a história por um novo viés. Cada vez que lemos uma mulher, legitimamos outras vozes. Cada vez que lemos uma mulher nordestina, estamos contribuindo para fomentar a Cultura Literária produzida na região Nordeste.

Costurado na rede

Alexandre Lucas

Tenho medo do escuro. Quando criança me costuraram dentro de uma rede, gritava, chorava e me faltava ar. Riam, como se fosse uma brincadeira, riam. Brincadeira era me abraçar ao tecido grosso, revirar o corpo e ver o chão, ou então, balançar alto, quase que fazendo da rede uma roda gigante.

Já não me costumam mais. Fico sufocado, temo o escuro e passo horas sozinho, talvez isso seja uma rede sendo costurada pelas minhas mãos.

Queria mesmo era estar brincando com Manoel de Barros, o velho peralta. Chupar manga e pintar a cara de amarelo, depois fazer careta. Beijar loucamente a boca a desejada e ter alguns intervalos para recomeçar. Bater tambor e ver a alegria sambar. Chamar as crianças para pintar os setenta, porque o sete seria pouco. Construir os “Parangolés”, de Hélio Oiticica, para incorporar junto ao povo no meio da lua, ou, da rua. Almoçar entre grãos de comunhão e risos, com sobremesas doces de brilho. Ainda queria jogar bola, só por jogar bola, sem precisar de ter ganhador. A casa poderia ser aberta, sem porta, nem janela, aberta mesmo para o vento entrar e as pessoas se acolherem, mas a morada é casa fechada, porque nos colocamos em perigo.

Os bichos estão trancados e soltos dentro de nós, isso talvez tenha haver com as redes, os remendos e as costuras com todo tipo de linha, algumas de aço, outras de nuvens.

Fico aqui no fundo da rede balançando os pensamentos, às vezes, durmo agarrado aos pesadelos, mas guardo uma faca cega que ainda

corta: é para quando tentarem me costurar. Aviso também que reside sonhos, tem borboletas e flores que fazem cócegas, caio no chão de pernas abertas e olhos fazendo cambalhotas.

Crato: 2% do orçamento para cultura, ainda é pouco

Alexandre Lucas

O Município do Crato (CE), em 2022, gastou do orçamento municipal 0,67%, cerca de 85% deste percentual foi gasto com folha de pagamento e encargos sociais, menos de 15% foi destinado para fomento e outras despesas da pasta. Nos últimos sete anos, o investimento no setor cultural não chegou a 1%. O resultado destes números tem incidência direta no processo de sucateamento dos equipamentos culturais e na política de fomento artístico-cultural.

O Crato, cidade conhecida como “capital da cultura”, conceito elitista, inadequado e excludente demonstra contradições e equívocos. Atualmente, o conjunto dos equipamentos culturais do Município estão fechados ou apresentam condições inadequadas para uso: Museu Histórico e de Artes Vicente Leite, Teatro Salviano Arraes, Centro Cultural do Araripe, Estação da Cidadania, Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, Biblioteca Central e Luiz Cruz e anfiteatro da Praça do Cruzeiro. A ausência de espaços em condições de funcionamento contribui para dificultar a democratização estética, artística, literária e cultural da mesma forma que a redução dos investimentos em fomento prejudica a cadeia econômica da cultura e a fruição estética.

Os percentuais investidos no setor cultural do Crato demonstram que são insuficientes pela dimensão populacional do Município, que atualmente tem mais 133 mil habitantes, e está situado numa região efervescente de pluralidade e diversidade cultural, marcada pela convivência, contraste e hibridismo do popular e do erudito, dos terreiros e das academias, da dança clássica e do reisado, do cordel e das teses acadêmicas, dos arranha-céus e da Chapada do Araripe. Essa complexidade de elementos exige maior

investimento. Se pegarmos como recorte a população e dividirmos pelo valor gasto em 2022 (R\$ \$2.939.338,61), teríamos um investimento menor do que R\$ 2,00 por habitante/mês. Lógico que essa matemática não dá conta da dimensão simbólica na vida da população, mas, pode instigar o processo de reflexão sobre aquecimento e desaquecimento na economia da cultura, no sentido de aprofundar o debate sobre as condições de sobrevivência das trabalhadoras e trabalhadores da cultura.

Desde 2012, o movimento cultural defende a destinação de 2% do orçamento para a cultura. Neste mesmo período, o movimento já defendia a criação do Sistema Municipal de Cultura e a implementação do Cultura Viva Municipal. O Sistema foi criado em 2014 e a Lei Cultura Viva (Pontos de Cultura) em 2021. Dois marcos legais dos segmentos culturais capazes de estruturar a política pública para a cultura no Município, entretanto, o arcabouço jurídico ainda não encontrou as condições políticas e econômicas favoráveis para impulsionar a democratização da política cultural.

A grande questão é criar políticas de estado para cultura, visando evitar que elas sejam demolidas no trânsito dos governos.

A pauta dos 2% tomou conta do debate na última Conferência Municipal de Cultural que teve como tema “Uma Política Pública para o Crato: Implementação do Plano Municipal de Cultura”, que aconteceu nos dias 24 e 25 de março e deverá elaborar o documento referência para a cultura do Município para os próximos 10 anos. A conferência aprovou duas propostas relativas aos 2%: a primeira é a inclusão dos 2% na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para ser implementada em 2024 e a outra é a elaboração de Lei que cria a destinação de percentual de 2% do orçamento para a cultura, sendo 50% para o fomento artístico-cultural.

A luta pelos 2% do orçamento para a cultura representa uma estratégia para colocar o Plano Municipal de Cultura dentro do orçamento do Município e ao mesmo tempo ir consolidando o Sistema Municipal de Cultural. Os 2% é uma trincheira de luta para o promover o desenvolvimento econômico, social, territorial, o direito à cidade e a cidadania cultural.

Crato: Frente ampla com caráter progressista

Alexandre Lucas

As eleições no Crato não estão dissociadas da conjuntura nacional. O processo eleitoral de 2024 tem importância fundamental para acumulação das forças progressistas e democráticas no país, que terá incidência nos governos estaduais e federal. A vitória do governo Lula ainda não foi consolidada, enfrenta desafios no âmbito do congresso nacional representando por um perfil conservador e reacionário. As forças aliadas ao fascismo, bolsonarismo e ao oportunismo estão vivas, articuladas e em plena campanha eleitoral para o próximo ano.

Além do campo institucional e parlamentar, essas forças que desmontaram o projeto democrático do país, se articulam a partir das próprias estruturas democráticas para ampliar as suas bases, sejam participando dos conselhos de controle e participação social, como das instâncias de participação popular, tal como as conferências setoriais ou suas articulações recentes para a disputa dos conselhos tutelares.

A comunicação fake, alinhada à pauta do retrocesso continua a todo vapor, tanto a partir dos veículos tradicionais de comunicação, como na disseminação sem controle de informações distorcidas e mentirosas nas plataformas digitais, redes sociais, espaços de conversação e de doutrinação.

O êxito do governo Lula e a sua guinada para avançar nas conquistas sociais e no reposicionamento político da classe trabalhadora passa pela correlação de forças políticas e ampliação das vozes comprometidas com um projeto nacional desenvolvimentista e popular.

Neste sentido, as eleições são centrais para reconstrução do país.

No Crato, o Governo do PT, apresenta alguns avanços, mas é marcada por contradições. Os investimentos nas áreas sociais ainda são insuficientes e os equipamentos públicos apresentam estruturas sucateadas. O planejamento urbano é marcado pela lógica do asfalto e carece de um olhar macro e dos impactos ambientais. A participação dos movimentos sociais ainda é limitada e o próprio PT tem sua voz reduzida no governo. Entretanto, esse governo tem assumindo pautas importantes e diálogos necessários em defesa da democracia.

É preciso avançar muito mais e consolidar as conquistas do atual governo e criar as condições efetivas para desenvolvimento econômico, social, redução dos impactos ambientais, promoção da cidadania cultural e participação popular.

Essa não é uma tarefa fácil e exige, o entendimento da necessidade de unidade política em torno de um projeto comprometido com o campo democrático e que tenham as condições eleitorais de vitória. Além da Frente Brasil Esperança composta pelo PT, PV e PCdoB, se faz necessário ampliar a composição com o PDT, PSB e PSOL e demais forças da base de sustentação do atual governo. Qualquer racha do campo democrático, viabiliza a vitória da direita no Município. O momento é de diálogo e engenharia social para garantir a unidade de uma frente ampla de caráter progressista que congregue os partidos e os movimentos sociais.

Crato: Sistema Municipal de Cultura e a luta pelos 2%

Alexandre Lucas

O principal marco legal da legislação municipal sobre políticas públicas para cultura no Crato é o Sistema Municipal de Cultura (SMC), que norteia os princípios de participação popular, planejamento da política pública e aponta a necessidade de recursos financeiros para a sua execução. O Sistema está amparado numa política de estado, estruturante e compactuada com os entes federativos (Estado e União). O SMC foi criado em dezembro de 2014. Com menos de 10 anos, caminha a passos lentos, reflexo da conjuntura nacional, que sofreu um processo de desmonte e descontinuidade nos governos Temer e Bolsonaro, mas também pelo olhar distante que fez com que a cultura estivesse fora do orçamento, no sentido de promover a cidadania cultural, desenvolvimento territorial, requalificação e manutenção dos equipamentos culturais.

A situação do Crato, no tocante a efetivação das políticas públicas para cultura, apresenta um cenário desanimador e desafiador. Quando se observa o conjunto dos equipamentos culturais do município detectamos a seguinte situação: os que não estão fechados, apresentam péssimas condições de funcionamento e na sua totalidade, todos necessitam de acessibilidade e requalificação. O que é um grande desafio, tendo em vista que alguns prédios se tratam de arquiteturas antigas e de valor histórico para a cidade, o que impõe mão de obra com especificações técnicas. Outro fato diz respeito à política de fomento que ainda não consegue atender aos segmentos da cultura e as linguagens artísticas, previstas no SMC.

É neste contexto que se fortalece a luta pelos 2% do orçamento do município para cultura. Essa luta surge a partir de um contexto nacional,

com a Proposta de Emenda Constitucional - PEC que ficou conhecida como PEC da Cultura – PEC 150, que previa a seguinte destinação: 2% da União, 1,5% para Estados e no mínimo 1% para os municípios. No contexto das eleições de 2012, os segmentos de cultura do Crato entregaram aos candidatos ao executivo municipal a “carta compromisso com a cultura” que dentre outras propostas estavam: Criação do Sistema Municipal de Cultura, criado em 2014, criação da Política Municipal do Cultura Viva, criada em 2021 e a defesa dos 2% do orçamento para a cultura.

A luta pelos 2% do orçamento do município para cultura está intimamente vinculada à consolidação do Sistema Municipal de Cultura. Em março deste ano foi realizada a Conferência Municipal de Cultural que teve como missão aprovar as diretrizes para a elaboração do Plano Municipal de Cultura como prevê o SMC, a questão é, como será executado o plano? De imediato a resposta é simples: com dinheiro. Essa questão reafirma a posição de que não é possível promover políticas públicas sem recursos.

A cultura tem caber no orçamento do município. De acordo com dados da própria prefeitura, nos últimos sete anos foram investidos menos de 1% do orçamento em cultura. Em 2022, foi investido cerca de 0,67%, sendo que aproximadamente 85% foi para folha de pagamento e encargos sociais, o restante foram destinados para outras despesas e a política de fomento. A situação demonstra a fragilidade financeira da gestão da cultura no Crato.

A execução do Plano Municipal de Cultura tem uma dimensão significativa no caráter de transversalidade da cultura, impactando no desenvolvimento econômico, tendo em vista, que a cadeia da economia da cultura tem ramificações em várias áreas. Outro fator é o desenvolvimento e a integração territorial e social, o fortalecimento da hibridização, diversidade e pluralidade e peculiaridade cultural, estética, artística, que vai do campo popular ao erudito.

As condições favoráveis para execução do Plano Municipal de Cultura colocarão o Crato dentro do circuito da promoção dos direitos humanos e da cidadania cultural, do intercâmbio das culturas e da ampliação da visão social do mundo.

O Plano Municipal de Cultura precisa de recurso para ser executado.

A garantia de recursos é o substrato para alimentar uma política de estado para cultura e conceber que nos diversos segmentos da cultura existem trabalhadoras e trabalhadores da construção do simbólico. O tempo do pires na mão deve ser enterrado, bem como o discurso de que não se tem dinheiro para cultura.

É hora de colocar a dimensão da transversalidade da cultura, mas para isso exige também, colocar a cultura na centralidade da política, inclusive como forma de contribuir para uma nova cultura política e de combate a concepção reacionária, conservadora, opressora e neoliberal que tenta reduzir o papel do estado tocante a emancipação humana e na acessibilidade cultural.

No Brasil, iremos executar duas leis que são frutos da mobilização popular: a Lei Paulo Gustavo, que tem caráter ainda emergencial e de proteção social, e a Aldir Blanc II, que tem um caráter mais estruturante e visa contribuir para consolidação do Sistema Nacional de Cultura nos próximos anos. Ambas devem ser percebidas como complementares aos recursos dos municípios e estados. O que nos impõe vigilância para que estados e municípios não reduzam os seus investimentos a partir dos recursos próprios.

No Crato, não vai existir execução do Plano Municipal de Cultura sem ampliação de investimentos. Os 2% do orçamento do município para cultura é vital. Essa deve ser compreensão coletiva para unificar os diversos segmentos da cultura e a gestão municipal na defesa do direito à cidade.

Botando boneco: descobrindo a diversidade cultural entre amigas

Dark Ferreira

Era uma tarde quente de verão quando as duas se conheceram em um hotel movimentado em Vitória. Karol, a jovem maceioense estava sentada em uma mesa, aproveitando o café, quando viu uma mulher cacheada dos cabelos coloridos entrando no local e olhando ao redor como se procurasse por alguém.

Karol se animou com a possibilidade de fazer uma nova amiga. Ela se apresentou e começou a conversar com a jovem juazeirense, que se apresentou como Diana. Elas falaram sobre assuntos diversos, mas a conversa começou a ficar mais animada quando Diana contou uma história engraçada sobre uma festa em que ela “botou boneco” com um ex-namorado.

Karol ficou quieta por um instante, sem entender o que Diana queria dizer. Ela ficou se perguntando o que seria esse tal de “botar boneco”. Ela não queria parecer ignorante, mas também não conseguia imaginar do que se tratava.

Então, ela decidiu deixar a curiosidade de lado e seguir conversando normalmente. Mas, à medida que a noite avançava, Karol não conseguia parar de pensar naquela expressão. Ela sentiu como se tivesse perdido uma piada ou algum momento engraçado e isso a incomodou.

No dia seguinte, durante uma conversa, Karol decidiu perguntar a Diana o que era “botar boneco”. No mesmo instante, a risada de Diana a fez entender que ela deveria ter imaginado algo engraçado.

“Botar boneco” significava arrumar briga ou confusão em algumas

regiões. Diana explicou que essa expressão era muito usada na região e que havia muitas outras palavras e expressões que mudavam de lugar para lugar.

Karol percebeu que as diferenças culturais entre as duas eram muito interessantes e que isso ajudava a aproximar ainda mais as pessoas. Ela e Diana riram em conjunto, abraçando as diferenças com carinho.

Agora, sempre que se encontram, Karol e Diana falam sobre as expressões que apenas uma entende e a outra não. Mas, a cada nova conversa, elas se aproximam ainda mais, aprendendo um pouco mais sobre o mundo uma da outra.

Cultura Viva conhecer, defender e diferenciar

Alexandre Lucas

É necessário desromantizar o conceito de cultura como sendo algo necessariamente positivo. A cultura precisa ser percebida como processo permanente de produção e reprodução material e imaterial, permeada de conflitos, narrativas e ideologias predominantemente alinhada aos interesses da classe economicamente dominante.

O que nos coloca diante de um contexto de entendimento que cultura também não é algo homogêneo, imparcial e alheia a dimensão da alienação, violência, individualização, competição, mercantilização e fragmentação da vida e da luta pela construção de um novo tipo de sociedade. No campo da luta por políticas públicas para cultura no Brasil, se faz necessário conhecer a trajetória, o caráter e a perspectiva peculiar e revolucionária do Cultura Viva.

Nascido em 2004, no Governo Lula, o Cultura Viva: ficou conhecido pela dimensão dos Pontos de Cultura. Fruto da luta organizada dos movimentos sociais das culturas, o programa se torna política de estado em 2014. O Cultura Viva ainda é uma experiência jovem que vem se consolidando, enquanto conceito e movimento latino-americano das culturas com perspectiva de emancipação humana, de superação das relações de exploração e opressão.

O nascimento do Cultura Viva no Brasil corresponde a uma ruptura de concepção das políticas públicas para a cultura, no sentido de reconhecer, incluir e potencializar as experiências desenvolvidas pela pluralidade e diversidade dos grupos identitários, étnicos, setoriais, linguagens artísticas e expressões culturais. Ao mesmo tempo que representa no

país, a redescoberta do Brasil de baixo para cima, sinaliza também a descentralização de recursos públicos, ampliação das lutas por direitos sociais, participação no planejamento das políticas públicas, aproximação das vozes e o favorecimento da articulação em rede dos movimentos sociais das culturas.

A Política Nacional do Cultura Viva e as reverberações nos estados e municípios devem ser estruturadas, defendidas e aperfeiçoadas, como a principal política de Estado para a promoção da cidadania cultural pelo seu caráter inclusivo, transversal e demarcatório de uma nova cultura política para o bem viver.

Faz-se necessário a defesa e a popularização do conceito do Cultura Viva, ao mesmo tempo, o enfrentamento as compreensões de que tudo pode ser Cultura Viva, ou ainda, e mais perigoso, a negação do Cultura Viva, usando a expressão do momento, o seu “cancelamento”, o que se liga em alguns momentos às concepções políticas identitárias que tem provocado o isolamento, fragmentação política e a exclusão do recorte da classe, como elemento para análise da realidade.

Reafirmar o Cultura Viva é incluir os grupos, as identidades e as vozes historicamente silenciadas, descartadas e combatidas nas paisagens das políticas públicas para a cultura do Brasil. É optar pela democratização cultural como política de estado. O Cultura Viva, enquanto movimento político, se alinha à luta política da classe trabalhadora, por emancipação humana, por conseguinte, pela superação das relações de exploração e opressão.

Denunciante

Alexandre Lucas

O som da respiração faz poesia entre os corpos. Hoje, a lua tem sol e o chá é afrodisíaco. Escrevo devorando a imaginação. Vou vasculhando as palavras e mordendo os lábios no bailado de imagens. Solto um sorriso e me dano a escrever, como quem quer despir o papel, sentir a carne, o suor escorrendo entre as linhas, o ventre molhado, olhos bambos, sons desequilibrados, letras bêbadas e um convite para daqui a pouco.

É apenas o papel denunciante da intensidade humana. Incêndio, a poesia está em brasas e a razão resolveu se esconder. Contínuo escrevendo, buscando intervalos da imaginação do que não existiu, mas tudo existe. Saio, dou algumas voltas, talvez quisesse estar numa canoa sendo levado pela pele do rio, ou numa trilha sentindo o canto das folhas, mas não saio do quarto revirado de poesia e de vulcões.

Escuto o som dos carros: parece que são os mesmos todos os dias. Tento encontrar o enredo diferente para não dizer o previsível. Fico curioso para decifrar o corpo, mapear as enchentes de prazer e se inundar de fraternidade. Mas, o poeta disse: “sei que qualquer canto, é menor do que a vida de qualquer pessoa” e alertou “cuidado meu bem, há perigo na esquina, eles venceram e o sinal está fechado prá nós que somos jovens”.

Consciência Negra: esse dia é pra quê?

Luciana Bessa

Há datas que não deveriam estar no calendário para serem lembradas/comemoradas, mas já que estão, escrevamos sobre ela, dado que a escrita é uma forma de não permitir que nossas palavras sejam esquecidas, afinal de contas, a memória é precária e a gente esquece.

A Lei nº 12.519 de 2011, institui o dia 20 de novembro como o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, em alusão à morte do então líder do Quilombo dos Palmares – situado entre os estados de Alagoas e Pernambuco, região Nordeste.

Nesse específico dia, programas de TV e as escolas dedicam-se a passar filmes, promover debates, criar murais sobre a resistência, o sofrimento e a relevância do negro para construção da sociedade brasileira. Minha grande dúvida: e nos dias 19 e 21 de novembro, o que acontece?

Espero que o que tenha sido visto, ouvido e debatido nesse entremeio de datas, seja capaz de tocar cada indivíduo durante os 364 dias do ano para dizer não ao preconceito e o racismo.

Enquanto há inúmeras doenças genéticas, o preconceito é uma doença social. O que as diferencia? As primeiras não tenho como decidir não as contrair. A segunda, eu posso, eu devo.

Em **Diferente mas igual**, Xandys canta e clama para que não formemos “conceito sobre alguém” por ela ser diferente. O músico lembra-nos para não julgar um livro pela capa, assim como “Dreadlocks, vestuário, cor de pele, tatuagem”. E pede “Um tiro no racismo / Um tiro no preconceito / Com um calibre do que o que deram no peito”. Infelizmente há quem diga

que é mais fácil matar um câncer a se matar uma ideia.

Sujeitos que não mudam de ideia são justamente aqueles que não sabem lidar com as diferenças, com o novo, que não têm suas ideias abertas ao bem, ao belo. Toda mudança é sempre bem-vinda e significa sabedoria, maturidade, disposição para evolução intelectual e espiritual.

No que diz respeito à literatura brasileira, ela tem raça, classe e gênero. Os negros (e também os índios) ocupam um lugar exótico, não sendo representados como sujeitos partícipes.

Conceição Evaristo, escritora negra agraciada com o Jabuti em 2016 com a obra **Olhos D'água**, e rechaçada em 2018 pela Academia Brasileira de Letras (ABL) com apenas um voto, diz que a elite branca reconhece as referências dos negros na Música, na Culinária, na Arquitetura, no entanto, cria-se um impasse, que vai da dúvida à negação, quando se trata do campo literário. E questiona se a escrita literária pertence a grupos brancos.

É sabido que a literatura brasileira foi escrita por homens brancos, heterossexuais, de famílias abastadas do eixo Sul-Sudeste. E que o negro foi invisibilizado, silenciado e estigmatizado: negro nobre, negro infantilizado, negro pervertido, negro exilado. Reconheço que a literatura tem sua responsabilidade na criação dessa imagem da população negra ao representá-la como sujeitos sem subjetividade.

Mesmo diante da pouca representatividade da literatura negra em relação à literatura produzida por brancos, os escritores negros nunca permitiram serem silenciados a exemplo de: Maria Firmina dos Reis, **Úrsula** (1859); Cruz e Sousa, **Broquéis** (1893); Luís Gama, **Obras Completas de Luiz Gama** (2021), Lima Barreto, **Triste Fim de Policarpo Quaresma** (1915), Carolina Maria de Jesus, **Quarto de Despejo: Diário de uma ex-favelada** (1960), entre tantos outros.

Consciência Negra: esse dia é pra quê? Para derramar sobre a literatura, ou qualquer outro tipo de arte, a cor da universalidade, independentemente da raça, classe ou gênero. Para derramar um balde de água quente em toda e qualquer ideia que coloque a população negra em um lugar de subalternidade. Para se ter a esperança (não do verbo esperar) que toda e qualquer ideia possa ser re – pensada, discutida, planejada.

Penso, logo tenho liberdade

Luciana Bessa

O dicionário me ensina diferentes palavras para o turbilhão de sentimentos que teimam em existir dentro de mim. O calendário me mostra como posso desfrutar melhor “um dos deuses mais lindos” e mais temperamentais, o tempo.

Neste último, acabo por descobrir datas comemorativas que, confesso, me passam despercebidas, como foi o Dia da Liberdade de Pensamento, 14 de julho, em que ocorreu a queda da Bastilha, marco da Revolução Francesa, em 1789.

Aos que esqueceram e/ou ainda não tiveram essa aula de História: a Bastilha era uma prisão, símbolo do Antigo Regime francês. Quando o povo, oprimido até não suportar mais, tomou-a, ele proferiu seu grito de liberdade.

Base da existência humana – “Penso, logo existo” – nos diria René Descartes em [seu] **O Discurso do Método**, o pensar, ou melhor o livre pensar, é a garantia que todos nós temos de manter e defender nossas ideias em relação a um determinado fato.

Os artigos 18 e 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 10 de dezembro de 1948, é incisiva ao afirmar que “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento...”, assim como “Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão...”. Infelizmente nem tudo aquilo que está posto na lei se confirma na prática.

As artes brasileiras sofreram nas últimas décadas por defender ideias, como liberdade e igualdade. No Estado Novo, governo centralizador e

autoritário, que se estendeu de 1937 a 1945, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão subordinado diretamente ao então presidente da República, Getúlio Vargas, para exercer o controle sobre os meios de comunicação. Como se não bastasse também havia o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), subordinado ao Departamento Federal de Segurança Pública, encarregado de fiscalizar e censurar as execuções públicas em território nacional.

É sabido que durante as décadas de 1960 e 1970, ou simplesmente “os anos de chumbo”, grandes nomes da música brasileira, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee e Raul Seixas foram censurados e perseguidos.

Saindo de um estado ditatorial e vindo para um estado democrático de direito, a metralhadora do governo de Jair Bolsonaro concentrou-se na Cultura (tal qual Vargas), atingindo artistas, gestores públicos, pesquisadores, mercado editorial, etc. Somando-se a isso, os livros foram taxados impossibilitando que as camadas menos abastadas tivessem acesso, como recolhidos das escolas e feiras literárias.

Em 2019, parlamentares, a exemplo do vereador Clayton Silva (PSC), por meio de suas redes sociais, comunicou que fez um requerimento à Secretaria Municipal da Educação de Limeira (SP), questionando o uso e a distribuição do material para estudantes de 10 a 11 anos, como é o caso da obra **A Bolsa Amarela** (1976), da escritora Lygia Bojunga, um clássico da literatura infantojuvenil, mas que em sua visão não passava de “lixo ideológico”.

Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, o então prefeito, Marcelo Crivella, mandou recolher da Bienal do Livro os exemplares do HQ Vingadores, a cruzada das crianças (Salvat) e outros por alegar ter “conteúdo impróprio”. O youtuber Felipe Neto comprou todo o estoque dos principais livros com temática LGBT e os distribuiu para pessoas não “atrasadas, retrógradas e preconceituosas”.

Em Rondônia, no ano de 2020, quarenta e três livros foram retirados das escolas por conterem “conteúdos inadequados” para crianças e adolescentes, como é o caso de obras de Machado de Assis, Ferreira Gullar, Rubem Fonseca, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, Nelson Rodrigues, Franz Kafka etc.

Vou parar por aqui, porque a lista é grande. Parlamentares, que pouco ou nada leem, se arvoram do direito de dizer o que eu posso ou não ler, a partir de sua falta de conhecimento, de diálogo e de não respeito aos direitos humanos.

Nós podemos falar de tudo. O que não podemos é ser racistas, homofóbicos, intolerantes, antidemocráticos ou manter qualquer forma de preconceito disfarçada de opinião. Alimentar o discurso de ódio contra as minorias, incitar a violência contra a mulher e/ou ao idoso, pedir a volta da Ditadura, espalhar Fake News, difamar e caluniar o outro, para além de ato desumano e repugnante, é criminoso.

É preciso “liberdade de pensar”, “liberdade de expressão”, “liberdade da escrita”, “liberdade da palavra”, acima de tudo, “liberdade para a diversidade e a pluralidade”. Liberdades são bases para as Democracias.

O poder dos livros infantis

Luciana Bessa

Muitos são os significados dos livros na minha vida. De acolhimento à libertação de crenças limitantes, esse objeto capaz de ter impresso em seu corpo palavras, constrói pontes, disseca corpos, aflora desejos e une humanos.

À princípio, os livros me trouxeram alento, porque na infância eu supunha ser sozinha no mundo. Depois, mostraram-me outros universos paralelos, lá, encontrei outros eu(s).

Ao descobrir que não estou (tão) só em uma sociedade que inverte valores, fragmenta sujeitos e apodrece relações, senti-me mais confiante para continuar palmilhando essa estrada pedregosa chamada vida.

Os livros, assim como as águas que descem da cachoeira, têm molhado uma existência marcada por (muitos) desencontros e (poucos) encontros. Se a “literatura é uma saúde”, os livros são o “remédio” para não se deixar despedaçar pela fragilidade das relações humanas.

O Pequeno Príncipe, por exemplo, de Antoine de Saint-Exupéry, ensinou-me dentre tantas coisas, que é possível chorar um pouco, “quando nos deixamos cativar”. Como cativar é andar de mãos dadas com o outro, enquanto caminhamos, derramamos lágrimas. São elas que molham o caminho e nos refrescam de um sol escaldante do Nordeste.

Estou falando isso tudo, porque me lembrei que, ontem, dia 18 de abril, foi o Dia Nacional do Livro Infantil, em alusão ao dia do nascimento do escritor Monteiro Lobato, considerado o pai da literatura brasileira.

É verdade que Lobato não escreveu somente para o público infantil,

mas o escrever para crianças o tornou conhecido nacionalmente. Suas personagens - Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa, Tia Anastácia e Dona Benta - embalsamaram gerações de anônimas como eu, e não anônimas, como Zélia Gattai, autora de mais quinze obras, dentre elas, **Jonas e a Sereia** (2000). As obras infantis lobatianas nos possibilitam penetrar no mundo da fantasia e do riso fazendo-nos revisitar memórias afetivas.

Um dia desses escutei que Monteiro Lobato era racista, portanto, sua obra deveria ser sumariamente censurada. Mas sou daquelas que compartilho, assim como o poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade, de que o escritor, assim como qualquer outro homem, não está imune de dizer bobagens e de se equivocar.

Quando isso acontece, cabe ao leitor, ou seja - eu e você - chamar o autor para o debate e para reflexão. Por isso, sugiro que, enquanto Júlio Verne faz sua **Viagem ao Centro da Terra**, que possamos dialogar com o passado e construir um presente ético e justo, nos aventurar no interior de nós, exalando luz e calor a almas escuras e frias, para lembrar a poesia de Guilherme de Almeida.

Dívidas Literárias: em homenagem a Nilton Maciel

Ivan Melo

Adoro filmes sobre a máfia, especialmente os ítalo-americanos. **Desafio no Bronx** é um deles. Nele, um garoto conquista a simpatia de um vizinho, um poderoso chefe da máfia instalada no bairro. O homem o “adota” dá-lhe emprego e proteção. Tudo, claro, a contragosto do pai, um honesto motorista de ônibus interpretado por Robert De Niro, o melhor de todos.

O homem da máfia passa ao menino lições de mundo que ele carregará por toda a vida. Certa vez, convence-o de que em vez de agredir, ele deveria se afastar de um mal pagador, um rapaz que criava mil artimanhas para não pagar sua dívida, uma pequena quantia que lhe devia.

Assim como a personagem velhaca da película, também tive algumas dívidas constrangedoras. Por bem, não eram dívidas pecuniárias, e sim literárias. Explico: eu devia a mim mesmo e a alguns autores – vivos ou mortos – a leitura de algumas obras literárias. Eu também me utilizava de diversas artimanhas para fugir dos credores – escritores (os vivos), alunos e outros que me perguntassem sobre tais livros.

Por anos tive uma dívida com Machado de Assis. Por vários anos lhe devi a leitura de **Quincas Borba**. Evitava comentá-lo, pois me envergonhava ter de usar frases feitas, clichês, para fingir conhecer a obra. Coisa típica de um falso leitor. Quando finalmente o li, lamentei muito por ter adiado tanto a leitura daquela obra-prima. Reli posteriormente e fiz, mais de uma vez, a releitura das teorias mirabolantes do filósofo maluco e seu alter-ego cachorro. Saldava assim minha dívida com o bruxo do Cosme Velho.

Bem diferente ocorreu com Euclides da Cunha. Cansado de fugir,

decidi um dia, em plenas férias de julho, encarar a leitura de sua principal obra. A empreitada estendeu-se por todos os dias daquele mês. Como um penitente em autoflagelo, entreguei-me à leitura de **Os Sertões**. Um desafio em cada uma de suas três partes. Com muita dificuldade venci **A terra**; depois, com menor sacrifício, concluí **O homem**. Quando cheguei à última etapa, **A luta**, por ser mais dinâmica, encontrei enfim, o prazer em ler e me redimi com o autor. A leitura me trouxe benefícios incalculáveis.

De todas as minhas dívidas de leitura, a mais constrangedora ocorreu com um escritor cearense ainda vivo à época. Ele acabava de voltar para a terra natal, disposto a morar novamente em nosso estado. Vi-o na tevê. Um dia, encontrei-o no lançamento de um livro de Amílcar Bettega, escritor gaúcho. Metido que sou, não procurei o astro da festa, e sim o meu conterrâneo que ali estava com uns livros à mão. Para mostrar que o conhecia, até mencionei um de seus primeiros escritos, **O cabra que virou bode**. Era Nilton Maciel, um excelente e prolífico escritor.

Recebeu-me com simpatia e respeito. Presenteou-me com um livro seu, **Os Luzeiros do mundo**. Tratou-me, na dedicatória, como “um contista em exercício”. Deu-me uma responsabilidade, pensei. Além da obrigação de ler seu livro antes que nos encontrássemos novamente.

Mas o homem era muito ativo, presente em todo evento literário na cidade. Encontrei-o no lançamento de uma revista literária que ele editava, a **Kaos portátil**. Eu não havia lido seu livro. Tentei me esconder, mas foi inútil. Cumprimentei-o e não se tocou no assunto. “Deve estar esperando a hora certa pra me fazer a cobrança”, pensei. A contragosto, fugi dali.

E vieram outros encontros. Ainda com alguns capítulos para finalizar a leitura, tinha sempre de criar artimanhas pra fugir de sua visão e da cobrança. Não queria decepcioná-lo, ainda mais depois que soube que o homem tinha fama de brabo.

Certa vez, numa Bienal do Livro, lá estava ele numa mesa redonda. Dois escritores, um editor e um quadrinista compunham a mesa. Sentei-me num ponto estrategicamente protegido de sua visão. Muitos adolescentes na plateia, ninguém lhe dirigia perguntas. Senão todas, a maioria destas versavam sobre o universo de Harry Potter, Homem Aranha ou mangá. Enfim um garoto dirige-se a Nilto Maciel e lhe pergunta de onde vêm suas ideias.

A resposta não poderia ser mais brusca. O escritor encara o rapaz com um olhar implacável feito uma arma de fogo. O garoto treme.

O senhor sisudo não mais olhou para a plateia, levantou-se em silêncio, recolheu todos os seus livros, acenou para seus amigos da mesa e simplesmente se retirou do evento. Com um sorriso tímido, um deles acalmou os demais: “Esse é o Nilto”. E continuaram o debate.

O pavor do garoto não foi maior que o meu, visto que meu delito era bem mais grave que uma pergunta batida. Eu tinha uma dívida literária com aquele senhor que caminhava furioso... em minha direção! Abaixei-me na cadeira, cobri o rosto com um livro. Escapei.

Saí dali decidido a dar cabo da leitura daquele livro. E não só o li. Fiz fichamento e resenha. Li ainda outro título e um artigo escrito por ele. Eu nada lhe devia enfim. Estava pronto para conversar com o autor, pois estava quitada minha dívida de leitor.

Mas o encontro não veio. Nem poderia mais ocorrer. Um dia seria surpreendido com a notícia triste de que nossa literatura havia perdido um de seus grandes nomes. O autor de obras incríveis como **A Rosa Gótica**, **A Leste da Morte** e muitas, mas muitas outras, fora encontrado morto em sua própria residência.

A quem possui leituras pendentes, sugiro que as faça, que não acumule dívidas literárias. Você sairá lucrando. Sugiro também que inclua autores cearenses em suas leituras. Conheça e valorize nossos excelentes autores a exemplo de Nilto Maciel.

É tempo de guerra

Alexandre Lucas

Quebrei o telhado para ver as estrelas. Deitada, deslizo o pensamento no azul dos céus, viajo até a praia deserta. Vejo-me cavalgando, suada e liberta. Morro de prazer. Volto para o meu café quente. Acordada, continuo olhando para estrelas.

O espaço é imenso, talvez menor que meus pensamentos. A casa está com o telhado aberto, pode chover a qualquer momento. Quero não pensar sobre isso. Vou olhar mais um pouco as estrelas, distantes são tão lindas e ao mesmo tempo solitárias.

Os pássaros ainda cantam na noite, no desconforto das gaiolas. Meu telhado aberto e eu sem saber voar. Sinto o cheiro do frio e me acolho com a toalha bordada com nome amor. A cama repleta de mim, guarda segredos. Estico o corpo, reviro as lembranças, desperto saudades e desencanaixo vontades. Durmo.

O sol clareia. Já é outro dia, as estrelas já não podem ser vistas. O telhado aberto fica na espera. Saio apressada, talvez, hoje, tenha sorte e esbarre no carinho me abraçando, mas a rua está uma confusão o desentendimento e o desamor estão em liberdade.

Ela existe

Alexandre Lucas

Xela é uma das dessas incompreensões que estão na nossa trivialidade. É desacerto. É rosário de contas doloridas. É chá, café e fogo. É contradição. É mastigado de interrogações. É um monte de gente. É dança, pacto de esperança. É à beira da morte.

É uma linguagem curta, crua e forte. Pouco açúcar. É panfleto, manifesto, desaforo. É purpurina. É retalhos de Frida e Maiakovski.

Redemoinho, fragmento e lamento. Xela é o bolo que acabou, a casa vazia, o terremoto na barriga. O silêncio gritante, a roseira vermelha e o Diário de Anne.

É uma tempestade de palavras vomitadas. A escrita fisgada da varanda e do intestino. É ventre parido da realidade. Hora e outra é possível tropeçar na poesia e se deparar com muro pichado.

A quem diga que Xela não existe, mas seus rastros estão mais vivos que a sua imaginação.

Ela se esfregava

Alexandre Lucas

Passava três horas no banho, tinha apenas cinco anos e a cabeça marcada por enlilhados e lapadas. Era a preta, mesmo ninguém a vendo como a preta, preta. Se esfregava para ver se largava sua cor. Todos eram brancos, brancos, ela nasceu mais escurinha, se achava a patinha feia e gorda.

Esfregava-se forte e desesperada, tinha fé que era sujeira. Fizeram acreditar que ela estava mudando de cor.

Queria parecer ser mesmo com a mãe. Tomou banho de talco e foi desfilar na casa, crente que estava fazendo o papel de réplica matriarca. Serviu de riso e se desmanchou em soluços e lágrimas. Naquele momento sentiu o abraço aconchegante da mãe, mas ao mesmo tempo insuficiente. Depois do choro continuou se sentindo a maior pessoa: preta, gorda e amaldiçoada.

“Sua preta” “você está engordando de novo” eram chicotes que os açoitavam dentro da sua senzala, chamada família.

Então é Natal e o que você fez?...

Amigo, eu me desesperei!

Shirley Pinheiro

“Sei que não é possível dizer todas as coisas
Nesse feliz ano novo que a gente ganhou
Mas só falta algum tempo para 1-9-8-4
Agora estou em paz: o que eu temia chegou”
(Clamor no Deserto, Belchior, 1977).

Sei que assim falando você pode pensar que esse desespero é moda em 2023 e sim, ando mesmo descontente e, desesperadamente, gritei em português, em inglês e, se soubesse, gritaria até em tailandês, mas meu vocabulário nessa língua se resume aos nomes dos poucos personagens e atores dos BLs e GLs que assisto e que aprendi. 2023 foi duro, meu amigo, mas o que posso dizer é que, aos trancos e barrancos (e desesperos), nós sobrevivemos e a que custo, não é mesmo? E eis que chegam às vésperas de natal e não consigo deixar de fazer uma retrospectiva de tudo o que aconteceu durante o ano.

E a primeira coisa que fiz foi tentar adjetivá-lo. Foi bom? Foi ruim? Foi especial? Ou foi trágico? A verdade é que foi tudo isso, um pouco mais e um pouco menos, repleto de noites regadas a lágrimas, orações não terminadas e roupas cheias de pelos de gatos. Acho que o mais correto seria dizer que 2023 foi “um ano” (ponto final).

E quanta coisa pode acontecer em 365 dias, não é mesmo?

Bom, finalmente fiz vinte e cinco anos. Um quarto de século. E estou oficialmente mais perto dos trinta do que dos vinte, o que acho extremamente charmoso, ainda que essa sociedade patriarcal insista em me dizer que envelhecer não é uma coisa boa (para nós mulheres)

e que, na verdade, eu deveria estar reclamando disso nas redes sociais. Infelizmente essa opção não estará sendo cumprida, porque pouca coisa no mundo é mais atraente do que uma mulher madura e esse é o meu objetivo de vida (fora que agora posso dizer, à palo seco, que tenho vinte e cinco anos de sonho e de sangue e de América do Sul).

E ter vinte e cinco anos não mudou absolutamente nada na minha vida. Na prática, é só um número. Eu ainda moro com meus pais, eu ainda estou solteira, eu ainda não bebo, eu ainda tenho certeza que não vou ter filhos, eu ainda tenho minhas crises de ansiedade, geralmente pelos mesmos motivos... A única coisa que eu não sou mais aos vinte e cinco, é estudante de Letras na Urca, porque, em esse ano, eu finalmente apresentei minha monografia (mas isso eu deveria ter feito aos vinte e três).

Falando nisso, estou aterrorizada pelos encantos e desencantos de ser uma pessoa graduada nos dias de hoje (eu nem tenho mais direito a uma cela especial, se for presa, porque, em março, o STF derrubou esse benefício). É a primeira vez na minha vida que não sou aluna de uma instituição de ensino e, como uma pessoa que grita aos quatro cantos que a única coisa que sabe fazer (que preste) da vida é estudar, eu nunca me senti tão desterritorializada, fora as incertezas do futuro (mas isso vou deixar pro ano que vem).

Ainda em 2023, eu conheci a Beata Maria de Araújo e mais uma causa para militar. Você, leitor de Juazeiro do Norte, sabe quem é a Santa Beata e sabe que foi graças a ela que Juazeiro se tornou o que é hoje? Perseguida pela Igreja Católica e um símbolo subversivo da religião popular, Maria de Araújo foi apagada das memórias do povo juazeirense. E é por ela que meu coração selvagem bate toda vez que digo que vou fazer História (e eu vou).

Acho que é seguro dizer também que esse ano, eu me encantei um pouco pelo Padre Cícero. Pra ser sincera, nos últimos meses, minhas crenças se tornaram algo muito singular. De certa forma, minha espiritualidade e o que eu acredito se adaptam às minhas necessidades e ao ser humano que sou. Eu finalmente entendi que Deus não é aquele cara das religiões que não sigo, Deus é a resposta para a qual eu não sei a pergunta e a certeza das dúvidas que me cercam. A concepção de Deus que criei não me julga e nem me condiciona ao conceito de "pecado". E é isso (quem achar ruim, sinto muito, mas eu não me importo). E como Deus

não trabalha só, eis aqui, uma lista dos santos e orixás a quem recorri em 2023: Padim Ciço; a Santa Beata; Exú; Iansã; Jesus Cristo; Nossa Senhora das Graças e Maria Bethânia (amém e axé).

Esse ano eu me despedicei. Mas sendo bem sincera, mesmo estando à margem o tempo inteiro, até que eu acho que fui bem. Sobrevivi, né? Acho que 2023 vai ficar marcado como o ano que eu precisava viver. Eu precisava conhecer as pessoas que conheci, me despedir das que me despedi. Precisava das experiências que vivi, das madrugadas fora de casa, dos gatos que adotei. Eu aprendi a tomar café e fiquei encantada! E, o que eu considero mais importante, eu aprendi a me virar sozinha.

E, como diz Pitty, “a sustentação é que amanhã já vem”. 2024 bate à nossa porta já com uma longa bagagem de medo, mas pelo menos Lula é o presidente.

Éramos cinco

Tay Oliveira

Éramos cinco. Uma mesa, seis cadeiras, cinco lugares ocupados, e a sexta que sobrava era do bichano peludo cheio de preguiça.

Uma mesa, cinco pratos postos, cinco copos cheios, e cinco sorrisos se cruzando em gargalhadas estridentes. Uma história muitas vezes contada: a viagem ao Paraguai, o cabaré de Estelita de mi corazón. Sempre recebido por um: bienvenido brasileño hombre, ¿qué tal un poco de la caña? A mesma história, os mesmos ouvidos atentos e as mesmas risadas sinceras.

Na sala, eram dois sofás, cinco lugares, dois exclusivamente de um dos cinco que estava sempre ali naquele mesmo cantinho. A televisão no mesmo canal, mesmo volume, mesmo que em minutos fosse trocada por uma cochilada aqui e outra ali. Cinco pessoas em um só lugar.

Às vezes eram duas, ou uma em lugares diferentes, mas no final do dia eram sempre os cinco. Era um lar feliz, habitado por cinco pessoas também felizes.

No momento que os cinco se separavam, um deles estava junto de um dos quatros, e assim eram todos os dias.

No passeio ou na volta da escola, onde um dos cinco estava acompanhando um outro dos quatro daquele grupo, era construído boas memórias, onde um dos cinco, segurado na pequena mão de um dos quatro, passavam pelo prédio onde havia uma cascata, abaixava-se com aquela serenidade de sempre, enchia a mão de água e dizia: tá bem geladinha, passa na testa pra esfriar o calor. Nesse momento eram apenas dois, mas

chegando em casa eram cinco novamente, e todo sorriso se misturava a muitos dedos de prosa de tudo que tinha acontecido no decorrer do dia. Nas festas de família, uma casa de cinco, tornava-se uma casa de muitos. E um dos cinco divertia os convidados com suas dancinhas malucas, seu violão desafinado, e sua voz cansada, repetindo várias vezes o mesmo tom, até acertar o som. Quando tudo acabava, todos iam embora, e restavam apenas os mesmo cinco, cansados, mas felizes e agradecidos por reunir sempre uma grande família.

Éramos cinco.

Hoje somos apenas quatro. A mesa de seis lugares, agora com dois lugares vazios, uma ainda ocupada pelo bichano peludo com a mesma preguiça de sempre. A louça do almoço, quatro. Sorrisos já não haviam. Olhos baixos, se negando a olhar para aquela cadeira vazia. Silêncio misturado em lágrimas, pois só restava uma história, aquela mesma velha história de sempre, na lembrança de cada um. Na sala, lugares sobram, a televisão sempre desligada. Já não havia mais vontade de sentar por lá.

A mãozinha que segurava a mão de um dos cinco, na volta da escola, já segurava outra mão. Até a cascata do prédio, com a água geladinha, parecia não ter mais graça alguma. E o sol forte fazia com que os passos se apressassem para não dar tempo de os olhos marejarem.

As festas de família já não haviam mais, já não havia mais a dancinha, já não havia mais o som desafinado do violão velho, já não havia mais nada para comemorar, pois a grande família havia diminuído.

Éramos cinco, éramos ímpares e não pensávamos em virar número par.

Mas um foi cedo demais.

Quatro mentes cheias de lembranças e uma saudade imensurável do tempo em que éramos cinco.

Ao meu pai.

Escuto absurdos

Alexandre Lucas

Tento escrever. As palavras pulam e me desequilibro. Ainda não são sete horas da manhã. O café está pronto desde às cinco e as palavras sacodem como açoites. Fecho todas as janelas e portas, mas mesmo assim, as palavras me invadem. Fico parado, tentando escutar absurdos. Os absurdos não param.

Já não escuto a voz da criança. A mãe impera, possivelmente solitária, cansada, transtornada e cheia de feridas das vielas estreitas em que a alma passa se rasgando. Só escuto a mãe.

A mãe prossegue. Ouço alguns soluços. A metralhadora dispara: Você vai apanhar, sua lesada, deixa de ser sebosa.

Saio sem tomar café. Entalado, vomito esse texto.

Eu ainda não sei o que sinto

Tay Oliveira

Eu ainda não sei o que sinto
Mas toda manhã eu penso em você
O sorriso bobo
Aquela mão, linda mão, a me tocar
Eu ainda não sei o que sinto
As músicas que me oferece
Que me aquecem
O olhar meio perdido
E o jeito envergonhado de ser
Me fazem toda hora pensar em você
Eu ainda não sei o que sinto
Mas teu beijo
Meloso, de quem pede pra te amar
Teu sorriso de ladinho ao me beijar
Devagar, mas caloroso
Fico sempre a lembrar
Eu ainda não sei o que sinto
Mas suas histórias mal contadas
Coisas bobas que me fazem rir
Planos para um futuro tão bem planejado
Que me faz também querer sonhar
Eu ainda não sei o que sinto
Teu olho fechadinho
Que consigo ver brilhar
A paz que ele me passa

Sentimentos que ainda não sei decifrar
Eu ainda não sei o que sinto
Mas fecho os olhos e escolho um refrão
Aquele que me faz te lembrar
“Não consigo dizer se é bom ou mal
Assim como o ar me parece vital
Onde quer que eu vá,
o que quer que eu faça
Sem você não tem graça”
Eu ainda não sei o que sinto
Se eu disser de certeza, eu minto.
Mas por não saber o que eu verdadeiramente sinto
Eu me permito sentir, aquilo que sinto.

Eu não sou flor

Alexandre Lucas

Floresça! Era o nome bordado no bastidor, ao lado da imagem de uma mulher segurando um coração exposto e um ramalhete de flores. Uma manta cobria seus cabelos. Olhos claros, olhar sério desses que impõem medo, mesmo sendo pintura.

Tentava escrever um monte de palavras para não passar despercebida. Aquela mulher do quadro não parava de me olhar, como se tivesse vida.

A palavra floresça parecia se juntar aquele quadro, apesar de não fazerem parte da mesma composição. Mesmo estando aparentemente tudo parado, tinha certeza de que estávamos em movimento e transformação: eu, o quadro e a palavra.

Floresça mais parecia uma receita pronta, vendida nos consultórios de felicidade. Hoje é comum vender frases como remédios para curar toda e qualquer enfermidade. Basta crer, que se cura, já desconfio.

Acendo um cigarro, a fumaça polui meus pulmões, reduz o ar, mata lentamente a natureza. Iludo-me com a falsa sensação de liberdade. Estou preso ao quadro, ao bordado e aos contextos. Nunca fui ilha e mesmo as ilhas se ligam ao seu entorno.

Saio da sala. Deixo a mulher, o bastidor com o bordado e um monte de palavras. Talvez seja lida, descoberta e julgada. Vou carregando as coisas, os lugares, as ideias e refazendo os olhares.

Faz frio entre as fogueiras

Alexandre Lucas

Seguro uma bandeja de choro. As nossas lágrimas foram ensinadas. Por perto tantas primaveras e o medo de se perder entre as flores. Continuo sendo a Frida: sofrida, rebelde e cheia de desejos. Tem horas que abro varanda para se encantar com a brisa, mas logo saio temendo os redemoinhos.

Caminho sonolenta, cabelos esvoaçantes, cheia de entrelinhas, olhos profundos como o mar, talvez sendo miragem no asfalto do meu coração. Estou sendo dura comigo, talvez para não ser explosão, decepção, ilusão, tenho que sair desta rima. Dar a reviravolta, cambalhotear nas nuvens, sentir a eletricidade e os choques de alegria. Acorda Frida, dorme Frida!

Reage! Dizem os meus instintos mais humanos, mas minhas razões emotivas tripudiam. A contradição é o traçado do tempero humano.

No ônibus, a mulher de preto do meu lado, conversa com as palavras, desconheço a Timbaúba dos seus problemas. Seguimos lado a lado e separadas. Fico em silêncio, pensamentos em tumulto.

Desço mais uma parada. Já não sei qual a limitação. Faz calor. Lembro do azul que tecia tua pele no último encontro. Molho-me de mim, encharcada de prazer penso no futuro.

Felinos em festa

Dark Ferreira

Fazia pouco tempo que eu havia me mudado para a nova casa. Ela ficava em um trecho vizinho, na mesma cidade e bairro. Só mudava o sossego. Lá era calmo e sossegado, o que era perfeito para quem como eu, precisava desesperadamente de um pouco de paz.

Mas, para minha surpresa, descobri que minha rua tinha gatos. Muitos gatos. Eu não sou do tipo que odeia felinos, muito pelo contrário, acho os bichinhos fofos e curiosos. Mas quando digo ter muitos gatos na rua, quero dizer muitos mesmos. Gatos em todos os cantos, em todas as ruas, em cima dos carros, embaixo dos carros, cruzando a rua. Tinha hora que eu me sentia em um documentário sobre felinos urbanos.

Tudo ia bem até que chegou à noite. Eu estava cansada, pronta para pegar no sono, quando começou aquele barulho no telhado. Eram passos pesados, como se alguém tivesse invadido minha casa. Eu quase pulei da cama, pronta para chamar a polícia. Mas, depois de alguns minutos, percebi que não era nada de preocupante: eram só os gatos.

Na verdade, descobri que a rua inteira parecia ser uma farra felina durante a noite. Eles subiam nos telhados, corriam pelos quintais e lutavam pelo território. Eu tentava dormir com tampões de ouvido, mas nada parecia funcionar. Era o tipo de barulho difícil de ignorar depois de algumas horas.

Comecei a suspeitar que os gatos estavam tramando alguma coisa. Talvez fosse uma conspiração para me deixar maluca. Eu já tinha visto aqueles bichanos trocando olhares suspeitos enquanto se reuniam em

bando no fim da rua.

Mas eu não ia me entregar tão fácil. Eu estava determinada a derrotar aqueles gatos e retomar minha noite de sono. Comprei alguns brinquedinhos para gato e rações. Sem esquecer de cumprimentá-los, me tornei uma defensora felina. Eu conversava com eles, e eles pareciam gostar da minha energia.

E acredite ou não, as coisas melhoraram. Os gatos pararam de fazer tanto barulho, e eu até comecei a gostar mais deles. Afinal, quem precisa de inimigos quando se tem gatos como amigos? Mas é claro que vez ou outra eu ainda preciso dormir com tampões de ouvido. Afinal, o hábito de fazer festa no telhado à noite parece ser difícil de largar.

Futebol é coisa de mulher!

Shirley Pinheiro

“Tá na hora tem copa do mundo pra gente jogar
E nossa seleção feminina vai representar
Tá na hora de a gente se unir, de torcer e cantar numa única só voz
Que é pra nossas meninas trazerem a tão esperada estrela pra nós”
(Gabi Fernandes – Meninas de Ouro)

Hoje, finalmente, a Seleção Brasileira estreou na Copa do Mundo Feminina da FIFA. E o resultado, contra o Panamá, como já era esperado, foi positivo para nossas jogadoras. Com um time totalmente focado, preparado, estruturado e, principalmente, decidido a trazer a primeira vitória do Mundial para o Brasil, a Seleção, esse ano, tem um desejo especial, dar o título de campeã do mundo à sua maior estrela, aquela que, orgulhosamente, chamamos de “Rainha”, a Marta.

Aos 37 anos, nossa Rainha protagoniza agora sua *last dance*, a última dança. Isso porque Marta, que participa do seu sexto mundial, já deixou claro que este é o último de sua carreira como jogadora. E ela não esconde o desejo de se tornar campeã do mundo, título, até então, inédito para o Brasil.

No entanto, a alagoana de Dois Riachos, eleita seis vezes a maior jogadora do mundo pela FIFA e maior artilheira das Copas do Mundo (masculina e feminina), até agora com 17 gols, não quer ser lembrada apenas pelos seus gols, sua maneira de jogar ou suas conquistas dentro de campo. Marta, que também é Embaixadora Global da ONU Mulheres, pelas meninas e mulheres no esporte e Defensora dos Objetivos de

Desenvolvimento Sustentável pela ONU, destaca a importância de sua luta pela igualdade e pelo respeito no futebol. “Eu espero que as pessoas lembrem de mim como uma atleta que lutou tanto dentro de campo, quanto fora de campo também”.

E eu tomo liberdade para falar por todos os amantes do futebol feminino e dizer que, sim, Marta, nós lembraremos de você por toda a sua excelência como atleta, mulher, inspiração e resistência.

Mas, parafraseando nossa Rainha (sim, eu adoro chamá-la assim), esta Copa não é sobre ela. “Não é só a Marta. Nunca foi só a Marta. E nunca será só a Marta”. É sobre todas as meninas (Bárbara, Antônia, Kathleen, Rafa, Luana, Tamires, Andressa Alves, Ana Vitória, Debinha, Adriana, Letícia, Bruninha, Lauren, Duda Sampaio, Bia Zaneratto, Ary Borges, Geysel, Monica, Kerolin, Camila, Gabi Nunes, Angelina, Tainara, Aline e Marta). É também sobre as atletas dessa geração, das que virão e das anteriores, porque, se hoje a gente sonha com o título e com um espaço mais igualitário no esporte, décadas atrás a luta era pelo direito de jogar.

Isso porque, durante seu governo, o então presidente Getúlio Vargas decretou a proibição da prática futebolística pelas mulheres. O esporte, considerado violento demais para elas, capaz de “afetar, seriamente, o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ‘ser mãe’”. Assim, em 14 de abril de 1941, foi instituído o Decreto-Lei (3.199, art. 54), que dizia: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Estava proibido, então, não apenas o futebol, mas qualquer esporte considerado masculino.

Foram necessárias quatro décadas de luta e resistência para revogação da lei. Nesse meio tempo, as mulheres continuaram jogando futebol de forma clandestina.

Mas a revogação da lei não garantiu as boas condições da prática de futebol pelas mulheres. Ao contrário, os espólios dessa época ainda estão refletidos (negativamente) nos dias atuais. O preconceito, a discriminação e desvalorização das atletas brasileiras ainda são extremamente

recorrentes. E, se em 2023 nos revoltamos com as injustiças sofridas pelas meninas, esse sentimento se intensifica ao pensar que em 1983, ano em que as mulheres conquistaram o direito de jogar futebol, utilizar estádios e ensinar o esporte em escolas, elas não recebiam qualquer estímulo dos clubes e federações para tal.

Mas, tão grande quanto a revolta, é a emoção ao assistir às conquistas das jogadoras. Ainda que seja o básico, ver as atletas uniformizadas, dentro e fora do campo e lembrar que, em 1988, a Seleção Brasileira usava as sobras das roupas da delegação masculina para competir no **Women's International Tournament**, é, no mínimo, emocionante.

A Copa do Mundo da Austrália e Nova Zelândia é um sopro de esperança, não só para a conquista do título pela nossa Seleção, mas também pelas conquistas oriundas da luta pela equidade de gênero no esporte. Com 32 equipes na disputa, essa já é a maior Copa na história do futebol feminino. Outro recorde da competição é o número de integrantes que se identificam abertamente como parte da comunidade LGBTQIAPN+, sendo o Brasil a encabeçar essa lista, com nove atletas publicamente assumidas lésbicas ou bissexuais, incluindo a técnica Pia Sundhage.

O futebol feminino é uma luta que não se restringe somente ao campo. É uma luta que se alia às causas de gênero, raça e sexualidade. Onde, cada conquista reflete em sociedade.

Mas, apesar de tudo, ainda há um longo caminho a ser trilhado por todos envolvidos no futebol feminino. “Chorem no começo para sorrir no fim”, disse Marta em 2019, quando o Brasil foi eliminado da Copa da França. Hoje, enquanto assistia à goleada de 4x0 da Seleção Brasileira sobre o Panamá, eu chorei do início ao fim. Chorei quando tocaram o Hino; chorei em cada gol da Ary Borges e da Bia Zaneratto; chorei com as comemorações de Pia e chorei com a entrada da Rainha no segundo tempo. Mas as lágrimas de hoje foram de pura alegria. O contentamento inexplicável de acordar cedo (ou nem dormir) e assistir a uma bela partida de futebol, com atletas talentosas, que encantam, acima de tudo, pelo companheirismo e humildade. “São as meninas de ouro/ Nosso país já sentiu/ Que vai ter Copa do Mundo/ Obrigada por tudo/ Boa sorte, Brasil”!

Hoje é dia de me rasgar

Alexandre Lucas

Hoje quero me rasgar todo em silêncio. Fechei as portas para não ser incomodado, já que tenho muito incômodo acumulado. Decreei luto na varanda, por lá se encontra um banco vazio, boldo que não serve para minhas dores de barriga e minhas roseiras, algumas com botões, todas com espinhos. A taróloga não entende minha dor, logo ela, que sentiu minha língua navegando no seu corpo e a angústia de sua partida. Disse logo: E eu sou obrigada a adivinhar? Até posso ver nas cartas. Escolha o método de atendimento: Uma pergunta, sete reais, duas perguntas doze reais, três perguntas, vinte reais, trinta minutos, cinquenta reais e uma hora, cem reais. Dispensei os seus serviços sem palavras. As únicas cartas que acredito que ainda são cartas de amor, porque são exageradamente verdadeiras de mentiras.

É sábado, parece que os sábados são dias de se rasgar, pelo menos os meus. Já perdi o ar, senti terremotos na barriga, os pensamentos já foram mais velozes que a luz, fiz-me mar e parei no hospital. Parece que os sábados ficaram intrigados e inimigos, mas já tive sábado com chá e bolo, pipoca e filme, pedaladas, abraços, beijos, óleos, suores e cantos gemidos.

Por aqui vejo a poesia instalada, poderia descrever cada uma, sem simetrias. Na verdade, o caos está cheio de poesia. A poesia é como amor cheia de poucas previsões, transbordante de contradições e marcada por assimetrias. Desacredito daquele amor profanado pelas receitas mercadológicas dos *coaches*. Hoje quero mesmo é me rasgar e saber que o amor é isso também, já que ele é conceito indefinido, é como trem em Minas Gerais, é quase tudo.

Dane-se as boas intenções e as vibrações positivas, hoje é sábado, dia de luto, resguardo da morte, mas a morte é sempre viva. dor que vai e volta. Volta quando não se queria perder. São raras as mortes bem morridas e bem queridas, elas existem, sem falso moralismo, quem nunca desejou a morte do opressor? Sorria, isso é desejo coletivo e incubado, pouco se fala.

Por esse instante quero me rasgar e salgar meu couro nas minhas lágrimas. Não aceito me proibirem de ser emocionado, vou me rasgar mesmo, costurar todinho, ficar cheios de marcas e de certezas e talvez me rasgue de novo com fúria e angústia. Amanhã é domingo, ainda não sei se é dia de me rasgar, pretendo preparar o almoço e comer poesia, como faço todos os domingos.

Julgada

Alexandre Lucas

O corpo estava desenhado de dor, camuflado entre terra e mato, a pele parecia brotar do chão, a tatuagem dava nome: cova rasa. Era o suficiente saber disso para revirar os olhos, coçar a cabeça e remoer o estômago.

Para alguns isso não era satisfatório, se fazia necessário panfletar a brutalidade, como se estivesse espalhando flores.

Não era cinema com violência, mas a violência sem dramaturgia. A mão na cabeça já não pedia consciência. Os gritos desesperados para parar aumentavam a dosagem de selvageria. A faca fez vala como se fizesse rede de pesca.

Na arena romana, a festa se fazia da morte dos bichos. Na arena de hoje, os bichos estão salvos, com algumas exceções. O tribunal da morte dava a sua sentença acompanhado de aplausos e filmagens.

A vida é real, apesar das ilusões que nos jogam para arena das flores artificiais e dos leões famintos. Seus olhos estão fechados: ela foi julgada infinitas vezes, nunca escutada. Agora é tarde. Corpos não brotam da terra.

Karma

Micael Sousa

Um sorriso perfeito
Um sonho planejado
Haveria de dar certo
Mas o destino é malvado
Me fez conhecer o Karma
Que eu precisei pagar
E não deu certo
Pra variar

Lágrimas de amor

Emanuel Wilecy

Eu amo quando você se importa comigo
Quando me olha
Se fico perto de você fico todo bobinho
Quero muito a sua felicidade
De um jeito ou de outro
Essa é a mais pura verdade
Com seu sorriso lindo, seu jeito brincalhão
Quando estou perto de você
Desce lágrimas no meu coração
Lágrimas de não poder te ter
De não poder estar com você.

Liberdade Ltda

Fabiano Santiago Lopes

A liberdade de expressão é direito constitucional
Desde que não lhe prejudique e não lhe faça mal
E o que te digo pode não te parecer natural
Mas eu te afirmo: ela não é irracional.
Eu só queria que você pudesse entender,
Caindo as escamas dos seus olhos, compreender.
Eu queria com palavras poder expressar,
Esse sentimento, que para muitos passa despercebido,
Mas é como um mau cheiro que exala no ar.
Este mundo está completamente contaminado,
Todo ambiente é um verdadeiro campo minado.
E não é exagero da minha parte, ou alienação,
Mais um poeta pessimista com mania de perseguição?
Não é não, meu irmão. Acredite ou não.
Não há verdade absoluta....
Acredite, então, é só mais uma opinião?
Fica a seu critério, fico meio aéreo é um mistério.
E bem que eu queria que fosse assim;
Imagino o que seria o mundo perfeito pra mim;
Teria que ter justiça e igualdade, nessa atualidade.
Ver pessoas contentes, felizes com sua liberdade,
Mas o que existe é violência em toda cidade.
Acreditar na utopia de um mundo doce assim
Mas não passa de conveniência pra mim.
Ver as crianças brincando na praça, sem ameaça;

Delas serem raptadas, violentadas e muitas vezes sacrificadas.
Ah! Se eu pudesse ver, diria pra você:
Um mundo onde homens e mulheres pudessem viver,
com igualdade de direitos, é o que deveria ser.
Sem feminicídio, sem ódio e sem intolerância,
Aos idosos o cuidado e a importância.
Mas o que vemos é um reino de muita ganância.
Políticos, polícia e juízes muita corrupção.
Alguns acreditam que estamos num estado crescente de evolução!
Pelo contrário, irmão!
Não estamos nessa ótica, nessa visão,
A verdade é que estamos em regressão.
Vários países e nações, visão geopolítica,
Vários indícios, a tendência é desportista.
A cada dia perdemos mais um pouco de liberdade,
Causando em nós a patologia da ansiedade.
A possível chegada de uma nova guerra,
Mundo globalizado todo em chamas: nova era.
O pior cego é aquele que não quer ver
Precisa está cara a cara com o diabo, pra você crer?
Procurar a salvação só cabe a você,
A porta ainda tá aberta, corra depressa!
Porque um dia o inevitável: ela se fecha.

A Literatura Fantástica de Murilo Rubião

Luciana Bessa

O gosto pelas narrativas insólitas é tão antigo quanto a própria humanidade. Mesmo quando o homem não dominava essa técnica, tampouco a escrita, ele possuía a arte de contar histórias e, assim, muitas foram criadas, imaginadas e passadas de geração em geração. Há uma névoa que envolve o surgimento do fantástico, que ao longo dos séculos tem sido enriquecido pelo clima de mistério, de misticismo pelas criaturas mitológicas, pela ficção científica, sobretudo os estados de espírito do homem que tem se modificado ao longo das décadas. É importante frisar que esse tipo de literatura sempre esteve relacionada aos elementos simbólicos que envolvem o homem e o espaço no qual ele está inserido.

O que vem a ser a literatura fantástica? Nesse tipo de texto, ocorre um evento sobrenatural em meio a um cenário familiar e verossímil. A vida cotidiana ocorre na sua normalidade, quando de repente algo inusitado e extraordinário acontece colocando as personagens em um impasse racional. A partir deste instante, elaboram-se conjecturas racionais para explicar um evento irracional que nunca chega a ser comprovado. Em outras palavras, na narrativa fantástica as personagens encontram-se um permanente estado de incerteza diante de fenômenos meta-empíricos que cruzam suas vidas.

O mineiro Murilo Eugênio Rubião fez a opção pelo fantástico a partir da herança de suas intermináveis leituras de infância: contos de fadas, **Dom Quixote** e **Mil e uma Noites**. Em suas entrevistas ele costumava afirmar que era um sujeito que acreditava no que estava para além da rotina. Não se espantava com o sobrenatural, tampouco com o mágico. Acreditava no mistério das coisas.

Sua estreia na literatura deu-se anos antes do “boom da literatura latino-americana”, fenômeno dos anos 60. A obra intitulou-se **O Ex-Mágico** (1947). Em nossas letras, apenas em 1959 outro expoente do gênero fantástico aparecerá – trata-se do goiano José J. Veiga com a obra **Os Cavalinhos Platiplanto** (1959).

A obra muriliana, desconhecida do grande público por aproximadamente três décadas, saiu do limbo com a reedição do seu livro **O Pirotécnico Zacarias** (1974). Na atualidade, com o apogeu do gênero fantástico através das letras hispano-americanas – é o caso de Gabriel García Márquez, Borges, Cortázar – e, no Brasil, Lygia Fagundes Telles e Moacyr Scliar – é um dos autores mais referenciados dessa seara.

Influenciado por Machado de Assis e de estilo preciso, Rubião é um escritor que caminha por regiões que oscilam entre a fantasia e a realidade. Clara, objetiva e precisa é a escrita de Murilo Rubião – um mágico que trabalha, paulatinamente, a linguagem para criar enredos desconcertantes capazes de levar o leitor a questionar o que é possível e o que não é possível.

De modo geral, as narrativas insólitas fazem parte da vida do homem desde a Antiguidade e o põe em contato com um mundo desconhecido, inverossímil e irreal. Trata-se de uma forma de confrontá-lo com acontecimentos e medos que estão dentro de si, mas adormecidos. O fantástico, mais do que uma leitura de entretenimento, é um artifício para tratar dos problemas da nossa sociedade.

Maio, um mês com muitas reflexões e encontros

Luciana Bessa

Na semana passada, escrevi um texto para essa coluna intitulado: **Maio, um mês com muitas reflexões**, em que abordava o Dia do Trabalhador e destacava o papel de dois trabalhadores em especial: o escritor e as mães. O primeiro, um lapidador de palavras. As segundas, de pessoas.

Mas assim como mudam-se os tempos e as vontades, também se mudam os nomes dos textos. Por isso, na condição de autora, vou renomeá-lo: **Maio, um mês com muitas reflexões e encontros**.

Justifico. Essa semana fui à Missão Velha acompanhar, de última hora, o projeto **Andanças PET Biblio**, da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Esperava conhecer a Biblioteca Pública do município, mas encontrei algo ainda mais grandioso: o projeto União Popular pela Vida (UPPV), Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos, fundado no dia 23 de março de 1988, coordenado, atualmente, por um ex-aluno, Raimundo Inaldo Alves Araújo.

A UPPV, em parceria com a Sociedade de Assistência à Criança (SOAF), ao longo de trinta e cinco anos, vem desenvolvendo ações socioculturais e educativas junto às crianças, adolescentes, jovens e adultos com a missão de contribuir não só em minimizar a pobreza, e os problemas que permeiam a localidade, mas, sobretudo, forjar sujeitos críticos, participativos, éticos, que lutam pela construção de uma sociedade mais equitativa.

Ao longo de sua existência foram muitas ações desenvolvidas pela UPPV, como o **Projeto Som & Tom**, **Projeto Acorde e Acordes** (desenvolvimento de potencialidades locais), **Projeto Capoeira pela vida**

(valorização do sujeito e construção da cidadania), **Projeto Escola Cultural de Dança Popular** (fortalecendo a cultura popular), **Espaços formativos** (ambiente para oficinas com crianças e suas famílias), **Brinquedoteca** (espaço lúdico), **Projeto Biblioteca Caminhante** (incentivo à leitura e a formação de novos leitores), com onze Grupos de Leitura.

Para chegar à Biblioteca da instituição é preciso passar por um portal para se ter acesso a mais de três mil livros, que podem ser registrados no **Passaporte da Leitura**, documento em que é possível anotar as viagens por cada uma das obras lidas.

A leitura nada mais é do que uma viagem que fazemos por um mundo concebido por um escritor / uma escritora. Nele conhecemos personagens capazes de nos despertar as mais diferentes sensações e percepções. Ainda é possível entrar em contato com sua cultura, seus usos e costumes.

É preciso salientar que a Biblioteca da UPPV, para além de fazer empréstimos de livros, realiza rodas de leitura e contação de história. É um espaço de acolhimento aos que chegam em busca de conhecimentos e aventuras, bate-papo para os que gostam de prostrar, troca de experiências para os que decidem compartilhar leituras.

O ato de ler possibilita-nos uma voz mais sábia e revestida de legitimidade diante de nossos pares. Fruto dessas leituras dos missãovelhenses nasceu o livro colaborativo **Minhas Memórias: Missão Velha** (2021), fruto da Lei Aldir Blanc, em que trinta cidadãos (as): simples, anônimos (as) e conhecidos (as), trouxeram à tona suas memórias sobre pessoas já falecidas que marcaram suas vidas.

Maio é um desses meses de reflexões e encontros. A UPPV é um desses projetos que eu gostaria que se multiplicasse em cada um dos vinte e oito municípios do Cariri. Raimundo Inaldo Alves Araújo é uma dessas pessoas que nos fazem acreditar no poder de transformação social por meio da Educação e da Cultura. E você, leitor, também acredita? Então, venha conhecer o trabalho do [@uppvmissaovelha](https://www.instagram.com/uppvmissaovelha).

Resident Evil 4 Remake: um relato nostálgico de um nordestinado gamer

Hemerson Soares da Silva

Meu primeiro contato com jogos eletrônicos foi aos meus sete anos de idade, nessa época o aparelho mais acessível para crianças da minha região era ter um minigame, aqueles aparelhos pequenos de mão que lembravam o gameboy e que inclui o famoso jogo Tetris. Contudo, só aos treze anos de idade tive acesso aos jogos eletrônicos da era 3D quando me contagiei com o meu primeiro computador, momento este que também abriu um mundo de possibilidades em minha vida, mas que deixarei para falar em outra oportunidade. Não me recordo qual foi meu primeiro jogo que tive contato, porém, um dos meus primeiros jogos memoráveis foram Grand The Auto Vice City, e um pouquinho mais tarde: Resident Evil 4 (no Japão seu título original é Biohazard 4) que foi lançado em 2005.

Conheci Resident Evil 4 (2005) já na minha adolescência, provavelmente tinha quinze ou dezesseis anos, mas me recordo bem das primeiras sensações que tive nos meus primeiros minutos de gameplay. O enredo e ambientação do jogo te insere em algum lugar desconhecido da Espanha em busca da filha sequestrada do presidente dos Estados Unidos, Ashley Graham. Nesse cenário, jogamos com o personagem Leon S. Kenedy, um ex-policia (mas agora como um agente incrivelmente treinado e que trabalha diretamente para o mais alto escalão do governo) que busca encontrar pistas da referida garota desaparecida. Ao longo da história, nosso personagem Leon adentra em uma aldeia onde seus moradores agem e vivem de uma maneira totalmente desumana.

Mais tarde, Leon descobre que as pessoas daquele lugar foram infectadas por um organismo fossilizado (isso mesmo) chamado de Las Plagas, que se tratam de parasitas que controlam as mentes dos aldeões.

Em resumo, Leon encontra Ashley em cativeiro e, para salvá-la, ele precisa enfrentar diversas criaturas horrorosas e que desafiam as leis biológicas do universo. Inclusive dentre tais criaturas, jamais vou me esquecer da primeira vez que vi o Regenerator, uma criatura que ‘incentivou’ muitos gamers (incluindo a mim) a desligarem seu jogo ou, no mínimo, a terem grandes sustos e momentos de pura tensão.

Sendo assim, o jogo tem um toque de survival horror mesclado com ação. Então é natural durante o gameplay passarmos por situações tensas lidando com diversos inimigos.

Sem dúvidas esse jogo marcou minha adolescência e, por isso, acreditava que nenhum outro jogo da franquia iria ser tão bom quanto este, porém, passados nove anos a desenvolvedora Capcom nos surpreendeu anunciando o remarco dessa imensa obra. E nesse sentido, lançou no dia 24 de março de 2023, o Resident Evil 4 Remake (2023). Isso mesmo, assim como já ocorreu com outros jogos, filmes, séries e novelas, o jogo foi reimaginado e adaptado para as tecnologias atuais. Para mim e outros jogadores certamente foi a realização de um grande sonho.

Ao abrir o game, que adquirir para o meu Xbox Series S, minha sensação ao ver aquele menu foi nostalgia pura. E mais nostalgia ainda é rever as três grandes áreas do game: o vilarejo, o castelo e a ilha. As referidas áreas tiveram suas essências conservadas, isto é, a arquitetura das construções, a distribuição geográfica dos elementos, o clima e os efeitos sonoros estão fiéis ao jogo original.

Em relação aos personagens, a maioria foi representada de forma fiel também, porém, devo destacar que suas personalidades foram mais trabalhadas; o Leon continua aquele agente confiante, mas agora menos intolerante diante de alguns inimigos do game; a Ashley agora é uma mulher mais madura e independente, ajudando o próprio Leon em diversos momentos; o Luis tem mais história, uma das mudanças mais notáveis foi o envolvimento do personagem com a Umbrella (empresa farmacêutica utilizada como fachada para desenvolvimento de armas biológicas); Ada, ainda indiferente com o Leon, no entanto ela o ajuda diversas vezes no desenrolar da história; por fim, destaco também o Jack Krauser, que dessa vez temos a grande surpresa de descobrir que este foi o mentor do nosso querido personagem Leon.

Em relação aos chefões, destaco que de maneira geral todos sofreram alterações em suas personalidades. No remake, dessa vez eles são apresentados para o jogador como seres mais 'devotos' do Las Plagas que controlam suas mentes. No que concerne ao seu aspecto físico, na maioria dos personagens foi mantido, contudo, Ramón Salazar foi nos apresentado sem seu icônico chapéu que nos remete ao imperador francês Napoleão Bonaparte (pelo menos para mim). Por fim, gostaria de pontuar que o personagem Osmund Saddler teve profusas mudanças, sendo um personagem que interage menos com o Leon, entretanto, ficou ainda mais frio.

Eu poderia falar de muitos outros aspectos que envolvem o game, porém, vou parar por aqui. Quero finalizar recomendando que se você não jogou ainda, vale muito a pena conhecer essa grande obra, inclusive até o dia de publicação desta resenha eu estava ainda jogando desde o lançamento (sua característica de replay foi conservada e aprimorada). Ah, resalto que além de jogos, a franquia também está disponível em livros, séries e filmes que valem muito a pena conferir.

Referências

RESIDENT Evil 4: remake. Japão: Capcom, 23 mar. 2023. 1 jogo eletrônico. Disponível em: <https://www.residentevil.com/re4/pt-br/>. Acesso em: 9 ago. 2023.

RESIDENT Evil 4. Japão: Capcom, 11 jan. 2005. 1 jogo eletrônico. Disponível em: <https://game.capcom.com/residentevil/en/>. Acesso em: 9 ago. 2023.

Chá inventado

Alexandre Lucas

A panela velha virou um jarro, plantei boldo para dias de dor de barriga. Confesso que esqueço de colocar água, mas ele é resistente: cresce rápido. Na escola usamos chá de boldo para todas as insatisfações: dor de cabeça, cólica, ansiedade, gases, inchaço e até raiva. Acredito que o boldo não seja milagroso, talvez ele seja uma espécie de mentira e crença para disfarçar o problema real. A gente inventa que ele serve para muita coisa e as pessoas acreditam. Quando não conseguimos explicar a realidade, a partir da ciência, inventamos outras formas para entender a nossa relação com o mundo. A gente inventa histórias e vai dando esqueleto e musculatura para as ideias.

A gente precisa acreditar em alguma coisa. Tem gente que acredita em rochas mágicas, na lua e nas estrelas, no amor eterno e que a terra é plana. Outras pessoas acreditam na capacidade humana de fazer revolução e na ciência como fio condutor de uma determinada verdade, mas existem também aquelas que misturam tudo. Eu tenho as minhas crenças humanas, mas quando tenho medo me vejo enrolado aos céus e aperreando aos deuses e deusas.

Outro dia, quando as casas ainda eram nas cavernas e o machado não existia, a pedra servia para ajudar a vida, era uma das maiores tecnologias. A tecnologia mudou bastante, naquele tempo não tinha ciência, mas hoje já tem, mesmo assim, nem tudo é possível de ser explicado, ou a gente ainda não se apropriou de tudo, mas acho que nem seria possível, cada cabeça carrega um universo inteirinho.

Enquanto falo de ciência, lembro que já ouvi falar que o amor é carregado

de química. Deve existir uma química para o boldo crescer e para gestar um humano. A gente se prende muito a aparência das coisas. O mais importante é complexo de compreender: a essência é sempre mais profunda.

Fiquei imaginando agora, como seria extremamente brochante, racionalizar e descrever o tesão no pleno voo dos desejos, quando o corpo já não responde a razão e aos pudores. Dizem que Carlos Drummond de Andrade já escreveu poesias eróticas e fui verificar: acho que ele aprendeu a fazer amor num laboratório enfadonho, silencioso e com cara de enterro. Seus poemas não levantam nenhuma esperança.

A panela velha continua abraçando o boldo e acolhendo suas raízes, mas não é para vida toda, mas pelo menos, esse instante é de acomodação, enquanto isso, revejo fotos de paisagens acabadas, aliás transformadas. Guardo os olhos famintos e o beijo molhado que fez cair as panelas e a razão. Escondo segredos inventados.

Bem vendido

Alexandre Lucas

O supermercado do amor está em alta. Na esquina a mulher oferece flores. No balcão da loja, a vitrine das joias douradas está mais brilhante. Os manequins ficam paralelos, expondo as roupas do momento. A farmácia vende suas sobrevivências para reduzir os impactos do amor, isso porque, o amor: acelera, agita, retarda, alucina, enlouquece, prolifera e destroça caminhos. O amor é comprado como as flores da sala que nunca murcham, mas é um perigo dizer isso em tempo que ainda se acredita no amor.

Já sei, para você o amor nunca foi comprado e isso não faz sentido nenhum. O amor é dúvida, quase sempre discórdia. Já imagino você imaginando: dois corpos, uma cachoeira, o beijo molhado e o pensamento eternidade. O sonho acabou. O amor é tudo isso também, a gente acredita sempre, principalmente quando ele está distante, tipo ao alcance da imaginação.

Pessimismo é algo que não combina com o amor, mas espera aí: de qual amor estamos falando, do meu ou do seu? Dizem que o amor é algo repetido, deve ser por isso que cansa.

Outro dia me deparei com a foto de Maria, feliz na coluna social, no dia seguinte, ela aparecia suja, roxa e morta nas páginas policiais. O amor disse que foi por amor e lamentava a ausência do amor. Não entendo, mas diz que é amor.

Agorinha mesmo estou no açougue, escolhendo as carnes, já que não é possível escolher o amor, mas carne e amor têm tudo haver. No Dia dos Namorados, não sei se terei amor ou carne, a única certeza que tenho é que o amor será bem vendido.

Martelo quebrado

Alexandre Lucas

Acordei cedo, mas nem fiz a ginástica matinal, como é de costume. O corpo estava meio parado, a mente estava acelerada, mas o martelo estava batido.

Dormi sem calcinha e despertei árida de desejos, sem vontade alguma. Tenho muitos livros para ler e ainda sobra outros para escrever: uma coisa não impede a outra. O dia foi agitado, as costas parecem amassadas, sentei apenas uma vez para almoçar e foi rápido, nem tive tempo de mastigar.

Sentada. Resolvi tomar café para observar a rua, depois de desistir de outras vontades. Não tive fôlego. Enfim, sou a única chateada comigo, pelo menos hoje.

A vendedora da padaria esboça cansaço. Verifica as unhas e vasculha com os olhos o chão. Aguarda terminar o expediente. O café esfriou. Já é tarde, amanhã acordo cedo, durmo nua e escrevo versos todos os dias diferentes.

Meus amigos

Micael Sousa

Não sou triste, tenho amigos
Que são amigos
Tão amigos quanto abrigos
Que me trazem boas novas
E dissipam as ruins
É assim
Eu por eles
Eles por mim

Não sou triste, tenho amigos
Amigos que são cativantes
Almas esperançosas
Diferentes e vibrantes
Já não choro como ontem
Nem reclamo com antes

Mulheres (Dádiva)

Francisco Joherbete

Preconceito com mulher é besteira
Tem pessoas que age de tal maneira
Mas não sabem da vida dessas guerreiras
Elas são batalhadoras e fortes
Merecem respeito nesta estrada
Por isso não tenha preconceito
Para que as mulheres continuem na caminhada
Para que elas vivam com sorriso e orgulho no peito

Música brasileira

Maria Novais Miranda Neta

Me encanta a complexidade dos Chorinhos,
notas, acordes, escalas e arranjos,
uma história contada através de melodias.
Pixinguinha que o diga,
o homem mais carinhoso que o Brasil já viu!

O som da Bossa Nova,
como eu amo.
Um abraço em forma de música.
As declarações mais verdadeiras,
o sentimento na sua forma pura.
A genuína forma de amar de Vinícius e Tom.

A Música Popular Brasileira,
a "Fascinação" na voz mais sentimental,
obrigada, Elis.
Amores e dores, alegrias e revoltas,
o jeito mais brasileiro de ser.
Milton, Caetano, Gal, Chico, Bethânia...

O rock à brasileira,
aqui quem manda é a rainha,
com seu cabelo vermelho e óculos coloridos.
Rita, você fez muita gente feliz!

Samba, cavaquinho e pandeiro.
Uma constante sintonia,
pés, mãos e todo gingado “made in” Brasil!
Não se preocupe Alcione, a gente não vai deixar o samba morrer!
Cuida Adoniran, o trem sai às onze.

Carimbó, a cultura do Norte.
Indígena, africana e europeia,
tudo junto e misturado.
Longas saias e muita dança no pé.
Dona Odete não deixa ninguém parado.

O baião mais gostoso de se dançar,
Luiz e seu som inconfundível.
Pernambuco e Ceará, sem briga.
O baião está na mesa e o terreiro preparado para o luar no sertão.

Dominguinhos, “onde está você?”
Prepara o fole,
hoje vai ser “fórró de cabo a rabo”!
Quem sabe seu xodó não está
“numa sala de reboco”?
“Isso aqui tá bom demais”.
Isso aqui é Nordeste!

Presente nos quatro cantos deste país,
o sertanejo é uma mistura,
sofrência, euforia e amores.
As mulheres dominaram o mercado,
que era predominante masculino.
Marília, seremos sempre seus súditos,
nossa eterna rainha!

Do Pernambuco para o mundo.
O carnaval sem Frevo não existe!
Cores, alegria e dança elaborada,
tornam as ruas de Olinda ainda mais graciosas.
Elba Ramalho e seu Frevo mulher!

E é só o começo,
eu precisaria de mais, mais e mais espaço
para conseguir descrever todos os gêneros musicais brasileiros.
Se tem uma coisa que o brasileiro é bom,
é em fazer música!

Precisamos parar com a complexo de vira-lata,
e reconhecer a aquarela musical que temos
“meu Brasil, brasileiro!”
Uma fonte inesgotável de maravilhas!

Nada é de graça

Alexandre Lucas

Trânsito gasguito, veloz e impaciente. Segunda-feira. A velha com cara de maracujá bom para suco estava parada no entremeio da calçada e do asfalto. Trêmula de idade. Segurava em cada uma de suas mãos três quilos de açúcar. Precisava atravessar, seguir caminho.

Já estava atrasada. Acordei cedo, mas tinha meu mundo para ajeitar. Nem percebi se o café estava quente ou frio, engoli com um pedaço de pão em dois piscados de olhos. Passos largos, corrida contra mim mesma, tinha que chegar em algum canto, talvez numa repartição de encurtamento da idade.

Tive que parar. Podia seguir, mas resolvi desacelerar. Olhei para aquela senhorinha cheias de valas do tempo no rosto. Carregada de açúcar encolhendo o seu tamanho. Atravessar era o nosso caminho. Segurei o seu braço com delicadeza necessária e com a outra mão acenei como se dissesse: pare, estamos passando. Passamos.

Soltei o braço. A senhorinha soltou por alguns segundos os seus sacos com açúcar. Passou a mão na testa. Olhou para cima, como se estivesse procurando algo no céu. Pegou suas sacolas e seguiu com seus passos lentos e calados.

Eu, continuei. Agora indignada. Os passos apressados como de costume. A senhorinha, cara de maracujá murcho, foi imprevisível, saiu comendo palavras. Nenhum obrigado, nenhum abano de sorriso. Nada é de graça, nada.

No bolso da cabeça

Alexandre Lucas

A estrada arrasta lembranças. O Sol castiga a pele e desorienta a paciência. O amor não ficou em casa, veio no bolso da cabeça. Trago na calça algumas moedas para o café quente.

O bêbado estende a mão e a caatinga tentando esquecer o amanhã. No banco mastiga a língua e olha serenamente para tarde de poucos risos. Recebe moedas jurando comprar açúcar. Tomo café, enquanto observo as chegadas e as saídas. O cansaço decora os rostos, as malas parecem pesar, nunca é só uma mala.

Três dedos de cachaça, não tinha açúcar, o bêbado faz careta. Olha para os lados, mas não encontra caminhos.

A senhora do café exhibe seu sorriso com dentes postiços: são os únicos que ela tem. Peço mais um café. O bêbado recebe mais algumas moedas e sai do banco com destino desorientado.

O bêbado se aproxima e diz: “a qualquer tempo a gente está aqui”. Sinto-me embriagado e já não sei que horas o ônibus chega.

Talvez o ônibus não chegue.

O coração foi consumido

Alexandre Lucas

Comi o coração sem pressa e no exercício da fome. Bebi da lua e do desequilíbrio da noite em goles gelados. Embriagado fiz do profano, o sagrado. Subir aos céus em mastro firme. Toquei as estrelas e escorreguei na boca.

Taquei fogo na noite. Fui comido pelo coração. Toquei tambor e devo ter gritado os versos mais sacanas. A madrugada não era para ser guardiã do silêncio. A carne foi socada, prensada, roçada, mordida, avermelhada, erguida, acarinhada, desenhada, cheirada, beijada, sentida.

As erupções, os tremores, os rios efêmeros e as paisagens corporais se refizeram como versos selvagens costuradas com lãs. A cada instante se consumia forme e prazer sem sobras para o dia seguinte.

Manhã. O caldo reforçava a gentileza da carne e a liberdade ensaiava voos.

O diário da rua

Alexandre Lucas

Água de coco, suco de cajá, café, mistura da tarde. Pernas cruzadas. Praça. Leio um diário, comicamente dolorido, entre uma página e outra, bisbilhotando a vida alheia. Anônimos e conhecidos passam.

Poderia ler no sossego de casa, prefiro a rua. Sinto-me acompanhada pelo menos de distrações. Consigo devorar mais páginas, parece contraditório, mas apenas serve para constatar que não existe uma forma única para encarar a realidade, ainda bem.

Leio mais um pouco. A dona do diário reclama da convivência e do enclausuramento. Todos socados em uma mesma casa, sem poder sair, os nervos pincelados com ácido.

Na rua visualizo outros diários. As pessoas não se percebem, saem escrevendo parte do seu dia. O homem sentado no banco da praça não consegue controlar suas mãos que passeiam e apalpam as pernas da negra, seu olhar de quero mais é indisfarçável. A professora passa discretamente e olha cambaleando para o moço da mesa. A vizinha liga para a amiga e conversa sem segredos, a praça toda escuta.

Fecho o diário. Pago a conta e vou escrevendo outras páginas.

O escritor e o público

Luciana Bessa

Para a existência de um texto ou de uma obra literária, pressupõe-se necessariamente alguém, um indivíduo, diante de uma folha em branco, com uma pena na mão, ou em tempos de modernidade líquida, na frente do computador, na tentativa de traduzir, em palavras, o que se passa em seu interior.

Eis o escritor. Para isso faz-se necessário que ele ou ela - Clarice Lispector dizia que ao escrever não era homem nem mulher - seja imbuído de competência, domínio da técnica, capacidade imaginativa e criadora, inspiração e talento capazes de produzir obras que atravessem séculos e permanecem imortalizadas no âmago do leitor e do público.

Às vezes, eu costumo imaginar os escritores como antigos navegantes indo em busca de aventura em altos mares. Eles se arriscariam no reino das insubmissas palavras e as encontrariam sob as mais diferentes cores e formatos e tamanhos. Com elas, conviveriam por certo tempo na tentativa de aprender suas fases camaleônicas.

Esse período de convivência seria fundamental para composição de suas emaranhadas narrativas que, mais tarde, seriam apresentadas ao público. O escritor escreve para ser lido, para ser debatido, para ser questionado, para levar o público à reflexão, para causar prazer, gerar pontes e, em muitos casos, para retratar as mazelas sociais. Escrever sob a perspectiva social, para imitá-la ou negá-la, é um método de que se vale o escritor para aproximar a Literatura da realidade circundante. Afinal, estamos falando de alguém que desempenha um papel social.

E quem legitima a obra literária? O público-leitor. O que seria da Literatura, dos autores, de suas criações e criaturas, se não houvesse um público-leitor? A própria existência da Literatura ficaria comprometida, porque não há arte sem público. Os autores produziram suas obras e essas ficariam esquecidas nas prateleiras ou no fundo de uma gaveta. O livro fechado é como uma casa sem dono. Não apresenta importância nem “utilidade”.

Cada vez, leitor, que estiver diante de um livro saiba que tens à sua frente um desafio e um convite ao mundo das insubmissas palavras. É preciso desvendá-las, já que a leitura pressupõe uma recepção. É justamente o leitor quem assume a função de validá-la.

O escritor exala experiências, valores e desejos. O maior deles é ser lido. Ele espera que a sua criação seja habitada pela presença de um público-leitor. Ele precisa se fazer ouvir. Ele almeja se ver estudado.

O livro sempre é enriquecido pelo público-leitor, porque cada vez que ele o lê, um novo fato é descoberto, um mistério é desvendado. É como se as palavras apresentassem novas conotações, outras roupagens. A leitura e a interpretação nunca são as mesmas. Por isso, “um texto sem leitor é um não texto”. Quer agradar um escritor? Leia-o.

O fruto continua proibido

Alexandre Lucas

Está proibido manifestar o desejo. Se tranque em infinitos segredos. Se tranque. Murcha me recolhi, na sala do desespero, sem nenhum gole de água. Tenho que negar tudo, ser aprendiz de mentirosa, já que não quero ser aprendiz de feiticeira. Sou bicha, animalesca por natureza, humana pelas circunstâncias. Posta no mundo, cheia de gente e coisas, em movimento e, eu rodando, mesmo sentadinha na cadeira só observando.

Tirar-me o desejo é negar minha existência. É assaltar sonhos, bombardear a verdade, é louvar a hipocrisia. Calamos e matamos todos os dias os nossos suspiros. Enterramos sem cerimônias os nossos tumultos.

Amo, mesmo desconhecendo essa engenharia sempre inacabada e sem manual, faltosa de parafusos e comandadas por deuses e demônios. Ensinaram-me desde cedo a ser embrulhadora de sentimentos. Sou curiosa, gosto de desembrulhar, sentir a descoberta.

Já acreditei ser possível amar uma única pessoa por vez. Tola. Amei mais de um, desejei vários. Aprendi certo porque me ensinaram errado. Senti-me culpada.

A verdade ainda é um fruto proibido.

O grito se fez pó

Alexandre Lucas

Passei horas escrevendo, fiquei despida, tirei cada palavra que escondia minhas cicatrizes e as feridas abertas, ainda tinha sangue fresco. Desenhei, no meio do papel, um olho; na mesa tinha um copo de vidro cheio de água para acalmar meu corpo trêmulo e minha respiração ofegante. Deram-me dez bolachas, já que não quis almoçar, não comi nenhuma, as formigas é que aproveitaram.

Somente nós, eu, nua diante papel e ele suportando minhas vestes e o peso imensurável das palavras. Ele sabia os meus segredos, as minhas dores encobertas. O simples papel virou meu confidente. Sabia da profundidade e de cada detalhe dos vulcões e dos terremotos que gritavam dentro de mim. Conseguia fazê-lo sentir o brilho do meu olhar, quando era festa ou inundação. Escrevi sobre o meu primeiro amor e a entrega sangrada que era para ser de prazer, sobre a espera do pão que nunca chegou e das lâminas que retalharam a minha alma no céu e no carnaval. Sobre a fúria que destroça a razão e a fragilidade que se ergue diante do medo. Não deixei escapar nada, tudo foi dito, melhor dizendo, escrito. O papel foi o guardião das minhas confissões.

Mas naquele dia o destino não seria outro. Após me ler dez mil vezes, assassinei meu confidente. Amassei, rasguei para não ser remendado e queimei para que as cinzas se escondessem na paisagem e assim me visto sobre as minhas gritarias. As amigas acreditam na minha plenitude, talvez seja, por enxergarem a minha maquiagem quase perfeita.

O homem de blusão preto

Alexandre Lucas

Estava ali pensando no ovo, triângulo, bola, basquete, vôlei e tantas outras coisas que apareceram justamente naquele momento. Olhar atento, na verdade, perdido no horizonte. Minha mão em silêncio, apalpava o seu corpo numa massagem lenta, como se tivesse cuidado com as feridas abertas que só a alma podia enxergar. Ele se mantinha em águas salgadas, corpo encolhido, cabeça em direção aos pés, enquanto, firme, acolhia o seu corpo e passeava minhas mãos. Sua cabeça próxima aos meus seios era apenas almofada para amortecer a sua dor.

Passamos a manhã juntos. Poucas palavras, o silêncio já falava demais. A sala estava movimentada, hora e outra chegava alguém. Ele nem bebeu a água açucarada no copo de alumínio. Apenas, abraçava sem saber os motivos do seu desmanche. Abraçava, massageava e não pedia explicações. O silêncio fazia oração, dizem que orar é ato silencioso. Não queria atrapalhar.

Depois, estava em casa, sem saber o que era aquilo. Era tanto silêncio que sai perturbada. Abri as janelas para entrar luz e vento. Fiquei pensando como ele estava, só sei que não estava mais no mesmo lugar. Fui escutar Maria Bethânia sua “carta de amor” dizendo “Não mexe comigo que eu não ando só”.

O meu valor importa?

Kassya Luiza Ribeiro Romão

Cansei de esperar alguém com a resposta
Que vá me libertar

Talvez eu precise
Os laços desatar
E só lutar por algo
Que vá me amparar

O olhar do artista

Luciana Bessa

Na produção de uma pintura, de uma escultura, ou de um texto, o olhar do artista é essencial para o processo de criação. Talvez esse seja um motivo pelo qual o olhar seja conhecido como a “janela da alma”.

Quando nossos olhos encontram, além de pedras, outros olhos em seu caminho, eis um momento único, pois é chegada a hora de nos despirmos das máscaras que usamos para nos proteger da sociedade.

É um momento único, regado de prazer e de perigo. Sim, o olhar é perigoso. Através dele passamos a conhecer a vida tal como ela se nos apresenta: caótica. Afinal, “viver ultrapassa qualquer entendimento”.

Os portugueses, ao chegarem ao Brasil, deram aos índios espelhos e, a partir de então, a ingenuidade indígena foi perdida. Quando o Senhor resolveu acabar com todos os pecados em Sodoma e Gomorra, fez uma única recomendação a Ló e a sua família: não olhar para trás. Pedido não cumprido por sua mulher, que foi transformada em uma estátua de sal. Narciso, ao olhar para sua própria imagem no lago, foi tragado por ela. Orfeu ao descer ao “Inferno”, para resgatar sua amada Eurídice, acabou perdendo-a pelo seu olhar. Édipo, ao descobrir que matou seu pai Laio e casou-se com sua mãe Jocasta, furou seus dois olhos, na esperança de não ver, com nitidez, o que não fora capaz de enxergar estando são. Ainda na mitologia, Perseu, para fugir das armadilhas de Medusa, fez com que ela olhasse para si mesma. Camões, embora cego de um olho (direito), enxergava profundamente a alma feminina.

O olhar é um dos poderosos sentidos do homem, porque seduz;

e, seduzindo, é capaz de devorar a alma humana. É também capaz de sinceridade, quando, olhos nos olhos, expomos nosso íntimo e vemos o do outro.

A obra de um artista é produto de seu olhar, seu talento e ideologia. Machado de Assis, autor de **Dom Casmurro** (1899), recriou em palavras, com precisão e perícia, a sociedade de seu tempo, além de personagens com “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (**Capitu**). A visão do **Bruxo do Cosme Velho** sobre seu tempo é irônica, mordaz, implacável e pessimista. A alma humana foi desvendada através de seu olhar. Por isso, é fundamental que os artistas olhem para todas as direções com extrema atenção, para conhecer profundamente a matéria que apresentarão ao seu leitor.

O artista é aquele que sente e transforma o que sente a partir de sua visão. Portanto, quando lemos uma obra, em prosa ou em verso, estamos diante do olhar de seu autor. Pelo olhar do artista, o mundo parece mais claro, porque ele procura tornar, os fatos invisíveis, visíveis aos nossos olhos.

É a visão a usurpadora dos mais recônditos segredos humanos, a responsável por trazê-los à tona. É por ela que as artes humanas são desenhadas aos nossos olhos, espelhos capazes de exteriorizar o nosso interior. Olhar é conexão. E você: o que tem olhado?

Estava pensando aqui no Dia do Professor

Luciana Bessa

A artista multifacetada Elza Soares em sua música, **A Carne**, expôs o que sabemos, mas em tempos como o nosso, o óbvio precisa ser dito: “A carne mais fresca do mercado é a carne negra”. Trata-se de uma crítica contundente aos descabros que a população negra sofreu/sofre em um país que insiste em negar que o racismo exista.

O mote usado por essa mulher de voz rouca, eleita na década de 90, pela Rádio BBC de Londres, como a cantora brasileira do milênio, foi semelhante ao usado pelo apresentador e jornalista Jô Soares para construir seu texto **O professor está sempre errado!**.

O autor de **O Xangô de Baker Street** (1995), livro que se transformou em filme no ano de 2001, vale-se de um tom irônico e crítico para dizer que “O material escolar mais barato que existe na praça é o professor!”. A explicação se fundamenta no projeto de imperfeição chamado raça humana, que reconhece o professor a partir de suas desvirtudes.

Ou seja, professor quando é jovem não ensina bem, porque é inexperiente, mas se não é jovem, está ultrapassado. Em uma sociedade etarista como a nossa, passou dos quarenta anos, pouco ou nada pode contribuir para a sociedade.

Se o professor fala alto com os estudantes, ele grita; mas se não fala alto, ninguém consegue escutá-lo. Caso alguém descubra o tom perfeito que o professor deveria usar em sala de aula com uns sessenta jovens, cujos hormônios fervem em seus corpos e que precisam ficar em média, cinco horas por dia entre quatro paredes, muitas vezes sem um ventilador, como é o caso de algumas escolas públicas, deveria patentear, ficar rico e difundir mundo afora essa descoberta. Admito: sou uma das profissionais

que já está na fila para comprar o “tom de voz adequado do professor”.

O texto de Jô continua questionando os métodos utilizados pelo professor: Se a prova é extensa, o estudante não consegue terminá-la em tempo hábil; mas se é curta, não dá chance para que ele possa mostrar seus conhecimentos. Caso resolva escrever, o profissional não terá tempo para explicar seus escritos; contudo, se optar por argumentar, o caderno dos alunos não terá nada escrito. E o pior: se dá muita matéria, não se importa com os aprendentes; porém, se diminui, não consegue prepará-los para o mercado de trabalho.

Brincar com a turma para descontraír, nem pensar. Não brincar, só mostra que é um profissional ensimesmado e preocupado com o conteúdo. Se resolve adotar uma linguagem jovem, não tem um bom vocabulário. Agora, se tem um bom vocabulário e resolve usá-lo, não passa de um pedante. Em resumo, Jô conclui: “o professor está sempre errado...” Mas, uma coisa é certa: **“Mas se você conseguiu ler até aqui, agradeça a ele!!!”**.

Confesso: sou uma professora que admira e agradece o trabalho desses profissionais, que gostam tanto de gente, que resolveram compartilhar seus conhecimentos com outras ‘gentes’, de todas as idades, de todos os credos e de todas as cores e todos os amores.

Infelizmente, nem tudo são flores. Na verdade, há bem mais espinhos na infinda sequência de etapas que um docente percorre ao longo da carreira. O que comemorar no Dia do Professor, quando não se tem apoio psicológico, quando não se tem condições adequadas para desempenhar suas funções, quando se tem uma rotina massacrante dentro e fora de sala de aula, não se tem salários e planos de cargo de carreira atraentes, afinal, professor “tem que trabalhar por amor”? Estou aqui na dúvida: E os outros profissionais? Amor paga os boletos no final do mês?

Enquanto o professor for tratado como o material mais barato da praça, estaremos contribuindo por uma Educação “Xoxa, capenga, manca, anêmica, frágil e inconsistente”, ocupando um lugar de vergonha entre os países avaliados pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA): “O Brasil ocupa o 53º lugar em educação, entre 65 países avaliados”.

Caso queiram mudar a Educação brasileira, fica a dica: não permita que o professor seja “o material mais barato da praça”. Valorize o professor!

O sangue veio

Alexandre Lucas

Ainda sangro todos os meses. Está escrito que foi castigo. Não me contento com isso. Não me contento com muita coisa e nem com pouca. Todo mundo tem um pouco de contestação. Sangrar é desconfortável, todo mês, escorre entre minhas pernas e molha minha mente de insatisfação. Esse sangue demonstra que estou viva. E a vida é isso: uma espécie de Yin Yang social. Não é linha reta, simetria, harmonia, paz, talvez seja uma busca constante e interminável disso. A vida é furação, talvez sangue por isso.

Sou furacão. Mentira que digo todos os dias, tem gente que acredita, eu mesma tento crê. Eu sangro. Choro dentro do banheiro, quando consigo engulo o choro, como escondo o sangue, mas eu vejo e não me acostumo com isso. Acho que sou uma mentirosa convicta dos meus sentimentos e já me adaptei a isso.

Hoje é dia de festa. Vestido longo, cara tapada de pó, batom para dizer que tenho lábios, brincos discretos e predominantemente brilhantes, olhos realçados de delicadeza e sorrisos improvisados de felicidade. Mais uma festa a ser encarada, uma aposta de que o amor vencerá a dúvida. Saio correndo, o sangue estava maior que o tempo de espera.

O singular ritmo de Anne

Dark Ferreira

Anne era uma menina diferente das outras crianças da sua idade. Enquanto elas corriam, falavam rápido e agiam como se o tempo fosse curto demais, ela caminhava devagar, apreciando cada momento e observando todos os detalhes ao seu redor.

Mas essa singularidade começou a preocupar sua mãe e sua professora, que viram que a lentidão de Anne podia prejudicá-la na escola e na vida. A professora pediu para a mãe prestar mais atenção no comportamento da menina e tentar entender o motivo daquela lentidão.

Foi então que a mãe de Anne perguntou a ela por que ela era tão devagar, e a menina respondeu com uma maturidade que impressionou a todos: “para que tanta pressa, mamãe? Eu gosto de sentir as coisas. O papai às vezes sai tão apressado para o trabalho que esquece do meu beijinho”.

Essa resposta fez a mãe e a professora de Anne olharem para a situação com outros olhos. Em vez de forçarem a menina a acelerar o passo, aprenderam a lidar com sua singularidade e a desenvolver o melhor dela.

Anne continuou sendo uma menina lenta, mas agora sua mãe e sua professora lhe davam mais tempo e espaço para absorver e aprender as coisas. Cada tarefa, cada aprendizado, cada momento era vivido com atenção e cuidado, sem pressa ou estresse.

E quem sabe um dia Anne pudesse ser uma poeta, uma escritora, uma cirurgiã... ou algo completamente diferente. O importante era que ela tinha consciência do seu ritmo singular e que não precisava seguir o ritmo dos outros para ser feliz e realizar seus sonhos.

O texto nosso de cada dia

Luciana Bessa

No universo acadêmico, texto é a moeda mais valiosa trocada entre professores e estudantes. No entanto, a amplitude de tal termo (prosa, verso, teatro, cinema, cumprimentos, diálogos, reportagens, entrevistas, até mesmo as placas de trânsito, faixas e outdoors são exemplos de textos) acaba por dificultar a sua definição, motivo por que nós, acadêmicos, trabalhamos na busca incessante de uma resposta. Será necessário, portanto, bom senso e reflexão por parte dos estudiosos, pois as palavras não permanecem estagnadas no tempo e no espaço. “Seus significados crescem e se multiplicam”.

Gosto especialmente dos textos líricos. Para isso, é preciso que o poeta abra as galerias de sua alma e transcreva para a folha em branco suas tristezas, angústias, sonhos, inquietações, dores e alegrias. Afinal, nem só de contrariedades vive o poeta. Aqui, o acontecimento exterior é apenas um pretexto para composição da poesia. Nesse tipo de texto, “não existe uma história para contar”, tampouco preocupação com personagens, tempo, espaço, ou o tom discursivo inerente aos textos dramáticos e narrativos.

Isso não significa dizer que o modo lírico não possa se manifestar em textos em prosa. **Iracema** (1865) - “a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira” - de José de Alencar, não me deixa mentir.

Também não significa dizer que a lírica também não possa contar uma história, como no poema **Caso do Vestido**, de Carlos Drummond de Andrade: “Nossa mãe, o que é aquele / vestido, naquele prego? / Minhas

filhas, é o vestido / de uma dona que passou. / Passou quando, nossa mãe? / Era nossa conhecida?...” Em 75 dísticos em redondilha maior, descobrimos por meio do diálogo entre mãe e filhas, a história-poética de um vestido que trouxe dores para uma família.

Já a narração nasceu com a criação do mundo e encontra-se imortalizada na Bíblia: “No princípio criou Deus os céus e a terra”. Desde então, no âmbito político, econômico e cultural, pressupõe-se a existência da narratividade. Parafraseando Descartes, penso, logo narro, de forma verbal (música, cinema) ou não-verbal (pintura, escultura, dança).

O texto narrativo é, por excelência, o divulgador dos fatos e personagens históricos. Romances como **Agosto**, de Rubem Fonseca; **Chão de Ferro**, de Pedro Nava; **Os Sertões**, de Euclides da Cunha são alguns exemplos da História transformados em ficção.

A especialidade da escritora cearense Ana Miranda, por exemplo, é escrever textos unindo o discurso histórico e o discurso poético. A ficção-histórica **Boca do Inferno** (1989), narra eventos da vida do poeta brasileiro Gregório de Matos e do orador português Padre Antônio Vieira, valeu-lhe o prêmio Jabuti, em 1990. Essa obra foi considerada pela crítica especializada como o iniciador do novo romance histórico brasileiro, marca da escritora, como em **Dias & Dias** (2002), **Semíramis** (2014), **Xica da Silva, a Cinderela Negra** (2016).

A Literatura, através de seus textos obras e autores, nos proporciona boas leituras, prazer e gozo aos sentidos e à sensibilidade humana.

Os conselhos de cultura e a democracia cultural

Alexandre Lucas

Os mecanismos de controle e participação social precisam ser revistos, como é o caso dos conselhos setoriais de cultura, popularmente conhecidos como Conselhos de Políticas Culturais. Essas instâncias jogam papel fundamental na democracia e na consolidação das políticas públicas e é uma conquista recente, fruto da luta dos movimentos sociais, iniciada antes mesmo da constituinte de 1988, mas é a partir dela que são criadas as condições políticas e jurídicas para institucionalização dos conselhos.

A luta pela democracia cultural perpassa o entendimento das lutas de classes, enquanto estrutura sistêmica marcada pela concentração e distribuição desigual da economia, o que gera inevitavelmente uma sociedade estratificada espacial, social e culturalmente. Neste sentido, a luta por democracia cultural se alinha concomitantemente ao processo de transformação da estrutura econômica e social. É diante deste contexto que os conselhos de políticas culturais atuam, ou seja, numa sociedade dividida em classes sociais distintas e antagônicas.

Reconhecer esse cenário é entender que os conselhos estão diante de um campo de disputa política e ideológica, não sendo zona de neutralidade. Essa dimensão política e de disputa é muitas vezes combatida com o discurso da imparcialidade e da pactuação, o que na maioria das vezes retira a autonomia e anula politicamente as representações da sociedade civil.

Os conselhos têm se tornado mecanismos de mera validação legal. Sendo criados por exigência jurídica, mas sem ter espaço para definir

os rumos da política pública. Alguns têm caráter deliberativo e outros consultivos, na maioria dos casos, mesmo os deliberativos não conseguem que os gestores cumpram as decisões oriundas dessas instâncias de controle e participação social.

Esses espaços devem continuar sendo ocupados como locais estratégicos dos movimentos sociais para ter incidência na definição das políticas públicas para cultura e ao mesmo tempo devem ser aprimorados no sentido de combater a política da lagartixa e da surdez, inclusive com mecanismos mais eficazes de responsabilização de gestores públicos que negligenciam deliberações das conferências, planos e conselhos de políticas culturais. Uma das alternativas, talvez seja, a vinculação direta das instâncias de controle e participação social ao poder judiciário.

Os conselhos devem ganhar uma nova roupagem jurídica na definição da política pública para romper com o atual modelo alegórico e outras formas de controle e participação social, devem ser inseridos no processo de pressão popular como é o caso dos fóruns, redes e os conselhos populares.

No campo da disputa política com recorte alinhado à classe trabalhadora, os conselhos setoriais devem ser compreendidos como peças da luta de classes sociais, espaço político defasado e limitado, mas existente e que se insere nas condições objetivas da luta das políticas públicas. Como não existe espaço vazio na política, ocupemos, ou ela será ocupada pelas forças atrasadas, conciliadoras ou que fazem a linha “sim, senhor”.

Democracia cultural para classe trabalhadora se faz combatendo o modelo de sociedade baseada na desigualdade econômica e social e os conselhos setoriais são parte desta luta.

Os pratos aguardam

Alexandre Lucas

Cercado de livros e caçando palavras. A ponta dos dedos acariciava as páginas como quem queria tocar os lábios, sentir a natureza da carne, desvendar o mistério, descascar as palavras para sentir a nudez passada na língua.

Os livros parecem que ganham saias, algumas justas, outras rodadas. Relaxa, não é sobre os livros, é sobre enigmas e as palavras que se conjugam. O doce que passa pela boca. A maciez da delicadeza. O sorriso que inunda os céus.

Calmas e inquietas, as palavras molham os desejos, tocam fogo na sensatez, transpiram, atravessam os corpos distantes, mordem os lábios. A palavra veste o pecado e se apropria do fruto proibido. Queima de prazer.

Tentação é a palavra despida nas entrelinhas dos limites. Vamos jogando as palavras como quem retira lentamente, cada peça do corpo, sem pressa, como se estivesse recompondo a pintura desgastada, retirando a sujeira do chão esquecido, dançando com os olhos e refazendo caminhos de suspiros.

Calma, ainda, são apenas as palavras gritando prazer, enquanto os pratos aguardam na pia o seu tempo.

Panorama

Fabiano Santiago Lopes

A luz do sol e seu brilho, calma aparente
Mas, minha alma inquieta, salta latente
Eu me pergunto: o que fazer da minha vida?
Conspiração nesse mundo, parece ser; causa perdida,
Aí me vem esse indiscansável Descontentamento. Crianças são
abusadas em vários lugares... Eu muito lamento,

Adolescentes e jovens se fecham em seu confinamento.
Não conseguem acompanhar esse brutal aceleração. Fazem
promessas que nunca vão cumprir, e aí?
Manipulados se enchem de lixo e
Entretenimento uma geração infeliz, mesmo
com tanta evolução
Parece que estamos esperando sentados na borda de um vulcão.
Prestes a regogitar e mostrar sua verdadeira intenção;

Essa é a missão premeditada do eterno vilão.
Fogo e enxofre, larva e fumaca, por onde passa
Causando morte e destruição, que desgraça
O que devo fazer? Para com empenho proteger
As pessoas que tanto amo, não posso esquecer
O que posso fazer por elas?
O que posso fazer por mim?
Se o eterno soberanamente quis assim.
A terra esta chegando no seu limite de depravação

A justiça divina exige justa punição.
Ele veio com graça, amor e ofereceu perdão
Mas o homem quis a degenerada devassidão
Preferiu às trevas em vez da luz,
Para isso se cumpriu a escritura, ele morreu na cruz
Tudo que Deus podia fazer ele fez pra te salvar
Mandou seu filho pra morrer de braços abertos, por te amar.

Pérola Negra

Francinilda Santiago Lopes

Catadora de papel, cor de pele preta, e preto foi o lugar onde viveu.

Amava escrever.

Reinventava na sua escrita.

Orgulho para as mulheres negra do Brasil.

Livre nas suas relações pessoais.

Insubstituível na favela Canindé.

Nunca desistiu de escrever mesmo quando não tinha caderno ou blocos de papéis.

Amorosa com a literatura.

Mulher guerreira, que enfrentou a miséria.

Ágil na produção da sua escrita.

Resistência é sua identidade.

Incomparável em sua história de vida.

Alto suficiente em seus projetos.

Divino foi seu relato em o quarto de despejo.

Excelência se percebia na sua escrita.

Jesus era seu sobrenome.

Especial na sua comunidade.

Surpreendente foi sua trajetória.

Única escritora negra a escrever em papéis encontrado no lixo.

Sim essa era **CAROLINA MARIA DE JESUS**.

Por mais investimento na Cultura do Crato

João Paulo DiCarvalho

Embora o município do Crato (CE) seja conhecido como a “Capital da Cultura” na prática, nos últimos sete anos, o setor cultural recebeu um investimento menor do que 1% do orçamento municipal. Por isso, artistas, professores, estudantes, especialmente, grupos da tradição, coletivos e os pontos de cultura lutam pela destinação de 2% do orçamento para cultura. O aumento do capital na Cultura é urgente.

Senhor prefeito do Crato,
Vereadoras, vereadores,
Num poema, para os senhores,
Sem rodeios e sem firulas,
Com um discurso aprumado,
Faço este requerimento:
2% do orçamento
Pedimos para a Cultura.

A arte não nasce do nada.
É inspiração mais talento,
Mas requer investimento
Para termos com fartura
E o artista mostrar as caras
E a arte ter vez, voz, fomento,
2% do orçamento
Pedimos para a Cultura.

Temos Banda Cabaçal,
Reisado, Manerio Pau
Dança, teatro, artesanal...
É uma lista que perdura,
Então não levem a mal,
Lembrem do requerimento:
2% do orçamento
Pedimos para a Cultura.

Este é um assunto importante,
Pois é fato comprovado,
Recursos à Arte não é gasto,
Mas uma boa semente
De um bom fruto não distante.
Repito a todo momento:
2% do orçamento,
Pedimos para a Cultura.

Por isso, senhor Prefeito,
Vereadoras, vereadores
Escutem esses clamores.
Nosso Cratinho de Açúcar
Precisa fazer bem feito
Para a Arte ter crescimento.
2% do orçamento
Pedimos para a Cultura.

Portas, flores e molotovs

Alexandre Lucas

Parei. Os carros se cruzam, levando destinos. São sete horas. Sete horas e uma escadaria. A menina apressada desce os degraus, ainda lembra de recolher flores, no pé da calçada que não anda. Desaparece, entra pela porta azul, lá dentro tem várias salas, todas podem ser prisão com requintes de tortura, mas tem momentos de sonhos e de voo.

Prisioneira ou voadora, já não sei, apenas vi a menina passando apressada e carregada com algumas flores, nada mais sei.

Tudo está em movimento: os carros, a menina e eu me achando parada no tempo. O horizonte é um redemoinho.

Ando. Os seios comprimidos pela censura. Vontade de picotar o sutiã e decretar a liberdade dos meus volumes. O salto alto me cansa, quero ter a altura das minhas utopias, mas o mercado sempre insiste com suas plataformas.

Anoto no caderno a lista de coisas que não se compra, mas parece que tudo está à venda: o terreno no céu, as bênçãos e a delicadeza da atendente da loja que usa o mesmo ritual para todas as clientes: o mesmo volume de sorrisos e as mesmas composições de palavras.

Agora sentada no pé da calçada que já não tem flores. Lembro-me da menina que não vejo sair pela porta azul e fico me perguntando se não existem outras portas.

Prestação de Contas

Luciana Bessa

Sempre quando chega o fim de um ano e o início de outro, fico me perguntando se tudo o que fiz foi suficiente. Sobreviver dia após dia, depois de oito horas de trabalho diários, pagamento de boletos, compras semanais no supermercado, afazeres domésticos, cuidados comigo e com o outro, cultivando a saudade da família que mora longe... isso seria suficiente?

Como mensurar nossos feitos diante de todos os imprevistos que a vida coloca em nossos caminhos? O ciclo acordar, trabalhar fora, trabalhar em casa, dormir e acordar me faz pensar que a vida é bem mais valorosa se você não se deixa ficar dentro das caixinhas. O padrão me é insuficiente.

Quando um ano se inicia, quero olhar para trás e ter certeza de que tudo o que fiz foi suficiente para que eu me sinta realizada. Quero sentir orgulho das minhas palavras, das minhas ações, das atividades que escolhi participar e daquelas que precisei recusar, pois não me representavam.

Quero olhar pelo retrovisor e sorrir diante das conquistas, especialmente, ficar em paz com o que não pude realizar, afinal, não tenho poderes (até gostaria, preciso confessar) sobre o Universo. Pelo contrário, todos os dias, ao dormir e acordar, peço que Ele me dê forças, paciência e sabedoria para não ficar parada diante das pedras no caminho.

Às vezes, penso que não peço corretamente, ou peço, mas diante de tantos outros pedidos, o Universo não me escuta, porque me sinto dolorida, quando vejo muitos com tão pouco, e poucos com muito.

Desejo fazer o básico, mas o básico me satisfaz! Preciso do que

está além. As leituras dos meus doze livros anualmente reforçam o meu desejo de que o necessário é insuficiente para uma vida inteira em contato com outras narrativas, outros personagens e autores. As oito discussões literárias, encontro mensais para dialogar sobre obras de mulheres da região Nordeste, amplificam meus conhecimentos sobre uma determinada obra e faz criar afinidade com a autora. Os textos semanais que escrevo para o jornal **Leia Sempre** me dão a oportunidade de aprimorar o meu processo de escrita. Os programas semanais da Rádio Cafundó, ao lado de outras mulheres, Shirley Pinheiro, Bruna Nergino e Letícia Isabelle, contribuem para que eu seja uma pessoa mais falante, mais descontraída, com mais vontade de propagar uma mensagem positiva diante de tanta negatividade a que somos expostos. O gerenciamento do Blog Literário: Nordestinados a Ler, projeto de cultura, me faz pensar que, de alguma forma, contribuo para que mulheres nordestinas não fiquem esquecidas diante de um cânone forjado de homens brancos do eixo Sul-Sudeste. As falas que sou convidada a fazer em eventos, me põem em contato com outras pessoas, e possibilitam que minhas palavras cheguem mais longe.

Gosto de prestar contas comigo mesma. Sei que me cobro muito, sei que não faço tanto quanto gostaria, mas faço o que posso e o que posso me tornar uma pessoa melhor.

Procura-se uma casa

Alexandre Lucas

Casamento e casa têm tudo haver. Conheço gente que casou com trezentos infinitos sonhos e com os olhos mais adocicados da vida eterna: só esqueceram de combinar com o destino. Vivi em tantas moradas, nenhuma minha, estive de passagem. A gente passa, ocupa os cômodos e quando estamos sozinhas fazendo coisas inacreditáveis. Outro dia, conversei com o espelho um tempão, ele ficou ali parado, lógico, ainda tentei conquistá-lo, quase me convenci que era uma infalível conquistadora.

Quando me casei pela primeira vez, talvez tenha casado outras vezes, não lembro. O fato é que naquele momento, tinha a certeza de que encontrava o que desejava há muito tempo, aquele aconchego, os braços espalhados pelo chão frio, a bolinação nas coisas e as portas fechadas para os momentos de flores e sossego. Encontrava a alforria, enquanto, outras encontravam o amor.

Na casa a gente guarda um monte de coisas. Vamos juntando retalhos da vida, as cores pálidas e envelhecidas das paredes, as lembranças das chuvas e das goteiras, as lágrimas, gargalhadas e os miados famintos da gata ocupando os telhados durante as madrugadas. As despedidas de cada canto.

Quando se pensa em ganhar em um desses prêmios grandes, com muito dinheiro, a primeira coisa que transita entre os olhos e os soluços é a casa. Desacasada, ainda creio encontrar uma casa, já que os amores são impossíveis.

Uma universidade nasce e cresce

Luciana Bessa

O nascimento de uma Universidade traz em seu bojo, para além do desenvolvimento de uma região, a oportunidade de formar sujeitos, que conscientes de seu papel social, contribuirão, cada um dentro da sua profissão, para a construção de uma sociedade mais equitativa.

A Universidade Federal do Ceará (UFC), cujo lema é “O universal pelo regional”, não cabendo dentro si, já que seu papel é gerar e difundir conhecimentos, criou a Universidade Federal do Cariri (UFCA), que dentre seus valores estão: respeito e valorização pela diversidade, gestão participativa, ética e transparente, valorização da cultura regional, compromisso com a responsabilidade social e sustentabilidade, etc.

Pelos idos dos anos 2000, foi implantado o curso de Medicina em Barbalha, cidade conhecida pelas festividades do **Pau da Bandeira de Santo Antônio**, patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2015 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em 2006, a UFC implantou na região outros cinco cursos: Administração, Agronomia, Biblioteconomia, Engenharia Civil e Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) – cujas aulas ocorriam nas cidades de Juazeiro do Norte e do Crato.

Em 20 de agosto de 2008, foi inaugurado nas terras de Padre Cícero, sacerdote católico em processo de canonização pela igreja católica, Juazeiro do Norte, a estrutura física do campus avançado da UFC. No ano seguinte, foram concebidos os cursos de Jornalismo, Engenharia de Materiais e os antigos cursos de Educação Musical (atual licenciatura em Música) e de Design Produto (atual Bacharelado em Design) ofertado em duas vertentes: Design Gráfico e Design de Moda.

Como para frente é que se anda, em 2010, surgiu o curso de Administração Pública e, 2011, foi inaugurado o Centro de Ciências Agrárias e Biodiversidade (CCAB), na cidade do Crato, “Oásis do Sertão”.

Em 2013, depois de uma longa parceria e de grandes aprendizados entre a UFC e a UFCA, a Lei 12.826, de 05 de junho de 2013, permitiu um desmembramento entre ambas as instituições, mantendo entre elas um Termo de Cooperação.

Autonomia conquistada, mais dois *campi* foram inaugurados: o de Brejo Santo, conhecido por suas vaquejadas, que abriga o Instituto de Formação de Educadores (IFE); o de Icó, “Terra do Louro”, que não recebe mais estudantes presencialmente, mas que oferece dois cursos tecnológicos na modalidade a distância: Produção Multimídia e Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Em 2019, foram concebidos os cursos de Ciência da Computação, Ciências Contábeis, Matemática Computacional e Licenciatura em Letras-Libras. Em 2020, começaram as atividades dos cursos de Medicina Veterinária e de Pedagogia.

Muitas foram as mãos que construíram essa narrativa, desde a primeira reitora (*pro tempore*), professora Suely Salgueiro Chacon e o primeiro reitor eleito pela comunidade acadêmica, Ricardo Luís Lange Ness, somado a uma legião de diretores (as), pró-reitores (as), procuradores (as), técnico-administrativos (as) e colaboradores terceirizados.

Nesses dez anos de existência, a UFCA tem uma trajetória que congrega: 3.780 estudantes (graduação e pós-graduação), 648 servidores (docentes e técnico-administrativos), 266 colaboradores (nenhum foi demitido no período da pandemia, COVID-19), 25 cursos de Graduação, 7 cursos de Especialização (6 deles, Residência Médica), 4 cursos de Mestrado e 1 de Doutorado. Além disso, é a única Universidade Federal do país, que tem uma Pró-reitoria de Extensão (PROEX) e uma Pró-reitoria de Cultura (PROCULT), o que possibilita que ela seja baseada num quadripé: ensino, pesquisa, extensão e cultura.

Cada vez que uma universidade nasce e cresce, novas pesquisas são concretizadas, a população é beneficiada, produtos são fornecidos à sociedade, sujeitos se tornam mais conscientes de seu papel social e participativo e numa só voz conclamam para que todos (as), de “Mãos Dadas”, lutem pelos ideais democráticos.

Eros: um deus de sete faces

Luciana Bessa

Em prosa ou em verso, o amor é o tema mais vasto da Literatura, seja ele platônico, aristotélico ou erótico. O erotismo é intrínseco ao humano, motivo pelo qual acreditamos que ele esteja na religião, nos sistemas de crenças e, claro, nas artes.

Na pintura, podemos apreciar o erotismo em **O nascimento de Vênus**, de Michelangelo, ou na escultura de Auguste Rodin, **O Beijo**. Na Literatura, o ser erótico foi cantado em verso por Giovanni Boccaccio em **Decamerão**, e depois, pelo Marquês de Sade, em **Contos Libertinos**. Já na prosa, seja na literatura estrangeira, **Lolita** (1955), de Vladimir Nabokok, **Delta de Vênus** (1978), de Anais Nin, ou na literatura brasileira, com **A casa dos budas ditosos** (1999), de João Ubaldo Ribeiro, ou **Gabriela, Cravo e Canela** (1958), de Jorge Amado, o erotismo se presentifica.

É bom destacar que existe uma oposição entre o 'amor erótico', caracterizado pela paixão, pelo desejo sexual, carnal e sensual, e o 'amor não erótico', caracterizado pelo sentimento altruísta, pela pureza e pelo carinho. Embora haja essa separação, ambos os amores se completam, pois os relacionamentos estão imbricados do erótico e do não erótico.

Falar sobre o Erotismo pressupõe conhecermos Eros - termo usado pelos Gregos para se referir à paixão aplicada ao amor e ao desejo. Em **O Banquete**, de Platão, texto em forma de diálogo, ou melhor dizendo, há um duelo entre sete personagens acerca de Eros, o deus do amor, descrito de forma multifacetada.

A primeira personagem é Fedro. Para ele, Eros é um dos deuses

mais antigos surgido depois do Caos na terra. O fato de ser antigo traz diversas fontes do bem e de tudo que o ser humano possa vir a conquistar. Dignidade e riqueza, por exemplo, não se compara à beleza que Eros é capaz de exalar, além do poder de insuflar os homens a grandes feitos. Só quem ama, verdadeiramente, é capaz de morrer pelo outro.

Pausânias, segunda personagem, não concorda com o elogio a Eros, proferido por Fedro, pois alega que este é dual: Eros Celeste e Eros Vulgar. Em sua visão, qualquer ação não pode ser considerada boa ou ruim. Para que uma ação seja boa alega que a mesma deva estar fundamentada na justiça. Da mesma forma deve ser com o amor. Eros Celeste está para justiça e a beleza, assim como Eros Vulgar está para a cobiça, a iniquidade e os caprichos da matéria.

Em seguida, Erixímaco, educado nas artes médicas, completa o discurso de Pausânias dizendo que Eros além de habitar nas almas dos homens, habita outros seres como os animais e as plantas. Em sua concepção, a natureza orgânica é composta de dois Eros: saúde e doença. O primeiro reside no corpo são; o segundo, no corpo enfermo. Tal como a medicina que precisa lidar com a dualidade saúde/doença, Eros deve procurar o equilíbrio entre as necessidades físicas e as necessidades espirituais.

Já Aristófanes enfatiza o total desconhecimento por parte dos homens do poder exalado por Eros. Conhecer esse poder pressupõe conhecer a história da natureza humana. Assim, ele passa a explicar a teoria dos andróginos, mito da nossa unidade primitiva e posterior mutilação. Para Aristófanes, havia três gêneros humanos, que eram os duplos em si mesmos: o gênero masculino masculino masculino, o gênero feminino feminino feminino e o gênero masculino feminino masculino, o qual era chamado de Andrógino.

A quinta personagem, Agaton, acredita que seus antecessores enalteciam Eros em demasia, pois para se louvar quem quer que seja, é primordial conhecê-lo primeiro para depois elogiá-lo. O concebe como um deus jovem e feliz, de aparência simétrica cujas virtudes são a temperança e a justiça. Não recorre à força e à violência não o atinge. Sua habilidade maior é a criação. Eros é criador (*poietés*) e mestre dos criadores (artistas).

Em seguida, Sócrates afirma que o amor é algo desejado, mas que só pode ser desejado quando lhe falta e não quando possui, pois não se deseja aquilo que não se tem. O “objeto” do amor sempre está ausente, mas sempre é solicitado. Em suma, sempre que pensamos tê-lo atingido, ele nos escapa. Por fim, Alcibíades ao invés de discorrer sobre Eros, faz um elogio a Sócrates.

Sete personagens, sete concepções diferenciadas sobre esse deus. Afinal, o que é Eros? Um anjo entre o divino e o humano? O mal disfarçado de uma rara beleza? Por que todos desejam senti-lo?

A própria Bíblia em Coríntios traz essa resposta: uma vida sem amor de nada valerá. Entre a fé, a esperança e o amor; o maior sentimento é o amor. De modo geral, estamos diante de uma força avassaladora da qual todos nós não podemos escapar, que vem e que vai a seu bel-prazer dos corações humanos.

Rosto celeste

Alexandre Lucas

São quatro rostos azuis, poderia ser qualquer outra cor, mas escolhi o azul. Rosto azul, acredito que só pintado mesmo. Ainda não estão prontos, são só esboços, são similares pelo formato. Tentei fazer parecido comigo, mas sei que sairão bem diferentes. Gosto de imagens deformadas, sem seguir padrões: olho maior que outro, a boca maior que a cabeça e por aí vai. Isso não significa que descarto a perfeição, mas é porque sou ruim mesmo em perfeição.

Fico pensando onde colocar quatro rostos, apesar de não estarem prontos, acredito que não serão alegres, no máximo sérios. O que já é um problema, as coisas sérias dão medo. O casamento ou ter uma filha, por exemplo, é algo muito sério, as pessoas morrem só de medo.

Acho que esses rostos não cabem na casa em que divido com alguns baús, livros e outros quadros, sem contar que ando esbarrando ultimamente em guerras mundiais que residem em mim, a guerra é minha, portanto, eu digo o tamanho dela e pronto.

O que fazer com esses quatros rostos? Sei que ninguém da família vai querer, não quiseram outros, por que iriam querer esses? A família gosta de quadros perfeitos, vendidos em larga escala. Tenho tempo para decidir o que fazer e deve ter alguém que queira um rostinho azul.

Fiquei pensando agora na cor. Minha amiga, que é poeta, diria que são rostos celestes, só porque o céu é azul e suas nuvens são deformadas. Eu aqui rindo, tentando explicar que só me restava tinta azul.

Segue a viagem

Alexandre Lucas

Domingo, a praia se espalha diante dos olhos, os nervos entram em tempestade. O patuá de Yansã repousa no fundo da bolsa. O coração é espremido, talvez exploda. A mãe mastiga batata, o filho fica quieto, pelos menos por alguns minutos.

A moça do lado olha pela janela, as luzes descrevem as estradas. O seu diálogo é curto e desconvidativo.

O jovem bebe o seu descanso e recita seus versos de improviso. Recebe aplausos e mais uma dose.

A maioria dorme, enquanto a noite se encurta. Faz escuro, mas o sol nasce pelas manhãs, porém pode chover.

Procuro as estrelas, já não estão no céu, muito na bolsa carregada de livros e roupas sujas. A moça do lado continua calada, suas pernas balançam, parece inquieta.

O ônibus segue viagem, mas circula pelos mesmos caminhos. Ando só. Já não tenho notícias do desembarque, faz frio e os lençóis foram jogados pelas janelas.

Canto Belchior para enganar o desespero, enquanto a viagem segue.

Sei que sou jovem

Isabele Vasconcelos Palmeira

Sei que sou jovem,
Sei que não aceita
Sei que é “besteira”

Me perdoe por saber tanto
Por entender
Por correr atrás
Por gritar bem alto
Por não ter o que você chama de limite

Nem tente me entender
Não vai conseguir
Infelizmente,
Não consegue se pôr no meu lugar.

Não vou mudar quem sou,
Nem o que acredito,
Não por um alguém.

Não tenho vergonha,
Não mato,
Não roubo,
Não te repreendo e
Nem uso minhas crenças contra os outros.

E o amor ao próximo?
E o respeito?
Cadê?
Sabe o que é isso?

Sinais de desconfiança

Alexandre Lucas

Acabei de almoçar, a companhia estava mais deliciosa do que o almoço. Cozinho pouco e, de vez em quando, acerto. O meu amor veio só almoçar, é uma raridade almoçamos juntos: hoje foi um dia de sorte. Quando ele saiu, fui para varanda, assistir de camarote com as roseiras o carnaval da comunidade.

Por aqui a calma se apresenta, dando sinais de desconfiança. Vou recolhendo as imagens: um gato branco com heterocromia caminha lentamente, as crianças se melam com goma, os lençóis amarelos da vizinha estão estendidos no varal da rua, nas calçadas as senhoras de cabelos brancos tricotam conversas.

Os carros e motos da polícia militar desfilam pelas ruas. Os policiais fazem pose para serem fotografados com armas em punho e rostos de perversidade, enquanto dispensam gentilezas. Os moradores fingem normalidade e mudam o ritmo da dança.

O casal sentado à mesa bebe os desgostos da vida, olham, sem conversar para horizonte, enquanto escutam uma música que é uma mistura de curto-circuito com aeróbica sexual; suas crianças brincam de se melar, tacam goma umas nas outras.

O som está insuportável. É preciso gritar para conversar, mas é carnaval, as pessoas parecem que querem dançar, mas continuam sentadas. Questiono-me sobre a função do som alto disparado das calçadas.

Escuto a batida do martelo: é o vizinho ampliando o seu comércio, se preparando para os próximos carnavais.

Saí do camarote e percebi que a vida continua, apesar dos carnavais.

Sobra algo

Alexandre Lucas

Acabei de tomar banho e os pensamentos continuam sujos. Sobram dois dedos de vinho, mas já estou embriagada sem beber. Abro a boca, é sono mesmo, quero resistir, mas me faltam forças. A vizinha diz que, se a noite for boa, a manhã será maravilhosa, faz sentido, mas não é uma regra. A outra vizinha diz que o dia de amanhã a Deus pertence, deve ser por isso que o dia de hoje está esse inferno, porque só amanhã será de Deus.

Hoje estou flertando com as minhas interrogações. Nada mais. Sem paciência para jogos de cartas, sempre perco. Os dois dedos de vinho estão me esperando, um compromisso que não tenho.

Hoje é sábado, exatamente sábado, dia em que o prazer bate pernas e a noite não dorme. Eu, já não faço parte desta paisagem, estou intocada dentro dos meus medos e com um liquidificador na barriga.

A memória pia cheia de mentiras que guardo como verdades. O velório foi ontem, doeu como chicotadas. Amanhã queimo tudo, já tenho lembranças que ocupam muito espaço. Ele era bom, é o que aprendemos a dizer, quando o sujeito morre, se enterram pecados. Sempre sobra algo, aqui sobrou dois dedos de vinho.

Sou Juazeirense

Maykon Ferreira

Sou muito feliz.
Sou muito inteligente. Sou menino bobo.
Sou gente da gente.

Nasci no dia 24 de janeiro, Na terra de Cícero Romão.
Vim ao mundo 13:30 da tarde, No calor, típico de nossa região.

Na escola estudei essa terra, Chamada Juazeiro do Norte. Aonde quem
aqui vem morar,
Tem aqui todo o suporte.

E ainda te digo, aqui é sensacional.
Aqui pelo menos a metade das pessoas,
Trabalham e estudam,
Para tornar um ótimo profissional.

Tenho orgulho de dizer sou daqui,
Deste lindo e aconchegante lugar.
As comidas, tradições, religiosidade.
Que aqui existe, você não encontrará.

Quer comer um mungunzá, cuscuz
E a tapioca, venha aqui, nos visitar. Aqui você vai provar, as melhores
comidas deste lugar.

Ah! eu não sei como chegar.
É só informar o lugar:
entre dois municípios Crato e Barbalha, para ser mais exato no
Centro CRAJUBAR!

FIM!!!

Sou uma mentira

Alexandre Lucas

Já confundo todos os olhares e desconheço todas as luas. Construo versos para trincar certezas e já não me deito na cama para enganar o coração. É tempo de amor, porque ele nunca sai de moda.

Sou toda mentira que o amor é capaz de fazer. Inventei na palavra que o amor era maior que a imensidão do universo e previsivelmente mais quente que o sol, fui dogmática e professei que o amor era eterno. Lógico que dopada e embriagada pela realidade alienante.

Eu espedaçada, fui triturada, mas o amor nos faz mosaico, um todo formado de pedaços. Enquanto me deito, não espero nada, mentira, estou esperando e de vez em quando sonho, nem tudo é desespero. Ainda vejo estrelas e mares nos olhos. Estou vivinha, ainda, assim quero ficar. Porque dizem por aí que o amor é perigoso, vejo nas manchetes dos jornais flores, infelizmente nós caixões.

O amor é um bicho louco. O amor me esperou na esquina. Teve uma vez que passou no trem. O amor ficou em casa guardado nos livros. Apareceu cansado e o vi pelas frestas. O amor é teimoso e não obedece a razão. É carne, fogo e furacão, mas é também são manhãs de domingo mais preguiçosas, as equações de sexto grau, que não sei nem o que é, só sei que são de difícil resolução, principalmente para mim que não tenho nenhuma intimidade com a matemática.

Depois que cercaram as terras, o amor ficou tão desigual que desconfio que ele foi reinventado.

Sou

Isabele Vasconcelos Palmeira

Sou poeta,
Sou feliz,
Sou expressiva,
Também sou a minoria,
Mas apesar de tudo
Vivo minha vida.
Muito bem vivida
A felicidade me acompanha
E sigo meu caminho.
Com muita esperança
Quero que siga comigo,
Com verso no coração
Na poesia me encontro
Lá é o meu ponto
Onde me encanto
E faço meu canto.

Sublime Amor

Fabiano Santiago Lopes

Eu nunca pensei que comigo de novo,
Pudesse acontecer.
Que os brotos do amor em mim,
Viesse florar e florescer.
Aquele dia não ficou registrado em fotografia,
Mas, ficou gravado em nós e da mente não saia;
Abraços, beijos e carinhos eram constantes,
Mais precioso que joia rara ou o melhor diamante.
Se eu tivesse que caminhar uma milha.
Iria atrás de você, acharia uma trilha,
Mesmo que tivesse numa ilha.
Eu me doaria por inteiro por você.
E com certeza voce iria perceber.
E o resultado seria perfeito,
Será que por você eu fui eleito?
Eu deixaria a vida que tenho...
Por esse amor tudo que tenho é pouco.
Por esse amor por ti, eu passo como louco;
Sou capaz de poesia por ti declamar,
Pura emoção pulsante; por te amar.
Não há muito de novo para se falar,
Não existe palavras que possam expressar.
Mesmo insisto do meu jeito...
Não tenho que pensar,
Eu só preciso executar.

Com paixão te amar,
Para o meu sentimento então libertar.
Eu desejo que minha voz,
Seja doce ao tratar você com emoção,
E que voce acreditasse na minha intenção.
Que eu enxergasse no seu olhar,
A reciprocidade bailando no ar, então;
O que emana de dentro do meu coração?
Eu seria um romântico do classicismo?
Ou mais um poeta tosco do pós-modernismo.
Eu formulo o infinito dentro de mim,
Quero que comigo e com você seja assim.
Não consigo nem imaginar o nosso fim.
Você é como o girassol para mim.
A qualquer situação inóspita e direção,
Que se adequa a qualquer situação.
No meio de um campo sem fim,
Eu vejo como isso é verdadeiro sim.
Como isso pode acontecer?
A extensão disso eu não posso ver.
No nosso amor eu quero aprender;
A ser atencioso e carinhoso com você.
Não quero mais cometer velhos erros,
Aprender com o passado sem menosprezo.
Um amor verdadeiro e duradouro,
Não vou deixar que você fique no passado de novo.
Preservar esse sentimento é um tesouro.
Você chegou, voltou pra minha vida;
Não vou mais deixar que saia,
Ou que ultrapasse a porta de saída.
Você agora é parte de mim,
Não vou deixar que sofra ou chore por mim.
Quero ver a alegria crescente no seu rosto,
Que a vida nos aceite e nos dê conforto.
Quero com delícias e muitas emoções

Em nossos corações.
O pôr do sol eu quero contemplar com você,
Você aceita comigo amanhecer?
Que deus abençoe esse terno conceber.
É o que me inspira esse belo entardecer.

Tem um redemoinho na barriga

Alexandre Lucas

Perdida. Toquei fogo no mapa e a barriga tem um redemoinho. Não passa ninguém, apenas o silêncio transita. Isso foi ontem, não morri, mas contínuo desencontrada.

Juntei todos os comprimidos, inclusive os de tarja preta, coloquei o copo de lado, água bem geladinha. Fui brincar de jogo de botão com os remédios. Distrair-me. Não apareceu nenhuma bússola. Os comprimidos, joguei na privada e fiquei observando-os boiando até se dissolverem. Muito tempo olhando.

A amiga mandou uma oração, preferia um chocolate. Mesmo assim fui ler a bendita reza: assustadora. Ensinava a ser submissa. Rasguei, esse não deve ser o caminho da salvação.

Desconsertada, caminho. Talvez hoje, deixe o feijão queimar. Releia as antigas anotações, refaça a agenda do mês e no meio do caminho saia organizando as pedras.

Tentei falar

Alexandre Lucas

Não deu para esquecer a indiferença. Naquele dia não teve festa, nem morte, mas tinha quase 45 anos envolvidos e a descrença alheia. Mentirosa, exagerada, chata e outras coisas que esqueço é vendaval de sinônimos que tatoo na alma. Rostos pálidos e silenciosos capazes de escavar minha cabeça. Faltou brilho, sobrou desvio de olhar.

É como se tivesse nua gritando por socorro e ninguém pudesse escutar. Como se tivesse num país desconhecido em que a minha língua fosse estranha e ainda estivesse invisível.

Precisava dizer para o mundo que fui violada, sem viola e sem verso florido. Homens e mulheres me tocaram com suas palavras de arames farpados. Sentir o roçado de cada palavra nos meus pensamentos: dói, sangra e revolta. Sentir também o peso da mão, da sandália e do fogo na carne sem intervalos distantes.

Fui a besta fera, pelo menos fui atentada a acreditar. Tenho minhas dúvidas sobre minhas crenças. Um nazista ensinou que uma mentira dita mil vezes se torna verdade. Será mesmo que não sou a besta fera? Hoje duvido.

Tenho mais liberdade em falar com as paredes, a interação é maior. Não precisa acreditar, pelo menos sei que estou falando com algo que não tem alma, dói menos.

O laudo saiu e atesta que sou inocente, nem pura, muito menos virgem, apenas enganada.

The Last Of Us

Renato Mendes

New the Walking Dead?

Surfando na onda de séries pós apocalípticas, que ganharam ainda mais força no cenário pandêmico, a HBO acertou na produção de The Last Of Us. No entanto, a série é bem difícil de ser comparada a outras do gênero. The Walking Dead, por exemplo, é semelhante por também ter uma versão como jogo, só que é menos conceitual, os infectados têm mais protagonismo e são mais violentos. A morte de Tess (Merle Dandridge) é um bom exemplo, quando encurralada pelos “zumbis”, eles não a mordem todos de uma vez, como aconteceria no produto da AMC, mas apenas um infectado deixa os esporos entrar pacificamente pela boca dela. Grosseiramente, há pouquíssimas semelhanças entre as duas produções.

Fazendo o comparativo entre as duas, um elogio a HBO foi mostrar a origem da infecção logo no começo. Enquanto o AMC já produziu 11 temporadas sem esclarecer o caos instalado no planeta.

Atuação de gala

The Last Of Us é uma adaptação de um jogo homônimo, nela um fungo sofre uma mutação e passa a ter capacidade de controlar o cérebro dos humanos. Esse parasita se espalha pelo consumo de produtos à base de trigo. Elie, interpretada por Bella Ramsey, chega para o nono episódio depois de enfrentar e matar um líder religioso, que tenta cortá-la para alimentar sua comunidade. A garota demonstra estar completamente abalada por

tudo que aconteceu. Ela ainda sofreu várias perdas ao longo da trama. Tess (Merle Dandridge), Sam Burrell (Keivon Woodard) e, principalmente, a melhor amiga Riley (Storm Reid), ficaram pelo caminho arrasando a personagem e exigindo uma carga de atuação mais dramática de Bella. E é nesse episódio que ela se mostra como uma grande atriz. Não sendo nenhuma surpresa, pois apesar de jovem, a atriz fez belos trabalhos, incluindo participações em outras séries. O jornal **The New York Times**, por exemplo, a colocou como “grande destaque da sexta temporada” de *Game of Thrones*.

Pedro Pascal, o Joel na série, também faz uma grande atuação, mas ao contrário da parceira tem um currículo invejado em Hollywood. E já teve a experiência de protagonizar o título mais popular da Disney, **The Mandalorian**. Esse capítulo é fundamental para entender melhor o seu personagem. Joel depois da morte da filha, Sarah (Nico Parker), tinha como combustível para viver a busca pelo irmão, Tommy (Gabriel Luna), no entanto seu emocionante reencontro com o irmão não atendeu às suas expectativas. O final do enredo coloca, mais do que nunca, Joel como pai de Ellie. Ele é peça fundamental para levantar o astral da garota e expõe totalmente sua falta de escrúpulos para defendê-la. No começo da história, ele é ainda uma espécie de super homem, forte e indestrutível, só que na reta final da busca pelos vagalumes acaba admitindo que atentou contra sua própria vida. Tal cena engrandece seu personagem, e expõe a proximidade familiar com Ellie.

A crítica tem uma tendência a comparar o jogo com o seriado. Isso é inevitável nesse tipo de adaptação. Em tal quesito os produtores foram astutos conservando a essência do jogo e adicionando pontos-chaves.

O início do fim

As primeiras cenas são simplesmente impecáveis e elas não fazem parte do roteiro do *game*. Primeiro começa com Anne, ainda com Ellie na barriga, fugindo de um contaminado. E é admirável ver as semelhanças gestuais da atriz Ashley Johnson com a heroína Ellie. Os telespectadores que são *games* matam logo a charada de que ela interpreta no jogo justamente a estrela principal. Chama a atenção também, a similaridade

física. Sem nenhuma dúvida, Ashley foi uma escolha perfeita para o papel.

Na cena seguinte, Anne entra, prestes a dar à luz, em uma casa vazia. No exato momento do nascimento, o monstro a ataca. E os fãs percebem o motivo da imunidade de Ellie. Sua mãe mata o *Cordyceps* com o mesmo canivete que corta o cordão umbilical.

O enredo do episódio foi brilhantemente amarrado para causar emoção. A bebê é entregue logo no começo para Marlene (Merle Dandridge). E no final ela diz para Joel: “Eu tava lá eu prometi a mãe dela que cuidaria dela”.

Momentos pai e filha

Após a tensão inicial, começa uma caminhada entediante até o laboratório. A cidade está completamente destruída e o enquadramento favorece a percepção da destruição. Parte do cenário está coberto de folhas, tal como no jogo. Ellie não demonstra nenhum interesse em conversar com Joel, até que o aparecimento de uma girafa quebra o clima de tristeza da garota.

Após o encontro inusitado, eles começam a conversar descontraidamente. E se quem assiste já tinha começado a ficar com sono, o relato de Joel sobre a origem da marca no rosto chama a atenção. Depois Ellie começa a ler o seu livro de piadas ruins. De forma bastante apelativa, mas necessária, o momento leve é quebrado abruptamente com uma granada para espantar a melosidade.

De todas as maneiras possíveis de entrar no laboratório, eles serem sequestrados foi o mais absurdo possível. Acordando numa cama, Joel encontra Marlene, a qual explica a necessidade de fazer uma cirurgia para extrair uma possível cura para a humanidade.

Fim surpreendente

As cenas anteriores no enredo humanizam Joel, fazendo compreensível sua decisão de não aceitar fazer o procedimento. Depois de tudo ele não

poderia nem pensar em perder a nova filha. Só que no contexto era tudo ou nada para ele, então foi obrigado a matar quem o impedisse de tirar Ellie do hospital. Logo a série, e o episódio em específico, que tinham poucas cenas de ação, até aquele momento, dar lugar a uma sequência de tiros a queima roupa. Por um momento a série ficou idêntica ao *game*, pessoas sendo assassinadas por Joel. Simplesmente tiro ao alvo, embalado pela trilha sonora dramática, sem nenhuma dificuldade para o grande herói. O foco da obra não é a troca de tiros, talvez por isso uma cena tão pobre.

O valente protetor, antes adoçado, deu lugar a um matador frio. E essa visão negativa é ainda mais reforçada quando ele mente olhando nos olhos de Ellie. E ainda mata Marlene desarmada com dois tiros. A parte final coloca no início uma expectativa que Marlene encontraria Ellie, só que tal coisa não ocorre.

Todas as cores da cultura: flores será

Dark Ferreira

Era uma vez uma cidade que havia esquecido o valor da cultura. As ruas da cidade estavam em silêncio, sem música, sem poesia, sem teatro. Os artistas, artesãos, escritores, e músicos não tinham nada para fazer e, além disso, tudo o que eles criavam não era valorizado.

Mas havia um grupo de pessoas que acreditava que a cultura era o coração da cidade e que, sem ela, o lugar deixaria de ser uma cidade. Esse grupo se reunia em pequenos espaços, nos quais compartilhavam as suas inquietações e desejos. Eles sabiam que a cidade precisava de cultura e que eles próprios precisavam da arte para viver.

Então, eles decidiram fazer alguma coisa. Eles começaram a escrever cartas abertas para os governantes, organizaram protestos pacíficos, criaram eventos artísticos independentes, e procuraram parcerias com empresas privadas. O objetivo era mostrar que a cultura não era luxo, mas sim uma necessidade para a cidade e para as pessoas. Estes guerreiros culturais acreditavam que a arte podia transformar as vidas das pessoas, e assim, decidiram dar o exemplo.

Em um primeiro momento, os governantes pareciam indiferentes, mas os artistas não desistiram. Eles criaram, então, projetos colaborativos, que permitiram que mais pessoas se envolvessem nas atividades culturais da cidade. O movimento foi crescendo e, com ele, também surgiram novas perspectivas.

Finalmente, as autoridades perceberam que a cultura era vital para a cidade e, pouco a pouco, começaram a dar mais atenção a ela. O orçamento

para a cultura aumentou, os salários dos artistas foram reajustados, e os equipamentos fornecidos para as atividades culturais foram renovados. A cidade voltou a ter vida e energia. Os museus, teatros, praças e ruas eram novamente ocupados pelos artistas e, conseqüentemente, as pessoas sorriam novamente.

E assim, a cidade voltou a ter a sua alma de volta. Graças à coragem, à determinação e à dedicação de um grupo de pessoas que nunca desistiram de lutar pela cultura. A cidade agora era um lugar colorido, diverso, e repleto de expressões artísticas. As pessoas celebravam a cultura e reconheciam a importância das artes para a vida. E, como dizia um poeta escritor local: “A cultura é a flor da cidade, o seu perfume, a sua energia vital, o seu coração”. E nessa cidade, a cultura finalmente floresceu.

Um bom batedor

Alexandre Lucas

Tenho linhas que não me confortaram. Escrevi com cacos de vidro o que não conseguia pronunciar. Trago nos braços a distância do abraço e as cicatrizes de pai.

Nunca fui boa de briga, mas em casa, as tapas eram constantes. Os gritos, os choros e o sangue se faziam mais triviais que o arroz e o feijão.

Mãe odeia pai. Ele sempre foi agressivo. Eu guardada no silêncio, plantei dentro de mim o que mais escutava: “você não vale nada”. De tanto ser expulsa da alegria, segui os conselhos de pai que sempre me dizia: “sai daqui!”.

Cada um agora segue seu lado. Mãe se casou. Tenho uma madrasta amorosa, adora me abraçar, a cada instante faz presentes com suas mãos para transbordar meus sorrisos. Pai já está no segundo casamento, mora distante, foi preso algumas vezes, continua sendo um bom batedor. Amo pai, mesmo ele dizendo que não sirvo para nada.

Um desconhecido para se conhecer: Raimundo Lázaro Ribeiro

Taynara Oliveira

Muito além de carpinteiro, bilheteiro. Muito além disso, era um orgulho ser chamado de poeta. Raimundo Lázaro Ribeiro, nascido em 21 de setembro de 1924 em Campos Sales, no Ceará, que foi sua morada durante toda sua vida, escrevia suas rimas em qualquer pedaço de papel que tivesse espaço para alguns rabiscos. Muito conhecido em sua cidade, era teimoso, pois persistia em tudo que fazia, forte, foi guerreiro, venceu um câncer no auge dos seus 80 anos. Sabia que a vida nunca era fácil para ninguém, mas em meio às dificuldades tinha seus momentos de graça e adorava fazer rima.

Suas rimas eram sempre em formato de cordel, umas muito engraçadas, outras bem sérias e de cunho político, de tudo ele rimava, escrevia tudo o que via, principalmente se aquilo que ouvia lhe causasse estranhamento. Juntava tudo em pedaços de papéis e depois sentado e sossegado escrevia sem parar. De pouco estudo, mas conhecedor da vida e dos costumes, relatava tudo com perfeição, sabia a métrica da rima sem nunca ter estudado para isso.

Escrevia sobre o homem, a mulher, sobre as ruas, sobre seus vizinhos, filhos, netos e amigos, mas escrevia também sobre política e religião. Cantarolava, aqui e acolá umas canções que considerava ser canções de amor, e a missa não perdia um dia. Devoto do Divino do Pai Eterno, todo dia colocava água para benzer e curar o mal do corpo, como ele mesmo dizia, afinal foi o Divino quem lhe curou do câncer, e isso ele fazia questão de dizer e rimar.

Por onde passava alguém lhe pedia: seu Raimundo faz um verso

disso, faz um verso daquilo, era sua alegria. Sentava todas as tardes na calçada em sua cadeira de balanço, encantando a todos que passavam por lá. Mas a alegria maior foi ter escrito um cordel que ficou famoso lá pelas bandas da capital (Brasília) no ano de 1986 chamado de **A nova lei do cruzado combatendo a inflação**, cordel esse que chegou nas mãos do presidente José Sarney e foi respondido por ele. O cordel fala do aumento dos produtos, e como as pessoas mais pobres sofreram com essa inflação, como também traz um ato de agradecimento ao Presidente da República pelo decreto que congelou o preço dos produtos, principalmente daqueles que mais doíam no bolso da população mais carente, que foi o gás, o combustível, a carne, arroz e o indispensável cafezinho. Tem rimas envolventes e que nos lembram a gestão dos anos de 2018 a 2022, com o aumento contínuo e generalizado dos preços em nossa economia.

[...] tem o problema da carne
isso é que me dá desgosto
o pobre vai ao açougue
comprar carne pro almoço
porém a carne melhor
foi vendida pros café
do preço que o rico come filé
o pobre come o pescoço

[...] quando sobe a gasolina
subia o óleo e o gás
cuidava em remarcar tudo
Assim é o que o rico faz
mas isso já não existe
agora está tudo triste
porque não remarca mais

[...] Ai de quem desobedece
saindo fora da lei
remarcando seus produtos
achando que não é fei
estes, podem ser multados

se brincar é processado
tem que respeitar Sarney

Raimundo Lázaro Ribeiro, homem de conhecimento envolvente, mas que não teve a sorte do reconhecimento literário, pois infelizmente a cultura muitas vezes banalizada não lhe deu o privilégio de prosseguir. Mas deixou legado, e vários papéis cheios de sua humilde caligrafia. Viveu até seus 95 anos rimando e alegrando quem o conhecia. Rimava e assinava no fim “aqui deixo gravado meu nome pra quem gosta de mim”.

[...] Eu peço desculpa a todos
não agravando ninguém
no céu vale quem merece
na terra vale quem tem
precisa todos saber
se rico pode viver
o pobre pode também

[...] Aqui termino meu verso
para todos brasileiros
moro aqui em Campos Sales
sou poeta e bilheteiro
sou pobre, porém sou homem
aqui assino meu nome
Raimundo Lazaro Ribeiro

Um outubro coberto de Rosa

Luciana Bessa

Enquanto os americanos vestem o mês de outubro de preto em alusão ao Halloween, comemorado no dia 31, nós, brasileiros, o vestimos de rosa em referência à conscientização para a detecção do câncer de mama.

É verdade que se trata de um período celebrado não só no Brasil, mas no exterior, desde a década de 1990, quando o laço cor-de-rosa foi lançado como símbolo pela Fundação Susan G. Komen for the Cure e distribuídos aos participantes da primeira **Corrida pela Cura**, realizada em Nova York (EUA) e, desde então, realizada anualmente.

Embora a ciência tenha respostas efetivas a muitas doenças, ela ainda não conseguiu descobrir quais as causas (específicas) para o câncer de mama, que podem ser de ordem: 1) comportamentais/ambientais – obesidade, ingestão de bebidas alcoólicas, exposição frequente a radiações ionizantes; 2) hereditárias/genéticas – histórico familiar; 3) aspectos da vida reprodutiva – contraceptivos hormonais como o estrogênio e a progesterona, terapia de reposição hormonal, etc.

Para mim, ter ou não câncer de mama tem a ver com uma “loteria inglória”: aquela que você não joga, mas pelo simples fato de ser mulher, independentemente da idade, conheço mulheres acometidas de C.A com 28 anos de idade, tem muitas chances de ser contemplada.

Escritoras brasileiras como Elvira Vigna, autora de **Como se estivéssemos em Palimpsesto das Putas** (2016); Ana Michelle Soares, **Enquanto eu respirar** (2019); Juliana Helena Mesquita, **Ousadia para viver** (2022); Carolina Magalhães, **Mas me parece que você tem câncer**

(2018) são algumas mulheres que, infelizmente, foram acometidas por essa doença (algumas vieram a óbito), que, se descoberta precocemente, tem cura em 95% dos casos. Por isso, a importância vital de se fazer o autoexame e a mamografia.

É missão de todos aqueles que detêm o conhecimento e os meios de comunicação, especialmente as empresas privadas, como Magazine Luiza; Ambev; Weg; Bradesco e Itaú, compartilhar informações sobre o assunto com os grupos desprovidos de tais conhecimentos, tais como mulheres pretas e pardas que, segundo pesquisa realizada pelo [instituto Datafolha](#), se consideram menos informadas sobre o câncer de mama.

Elas precisam saber e nós também que: 1) Câncer de mama tem cura; 2) Alimentação saudável, atividade física e amamentação são fatores protetores; 3) Genética não é o único fator de risco; 4) O câncer de mama não dá sinais na fase inicial; 5) O autoexame não substitui a mamografia; 6) O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece todos os tipos de cirurgia, como mastectomias, cirurgias conservadoras e reconstrução mamária, além de radioterapia, quimioterapia, hormonioterapia e tratamento com anticorpos; 7) A Lei nº 12.732, de 2012, estabelece que o paciente com câncer tem o direito de se submeter ao primeiro tratamento no SUS no prazo de até 60 dias a contar da data em que for firmado o diagnóstico em laudo patológico ou em prazo menor, conforme a necessidade terapêutica do caso; 8) Nem sempre é preciso retirar toda a mama; 9) Homens também podem ter câncer de mama; 10) A Lei nº 13.733/ 2018 institui a iluminação de prédios públicos com luzes de cor rosa; promoção de palestras, eventos e atividades educativas, veiculação de campanhas de mídia e disponibilização à população de informações em banners, em folders e em outros materiais ilustrativos, etc.

O outubro é rosa para aludir à beleza, à suavidade, às emoções e aos afetos que fazem parte do universo feminino. O outubro é rosa para lembrar a força e a esperança que permeiam todas as mulheres. O outubro é rosa para lembrar vida e saúde.

Uma leitora e seu carnaval

Luciana Bessa

Seja para quem gosta de folia ou para quem aproveita este feriado para descansar, o fato é que o carnaval é uma das expressões culturais mais festejadas e aguardadas pelos brasileiros.

Sou a típica foliã que me aproveito do carnaval para desacelerar desse cotidiano exaustivo de acordar cedo, trabalhar oito horas (no mínimo) por dia, resolver pendências domésticas e, se não bastasse, ser cobrada pela sociedade para ser simpática, gentil e bonita.

“Livre” de algumas obrigações, me concentro em mim mesma. A paz, o sono, a música e a leitura me preenchem de tal modo que, na Quarta-Feira de Cinzas, assim como os foliões sofrem com o fim do carnaval, eu padeço com o retorno ao barulho do dia a dia. E como uma personagem clariciana, eu me torno outra que não eu mesma.

Dentre tantas leituras para esse período (quase) sabático, ao colocar na estante a obra **Anarquistas, Graças a Deus** (1979), Prêmio Paulista de Revelação, da escritora Zélia Gattai, resolvi abri-lo justamente no capítulo “Anarquistas Ma Non Tróppo”, em que a filha de imigrantes italianos, seu Ernesto e dona Angelina, narra sua experiência e de suas irmãs com o carnaval.

O pai, um anarquista convicto, acreditava, por exemplo, que religião era algo muito sério, por isso, cada um deveria escolher a sua. Recusava-se “a cometer a violência de impor uma de doutrina aos seus filhos, simplesmente para atender às exigências da sociedade”. Mas em relação ao carnaval, o homem liberal se transformava um pai tradicional.

Quando Zélia, Vera e Wanda, vizinhas da Avenida Paulista, foco da animação, pediam para ir ao carnaval, o pai olhava para as filhas e perguntava: “ - Vocês sabem o que significa a palavra carnavales?”. A restrição imposta às filhas era esquecida, quando se tratava dos filhos. Durante os três dias, as mulheres Gattai sofriam o diabo, com a promessa de seu Ernesto de que “No dia em que o anarquismo triunfasse no Brasil, aí então ele soltaria as rédeas”.

Remontando a Idade Média e com a origem relacionada ao cristianismo, já que antecede os exatos quarenta e sete dias da quaresma, isto é, período litúrgico em que os cristãos se preparam para celebrar a ressurreição de Cristo, o carnaval, para mim, sempre foi um momento de imersão com minha solidão. Dentro dela, me sinto liberta das amarras que a sociedade tenta nos impor.

No Brasil, o carnaval chegou no período colonial, quando os portugueses aqui aportaram entre os séculos XVI e XVII e impuseram seus ideais à população indígena.

E como mudam-se os tempos, o carnaval também mudou e, hoje, essa festa conta com blocos de ruas, desfiles de escolas de samba, cada vez mais engessados e com uma nova modalidade: venda do posto de rainha de bateria, a bailes em hotéis luxuosos, cujo ingresso de milhões, garante visibilidade midiática durante algumas semanas.

Nesse ambiente de corpos sarados, rostos enfeitados, fantasias luxuosas, importunação sexual, camarotes caríssimos, em que se misturam alegorias e adereços, só uma coisa não mudou: o desejo de permanecer escutando o barulho que há dentro de mim.

Vazia

Tainara dos Santos Bento

Dentro e fora
Eu me sentia vazia
Vazia por dentro e por fora
Achei que ninguém ligasse
Mas estava errada
Um novo dia sempre vem
Pode nos pegar de surpresa
E aí você descobre
Que eles se importam com você
Não por fora
Mas por dentro
Eles lhe admiram tanto
Quando chora alguém vem te perguntar
Se você está bem?
Eles podem até não vir
Mas eles vão pensar
E pensar
E os que vem lhe perguntar
É porque, sim, eles se importam
Dê valor a essas pessoas que se preocupam
Tanto por dentro
Quanto por fora
No fundo, no fundo
Alguém sempre
Pensará em você
Sempre

Ventos

Alexandre Lucas

A porta está aberta, nenhum compromisso para hoje. Posso sair e virar a noite abrindo as pernas e assobiando, rindo alto e mapeando estradas desconhecidas. A lua está cheia, mas poderia estar do formato que quisesse. Posso gritar e me embriagar, chegar depois do sol. As pernas conseguem andar o bastante, nem preciso tomar café, sem sono algum.

Hoje, o som das ruas está mais agradável. Desliguei o jazz que sempre acalma, mas infelizmente o repertório estava como uma sopa sem verdura e sal, intolerável. Estou pronto: banhado, cheiro na validade e roupa limpa. Na carteira, tenho o suficiente para esquecer o meu nome e o caminho de casa.

Parece-me que os lugares estão fechados. Vejo pela fresta um redemoinho e uma criança rodopiando sem conseguir se segurar. O vento é tão forte que abafa o pedido de socorro da criança. Do lado de fora parece perigoso. O redemoinho não para: É a porta fechada da rua.

Tranco a porta. Apago a luz, tento dormir, tenho medo de redemoinhos.

Você se torna eternamente responsável pelo que lê e pelo que não lê

Luciana Bessa

Dia 14 de setembro parecia ser mais uma quinta-feira típica para o brasileiro: acordar, trabalhar, retornar para casa, reclamar do cansaço e se preparar para o “sextou”. “Eta vida besta, meu Deus”, diria o poeta *gauche* da literatura, Carlos Drummond de Andrade.

É bem verdade que a ciência é fundamentada com base em generalizações advindas das observações de um dado evento. Mas em um texto como esse, generalizar é um erro imperdoável.

Para Thiago de Assis Mathar, um dos participantes dos ataques golpistas de 8 janeiro de 2023, a quinta-feira (14), era um dia extremamente esperado por ele e por sua família. Afinal de contas, seu advogado Henry Kattwinkel Júnior “lacraria” em cima dos ministros da Suprema Corte. Atentar contra o Estado Democrático de Direito, invadir e deteriorar os prédios dos três poderes em Brasília em nome da “liberdade de expressão”, não seria garantido pela própria Constituição?

É verdade: no seu artigo 5º, parágrafo IV diz: “É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. O que o Thiago de Assis e muita gente não sabe, ou finge não saber, esquece, ou finge esquecer, é a expressão popular: “bateu, levou”.

Dito de outro modo, “liberdade de expressão”, não se trata de um direito ilimitado, acima dos demais e sem consequência. Que fique claro: com a mesma severidade com que julga, você será em algum momento condenado, lembra-nos o dramaturgo inglês, William Shakespeare.

Mas para entender tudo isso, é preciso sensibilidade, discernimento,



Versão Digital do
e-Book no QR Code

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI
PROCULT – Pró-Reitoria de Cultura

 **Nordestinados a Ler**